REVISTA arigó

uma publicação da Academia Volta-redondense de Letras (AVL)

2023 - ano 04 - número 05

https://www.revistaarigo.avl.org.br/

ISSN: 2764-1155

Expediente Número 05

Revista Arigó
ISSN: 2764-1155
Periodicidade: anual.
Contato: revistaarigo@avl.org.br
https://www.revistaarigo.avl.org.br/
Instituição responsável: Academia Volta-redondense de Letras (AVL)
Editor-Chefe:
José Huguenin

Editores associados
Camila Cabral, Lourildo Costa, Lúcia Assis, Nikson Salem

Designer gráfico
Leonardo Ladeira R.

Endereço:
Rua 14, nº 315 – Vila Santa Cecília
Volta Redonda-RJ
CEP: 27260-140

DIRETORIA DA AVL (2022-2023)
Presidente: José Huguenin
Vice-presidente: Lourildo Costa
Secretário:
Tesoureiro
Diretor Social: Djalma Augusto dos S. Mello
Coordenação Editorial: Jean Carlos Gomes

www.avl.org.br

Sumário

Editorial 4

Biblioteca da AVL.....6

Projetos & Entrevista..... 8

Resenhas & Biografias.....22

Textos Literários..... 35

Ensaios & Trabalhos Acadêmicos.....72

Relatos Historiográficos.....145

Editorial

Volta Redonda, dezembro de 2023

A ***Revista Arigó (RA)***, em seu quarto ano, continua com sua política editorial de difusão da literatura e pesquisa acadêmica ligadas à Volta Redonda e ao Sul Fluminense. O Número 5, edição periódica da **RA**, ficou aberto para submissão trabalhos de 01 de janeiro a 30 de setembro de 2022. Uma novidade é a ampliação do escopo a partir deste número que passou a aceitar artigos e trabalhos acadêmicos voltados ao ensino de língua portuguesa e literatura. Por esse motivo foi estendido o prazo de submissão até setembro.

A seção *Biblioteca da AVL (BAVL)* mostra as atualizações do acervo da BAVL, que está aberto à consulta na Biblioteca do GACEMSS, grande parceiro da AVL.

A seção *Resenhas & Biografias* apresenta obras de autores da região e também ligada ao universo das letras.

Em *Projetos & Entrevista*, apresentamos atualizamos os três principais projetos que continuaram sua jornada também em 2023: o projeto Poesia & Ponto, feito em parceria como a Secretaria de Municipal de Cultura (SMC), o Projeto *Literatura de Volta Redonda*, e projeto *Poesia de Aço*, que continua apresentar e divulgar todos os poetas e as poetas de Volta Redonda. Nesse número também registramos a criação do primeiro polo regional da Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro (FALERJ): o Polo do Vale do Café, fundado por academias do Sul Fluminense. A entrevista desse número é com o Secretário Municipal de Cultura, Anderson de Souza.

A produção literária em verso e prosa de autores e autoras da região Sul Fluminense está na seção *Textos Literários*. Aceitamos poemas, pequenos contos e crônicas. Os textos são submetidos pelos próprios autores, o que permite que a ***RA*** seja veículo de apresentação de obras contemporâneas.

A seção *Ensaios e Trabalhos Acadêmicos* teve um aumento na submissão de trabalhos. São abordados temas de literatura comparada e ensino.

A seção *Relatos Historiográficos*, que tem por objetivo registrar a rica história da região, tem trabalhos riquíssimos sobre a Praça Brasil, de Volta Redonda, a fundação de Resende e mais história do tempo do café. São aceitas submissões de artigos acadêmicos ou ensaios, baseados em pesquisas e estudos, relatos pessoais de eventos contemporâneos e passados. O historiador Nikson Salém, presidente da Academia Barramansense de História, a ABH, assumiu a seção *Relatos Historigráficos*, substituindo o historiador Guto Melo que se dicará a outros projetos. Ao Nikson, nossa gratidão e boas vendas!

Outra grande novidade deste número é chegada de mais um parceiro, o escritor e editor Léo Ladeira, que assina o novo design da **RA**. A mudança visa tornar a leitura mais fluida e agradável, com ferramentas de edição mais avançadas. Esperamos que o(a)s leitore(a)s gostem deste novo visual.

Também damos as boas-vindas à nova editores associados, a professora, doutora e acadêmica da AVL, Camila Cabral que se junta à equipe para colaborar tanto na seção de *Trabalhos Acadêmicos* quanto em *Textos Literários*.

O(A) leitor(a) tem diante de si a continuidade resiliente de um projeto que tem como missão o registro literário e historiográfico da Região Sul Fluminense, Eis ai o Número 5.

Boa Leitura!

José Huguenin
Editor Chefe

Biblioteca da AVL

A Biblioteca da AVL (**BAVL**), inaugurada em 14 de dezembro de 2019, tem por principal objetivo preservar e eternizar a produção literária do município de Volta Redonda e Região Sul Fluminense, buscando catalogar e salvaguardar os livros de autoras e autores da cidade e região e de seus acadêmicos, como forma de contribuir para conservação e valorização do patrimônio cultural do município e da região, guardando, também, a vivência do vale do médio paraíba.

Como toda biblioteca, a BAVL é viva e seu acervo físico é construído continuamente de forma a permitir a pesquisa e, na medida do possível, o empréstimo das obras à população. Conforme estatuto, a BAVL é vinculada à Coordenação Editorial da AVL. Através do acordo de Cooperação com o GACEMSS, a BAVL está sediada temporariamente na Biblioteca do GACEMSS (BG), na Rua 14, nº 315 – Vila Santa Cecília – Volta Redonda-RJ. Visite-nos!

Acervo

O acervo é constituído exclusivamente por obras de autores da região. Ele está divido em duas categorias: *Coletâneas* e *Autores*.

Na categoria *Coletâneas*, o principal destaque são os livros do GLAN (Grêmio Literário de Autores Novos), fundado em Volta Redonda em 1975, e do GREBAL (Grêmio Barramansense de Letras), fundado em Barra Mansa também em 1975. Esses grêmios produziram, ao longo de mais quarenta anos, inúmeras coletâneas com textos em prosa e em verso de muitos autores da região. Também temos exemplares das antologias "Vozes de aço" e "Coletâneas Século XXI", da *Poeart Editora*, capitaneada pelo acadêmico poeta e editor Jean Carlos Gomes. Em 2023 recebemos o número IV da Coletâneas Século XXI, que homenageou a poeta Olga Savary.

A categoria *Autores* reúne obras fechadas com um ou dois autores, indo desde obras contemporâneas, doadas pelos autores, até livros raros, com edições esgotadas. Em 2023 recebemos títulos de André Sodré, Angela Alves Crispim, Gilda Aurélia de Lena Lucio, entre outros. Destacamos duas obras: Personalidades Literárias de Barra Mansa – Volume I, que traz a obra de Elliete Ferreira e J.M. do Lago Leal, projeto da *Poeart Editora* com organização de Antônio Oliveira Pena e Jean Carlos Gomes. A seginda obra é do escritor e jornalista Gustavo Abruzzini de Barros, atual presidente da Academia Valenciana de Letras que editou a obra "Imprensa Valenciana" que trás textos jornalisto de Valença desde barões do café até o Século XXI.

O acervo atual conta com 114 títulos e 142 exemplares na categoria *Autores* e 56 títulos e 105 exemplares de coletâneas, notadamente do GLAN e GREBAL, totalizando 170 títulos e 247 exemplares.

Projetos & Entrevista

Projeto "Poesia & Ponto"

Chegará o dia em que surpresa será se não tivemos mais poesias nos pontos e artes em geral nas ruas, o alcance de todos. Mas até lá, é preciso comemorar a segunda edição do projeto Poesia & Ponto, da Secretaria Municipal de Cultura que conta com o apoio da Academia Volta-redondense de Letras.

A primeira edição do projeto foi um grande sucesso. Primeiro, porque contou com a participação muitos e muitas poetas da cidade. Segundo, porque os poemas dialogaram com a cidade, com as pessoas que não passavam sem serem fisgadas pela imagem poética que transformou os pontos em livro aberto. Depois, não menos importante, a beleza gráfica e a qualidade da plataforma escolhida para abrigar os textos impressionou, valorizou os textos, servindo, antes de tudo, como convites coloridos à leitura de poetas da cidade. A poesia se espalhou. Semeou-se no coração dos transeuntes. Germinou momentos de beleza entre buzinas e escapamentos, cresceu no meio da cidade cinza, fazendo florir sorrisos, frutificar pensamentos. Vida, por fim, espalhada.

O edital manteve o espírito da primeira edição. Foi mantido o limite de seis versos podendo ser enviados poemas curtos, algumas formas fixas como haikais, aldravias, trovas, mas também deixamos a possibilidade do envio de trechos de poemas. O objetivo era divulgar a poesia e os poetas de Volta Redonda, residentes no município ou nascidos aqui morando em qualquer canto do mundo. Tivemos um aumento de textos, saindo de 43 para 52 poemas.

Como em 2022, a SMC convidou instituições a participarem e, dessa forma, temos também textos de acadêmicos da AVL.

O E-Book com a Antologia dos textos divulgados pelo projeto foi também um grande sucesso pois garante o registro dos poetas da cidade do aço para além dos cartazes, ao longo do tempo. Fazer esta edição reforça o compromisso da AVL que, desde 2015, tem editado livros que registram a produção de seus acadêmicos e, mais importante, diferentes produções literárias de autores da cidade de Volta Redonda e da Região Sul Fluminense.

Como no primeiro ano, com o entusiasmo de organização do Poeta Jean Carlos Gomes, atual Coordenador Editorial da AVL, tivemos de um sarau de entrega certificados, quando também ocorreu o lançamento do livro que pode ser obtido livremente no site da AVL. Assim, o projeto promove também encontros, partilhas, mantendo acesa e flamejante a chama da poesia na do aço.

Cara leitora, caro leitor, passageiros da vida, que a poesia esteja em todos os pontos de sua viagem neste planeta lindo... que precisa de mais poesia.

O livro pode ser baixado gratuitamente em
https://www.avl.org.br/livros/

Projeto *Literatura de Volta Redonda*

A Academia Volta-redondense de Letras deu início a projetos importantes, alinhados com sua missão de registrar e divulgar a produção literária de Volta Redonda. Entre eles, o projeto "Literatura de Volta Redonda", em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura (SMC), que pretende fazer o registro de autores e autoras da cidade do aço. Iniciado em junho de 2022, o projeto foi coordenado por um grupo de trabalho (GT) formado pelo(a)s acadêmico(a)s José Huguenin, Leonor Vieira-Motta, Mércia Christani e Jean Carlos Gomes. O formato desse projeto foi definido como um encontro mensal, sempre na última quinta-feira do mês, às 14h na Biblioteca Municipal Raul de Leoni (BRL).

Os encontros são registrados em vídeo e disponibilizados no Canal do Youtube da AVL como forma amplificar o acesso às obras e à biografia das autoras e dos autores da cidade do aço.

Assista aos episódios do projeto Literatura de Volta Redonda no Canal da AVL no YouTube.
Clique no link:
www.youtube.com/@academiavolta-redondensede5642

Se inscreva no Canal e Ajude a Divulgar a Literatura de Volta Redonda!

Projeto *Poesia de aço*

Volta Redonda tem uma tradição de grandes poetas, autoras e autores que deixaram um legado de grandes obras poéticas. A tese do grande poeta volta-redondense Giovani Miguez é que o ser humano é um "animal poético". Alguns despertam o desejo de escrever. Outros, vivem a poesia nas coisas mais simples do dia a dia. A cena atual da poesia na cidade é estimulante com o surgimento de novas vozes. Podemos nos perguntar, quem são as poetas e os poetas da cidade do aço? Quem faz poesia entre as curvas do rio, a fumaça no ar e as limalhas no chão? É justamente essa pergunta que o projeto "*Poesia de Aço*" quer responder.

Esse projeto segue linha de divulgação da literatura produzida na cidade. Isso passa, certamente por divulgar as poetas e os poetas de Volta Redonda. Esse projeto é desenvolvido em parceria com o GACEMSS, o grande parceiro da AVL, e acontece sempre na segunda quinta-feira do mês, na Biblioteca Orlando Alvisi (BOA), do GACEMSS. É, portando, mais um espaço dedicado à literatura da cidade. A Curadoria da segunda temporada continuou com os acadêmicos José Huguenin, Raquel Leal e a saudosa Elisa Carvalho que nos deixou nesse ano de 2023.

São convidados até três poetas por episódio. Os poetas declamam poemas de sua autoria, escolhidos pelo(a)s poetas. Eles são instados a respondem à pergunta "O que é poesia?". As visões do significado da poesia de cada uma e cada um, cada qual com sua história, suas motivações, formam um painel memorável de significâncias e aprendizado. Os episódios são filmados e disponibilizados no Canal da AVL no YouTube. O projeto tem pretenciosa missão de apresentar todo(a)s o(a)s poetas da cidade!

Poetas participantes da Segunda Temporada

Albino Oliveira Greco

André Sodré

Antônio Souza

Gabriel Camargo

Giglio

Guilherme Tadeu

Hélio Júnior

Luciene Lima

Marcô

Naiade Daniel Rodrigues

Paula Dias Conrado

Rafael Clodomiro

Renata Orlandi

Vinícius Brandão

Assista às temporadas disponíveis do projeto *Poesia de Aço* no Canal da AVL no YouTube.
Clique no link:
https://www.youtube.com/@academiavolta-redondensede5642

Se inscreva no Canal e Ajude a Divulgar a Poesia da Cidade do Aço!

Criação do Polo do Vale do Café, o primeiro polo regional da Federação Estadual de Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro - FALERJ

José Huguenin

A Federação Estadual de Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro (FALERJ) foi fundada em 2017 a partir da Academia Fluminense de Letras (AFL) com o objetivo de integração das academias de letras e congêneres do Estado do Rio de Janeiro. A primeira iniciativa criada foi a Jornadas Cultural da FALERJ, tendo sua primeira edição promovida em Campos dos Goytacazes, pela ACL (Academia Campista de Letras) e, desde então, vem acontecendo em diversas cidades do estado, organizada por diferentes academias federadas buscando o intercâmbio e integração.

Uma das ações pretendidas pela FALERJ é a criação de Polos Regionais que viabilizem um contato mais estreito e fortalecimento das ações das academias.

O primeiro polo criado é o Polo do Vale do Café, fundado em 03 de setembro de 2022, durante a realização da Feira Literária de Vassouras. As academias signatárias da fundação foram as respectivas academias de Paty do Alferes, Piraí, Valença, Vassouras e Volta Redonda.

A XVII Jornada Cultural da FALERJ foi organizada pela AVL e Polo do Vale do Café, e ocorreu em 29 de abril de 2023, no teatro Gacemss II, em Volta Redonda - RJ. Nesta jornada tivemos a realização de uma mesa de debates com o tema. "Polos Regionais da FALERJ e a integração literário-acadêmica nas regiões fluminenses: o caso do Polo Regional do Vale do café", que teve mediação da Presidente da FALERJ, Márcia Pessanha (AFL) e como debatedores os acadêmicos Sebastião Deister (Paty do Alferes), Saulo Soares (Piraí), Gustavo Abruzzini (Valença), Sheila Mares-Guia (Vassouras) e José Huguenin (Volta Redonda).

Da esquerda para direita: Sebastião Deister (Paty do Alferes), Márcia Pessanha (AFL), Gustavo Abruzzini (Valença), Sheila Mares-Guia (Vassouras), Saulo Soares (Piraí) e José Huguenin (Volta Redonda).

Nesta mesa foi apresentado o Manifesto do Polo do Vale do Café que reafirma o compromisso das intuições fundadoras. O principal objetivo é integrar mais instituições e promover interação literário-acadêmica.

A seguir reproduzimos na íntegra o manifesto que marcou a criação do Polo do Vale do Café, que marca a integração entre as academias de letras do Sul Fluminense.

FALERJ

FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

MANIFESTO DO POLO CULTURAL DO VALE DO CAFÉ

Nós, os atuais Presidentes das Academias de Letras e congêneres das cidades de Paty do Alferes, Piraí, Valença, Vassouras e Volta Redonda - fundadoras do Polo Literário do Vale do Café, criado por ocasião da Feira Literária de Vassouras, em setembro de 2022, vinculados à FALERJ - Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro, e estando sob a atual coordenação da Academia de Letras de Vassouras, vimos MANIFESTAR:

É inegável a importância histórica, econômica e cultural do Vale do Café, não somente para o Estado do Rio de Janeiro, como para todo o Brasil. O Sul Fluminense deu às Letras e às Artes de uma forma geral grande nomes e personalidades de notório vulto. Mas, não se restringe somente aos séculos passados a colaboração das nossas terras à Literatura, em especial.

Ainda hoje - como sempre ao longo dos anos - a terra que produziu café, que forja nas aciarias o aço, oferece frutos literários de saboroso paladar. Muitos destes frutos são pouco conhecidos e, por consequência, não muito valorizados. É necessário dar a conhecer ao público tais valores e talentos da nossa região.

Movidos por esta necessidade e imbuídos de sincera vontade de oferecer a nossa colaboração à sociedade, o Polo Literário do Vale do Café se propõe, dentre outras não menos importantes ações, a: incentivar a leitura e a escrita em toda região; revelar autores; integrar ao Polo as demais instituições vinculadas à Literatura no Sul Fluminense; promover Concursos Literários e publicar Antologias Anuais de Autores do Vale do Café; criar espaços virtuais e mídias para divulgação de obras e eventos; ir às Escolas e Colégios buscando parcerias para identificação e formação de jovens autores estudantes; ajustar as agendas de eventos das Academias com vistas a participação, integração e troca de experiências entre elas; promover estudos sobre personagens importantes da nossa região e sobre a História de formação e desenvolvimento dos nossos Municípios.

Para tal, o Polo Literário do Vale do Café compromete-se a elaborar e divulgar um Plano Bienal de Desenvolvimento Literário para o Vale.

Viva a Literatura do Vale do Café!

Volta Redonda, 29 de abril de 2023.

Márcia Pessanha - Presidente da FALERJ - Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro

Edmilson Lyra - Presidente da ALJODE - Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada (Paty do Alferes)

Saulo Soares - Presidente da Academia Literária de Piraí

Sheila dos Mares Guia - Presidente da Academia de Letras de Vassouras e Coordenadora do Polo Regional do Vale

José Huguenin - Presidente da Academia Volta-redondense de Letras, anfitriã da XVI Jornada Sociocultural da FALERJ, onde é apresentado o presente Manifesto.

Entrevista com Anderson de Souza Secretário de Cultura de Volta Redonda

A **Revista Arigó** entrevista neste número o artista visual Anderson de Souza, que é o atual Secretário Municipal de Cultura. Ele fala dos projetos realizados e adianta novidades no setor cultural da cidade para o próximo ano.

Confiram essa excelente entrevista que nos ajuda, também, a entender um pouco mais sobre o movimento artístico da região.

Revista Arigó - Obrigado secretário pela entrevista! Qual o balanço que faz do ano cultural de Volta Redonda?

Anderson de Souza: Obrigado a vocês da Revista Arigó pelo convite, é um prazer falar para vocês. Bem, **s**obre o ano cultural de Volta Redonda eu faço um balanço muito positivo. Dentro das metas que a gente estabeleceu a gente conseguiu ter o nosso plano de ação da lei Paulo gritava aprovada conseguimos ter os editais publicados e conseguiremos executar a lei até dezembro agora, como era o previsto. A gente conseguiu realizar as obras de manutenção do memorial dos ex-combatentes, que precisava, a gente conseguiu iniciar as obras no Espaço das Artes Zélia Arbex, que precisava muito, estava inapropriado para utilização dele, conseguimos também realizar obras de manutenção na Biblioteca Municipal Raul de Leoni e no Memorial Zumbi. Também foi possível reativar a Estação da Cidadania. Hoje nós recebemos recebe um público muito grande na nossa biblioteca e também e a ocupação do espaço cultural pela realização de oficina. Entre um dos pontos principais também a gente conseguiu colocar em prática o nosso Programa de Formação cultural com realização de oficinas culturais que começaram esse ano e se estendem até no ano que vem. Fora as parcerias para realização de grandes projetos, como as parcerias com o Sesc Rio, com a fundação CSN com a Funai e o Governo do Estado. Também é importante ressaltar que entre as principais conquistas deste ano tivemos a volta do Palco sobre Rodas que a gente realizou 50 Apresentações em 50 bairros diferentes da cidade.

RA – Não podemos deixar de falar no dia do Arigó e a "Arigó parede". Fala um pouco desse projeto. Quais os planos para o futuro?

AS: A Arigó Parede, realizada no Dia do Arigó, para gente ele é uma política cultural. Então a gente trabalhou junto com o vereador Jorginho Fuede, que foi o autor da lei do Dia do Arigó e a gente conseguiu já durante 2 anos realizar, durante o dia do Arigó, em homenagem aos trabalhadores que vieram para construção da cidade. Foram realizadas atividades relacionadas à literatura, à música, ao teatro, ao artesanato. Já A "Arigó parede" foi uma grande novidade, foi uma parceria entre a secretaria de cultura e fundação CSN que é

inspirada na "Cow Parede" na "Elephant parede", a gente realizou exposições urbanas com 10 expositores de 1,70 m de um grande "arigó", um pássaro mítico, pintado por artistas da cidade e a gente pretende no ano que vem também expandir esta iniciativa, pois a gente que es espírito dos construtores que seja mantido vivo e que mantenha é vivo e produtivo em segmentos da literatura, do artesanato, da música, enfim, todas as atividades culturais sempre como tema o arigó , os trabalhadores que vieram construir a cidade de Volta Redonda

RA – Como estão os equipamentos culturais do município?

AS: Sobre os equipamentos culturais do município, um dos nossos objetivos, uma das metas que foram traçadas no início do trabalho, foi entregar os equipamentos culturais em condições muito melhores do que nós pegamos. A gente pegou os equipamentos culturais com problemas estruturais muito grandes, principalmente o Memorial Zumbi, a Biblioteca municipal, O Memorial dos ex-combatentes, O Espaço da Artes Zélia Arbex, entre outros. Então, a gente, no primeiro momento, fez as obras de manutenção na biblioteca para ela poder reabrir, o que aconteceu em 6 de agosto de 2020. A gente também realizou obras estruturais no Memorial Zumbi, agora estamos fazendo uma grande reforma no Zélia Arbex, sendo totalmente reconstruído, porque estava sem manutenção, ele estava com os banheiros fora de funcionamento, veja, tinha uma árvore que tinha nascido dentro do banheiro! Além disso, o espaço estava sem instalação elétrica, sem ar-condicionado e, agora, está fazendo endo feita uma reforma grande. O Memorial dos Ex-combatentes estava com problemas de estrutura também, estava com problemas no telhado, nos banheiros o auditório estava com as cadeiras, a gente já reparou grande parte disso e hoje muitos equipamentos estão funcionando, ativos. O nosso grande objetivo é no final do mandato no ano que vem entregar os equipamentos culturais em condições muito melhores do que a gente pegou.

Falando de equipamentos culturais eu queria fazer um destaque: a gente está abrindo novas frentes para ocupações. Então, a passagem a passarela do viaduto Nossa Senhora das Graças ela não era um equipamento cultural e ela vira um equipamento cultural com ocupações de artes urbanas e com exposições de fotografias. Estamos fazendo agora uma obra também no início da cabeceira do viaduto Nossa Senhora das Graças transformando-o num palco cultural para a realização de atividades de todos os segmentos desde à literatura ao teatro, ao samba, à roda de rima, enfim, à todos os segmentos isso fica pronto agora no início do ano que vem. Além disso, a Estação de Cidadania que virou um grande polo cultural daquela região do Vila Rica. Estamos com uma ativação muito grande lá com realização de oficinas em parceria com a SMAC e com a ativação da biblioteca através da visita de crianças e programa de incentivo à leitura.

RA – Que balanço você faz da Lei Paulo Gustavo? Há perspectivas de outra edição da Aldir Blanc, que abraça mais setores culturais?

AS: Sobre Lei Paulo Gustavo, foi um grande sucesso. Para o ano que vem, a Lei Aldir Blanc 2 em Volta redonda já pode ser considerada uma realidade, pois nós já escrevemos o nosso plano de ação na lei Aldir Blanc 2 e já foi aprovado pelo Ministério da Cultura (MINC), então

no ano que vem a gente recebe é 1,7 milhões de reais para poder realizar uma ampla discussão com a sociedade civil e lançar os editais de fomento para todos os segmentos culturais.

RA – O projeto Poesia & Ponto, realizado em parceria com a AVL, foi muito exitoso nas duas primeiras edições. Como o senhor vê o futuro do projeto.

AS: Independente de quem esteja à frente da SMC e de quem esteja à frente da AVL, o projeto Poesia & Ponto é um projeto que não para mais. O nosso objetivo é que ele amplie cada vez mais. No ano que vem a gente junto com a AVL dialogaremos para que esse programa aí de fato ele entre nas escolas, que a gente tenha receptividade dentro das escolas na formação de novos escritores e formação de novos públicos. Então, o que eu posso dizer é que o projeto Poesia & Ponto continua e que a gente vai avançar ainda mais com ele e vamos pensar juntos com a direção da AVL em propostas para o ano seguinte para fazer do projeto ainda mais abrangente.

RA – Alguma novidade para o próximo ano?

AS: A grande novidade ano que vem é que adquirimos uma Van que será transformada em Van Literária, tendo como principal objetivo a realização do projeto Biblioteca nos bairros. Esse veículo já chega no início do ano e a gente pretende já no início do ano letivo abrir o projeto levando livros, realizando trocas de livros, incentivando a leitura nos bairros mais periféricos da cidade.

Além disso, a gente vai ter o nosso palco cultural funcionando como novo equipamento cultural, a gente vai ter Zélia Arbex novinho em folha para recepcionar os artistas, vamos ter toda a execução da lei Paulo Gustavo no ano que vem, e vamos ter abertura dos editais da lei Aldir Blanc 2. Então, estamos com uma boa expectativa de, além de realizar todo calendário cultural da cidade, desenvolver novos projetos.

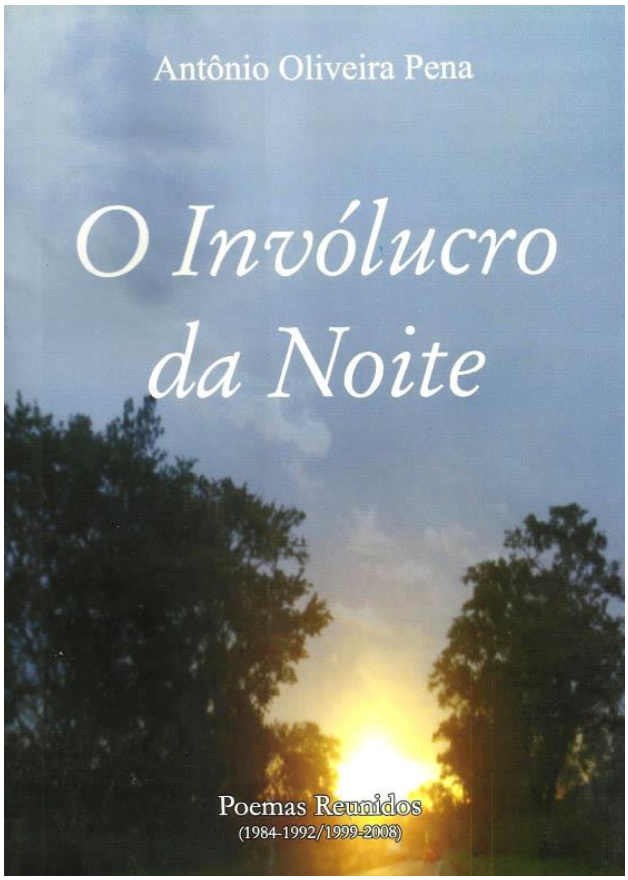
Anderson de Souza, Artista Visual, jornalista, possui MBA em marketing pela Fundação Getúlio Vargas e especialização em Artes Visuais, Intermeios e Educação pela Unicamp. Há 20 anos realiza exposições, painéis urbanos e pesquisa no campo das artes visuais.

É Secretário de Cultura de Volta Redonda desde 2021.

Resenhas & Biografias

Resenha do livro "O invólucro da noite", de Antônio Oliveira Pena

por José Huguenin



A poesia de Antônio Oliveira Pena reúne tudo aquilo que a arte precisa para se manifestar na literatura: o domínio e zelo pela língua portuguesa e uma sensibilidade aguçada para captar emoções e sentidos da vida e da natureza. Tudo isso resulta em uma poesia singular, com uma voz marcante que nos toca profundamente.

O livro "O invólucros da noite" - Poemas reunidos (1984-1992 / 1999-2008), publicado em 2010 com projeto gráfico da Nova Gráfica e Editora, editado através de seleção da Secretaria Municipal de Cultura de Volta Redonda. Com temas variados, vê-se um compromisso com a poesia, com a palavra. Temos uma visão de mundo bem colocada, um autor que ama e mostra-se muito espiritualizado.

Embora reúna a poesia de dois intervalos temporais, uma parte escrita entre 1984 e 1992 e uma segunda de 1999-2008, a obra não é dividida cronologicamente. Querendo nos comunicar sua cosmologia humanitária, o autor separa ainda em sessões temáticas.

POESIA DA JUVENTUDE (1986-1992) traz poemas que dialogam com a formação do poeta, se vê no poema "Adolescência" (p.17)

"Na idade em que se tem um sonho adulto
em pensamentos ainda infantis"

É nesse tempo que a poesia aflora, como "A chegada do amor (p.31), um amor pela escrita que se mantém fiel por toda vida. Mas longe de ser uma poesia infantil . Ela já é densa e revela força e coragem para falar da "Angústia" (p.30) nossa de cada dia.

Em O RITMO DA PALAVRA (1984-1992 / 1999-2003) vemos o artífice da palavra, o burilar da construção poética em versos medidos que surgem em forma de sonetos que nos colocam também em movimento, como em "Poder latente" (p.55):

"O que supomos ser dos céus é nosso;
eu me refiro a esse poder latente
de nosso interior, enorme fosso
de fel e de amargura ou sorridente"

O poder de ser é nosso. Faz parte do nosso livre arbítrio.

A força da arte é retratada em VERTIGEM (1999-2003) , onde o poeta se rende à beleza poética do mundo e da arte, como vemos em "Arrabalde"(p.72)

"Mudamente, a tarde se recolhe. Toda natureza
é envolvida pelas sombras, com que por uma onda
- *silenciosa…"*

Na seção NAU SUBMERSA (1986-1989 / 1999 / 2006), sete subseções tratam diferentes temas. Destaco aqui "Poesia, o que é?". A resposta é dada pelos poemas que a compõem. Poesia é "Pelas águas ir…" (p.113)

"Pelas águas ir
de um invisível rio
que vai ter a um
mar absoluto"

Uma metáfora extraordinária da poesia que brota do poeta como um "invisível rio" e vai desaguar no mar da poesia do mundo, onde todos podem navegar.

Na seção que dá nome ao livro, O INVÓLUCRO DA NOITE (2004-2007), o poeta tece algumas palavras e diz que na organização teve o cuidado de observar 'a natureza da feição" (p.131). Se para o autor " O QUE dizer incomoda tanto quanto COMO DIZER", a nós leitores cabe o deleite de ler o que ele fala em seus versos da forma como encontrou para dizer.

No poema "Da ambição" (p.136), vemos o alerta desde de 2005 para as vicissitudes dos dias atuais

"seguindo por esta selva
medonha, à beira de abismos,

surdos como espantalhos,
e cegos - pelo egoísmo

atrás da réstia de luz
que rompeu de entre as nuvens;"

Na última seção, RECADO (2007-2008), temos, logo no primeiro verso (p.167)

"*Para que surja, força é ir a regiões*
que em pensamento criam-se, assoladas,
onde guerreiam de homens legiões
por vales, serras, cristas escarpadas…"

a mensagem de que é preciso lutar contra as dores do dia indo de encontro à vida, onde ela estiver.

Lapidarmente escolhido para fechar o livro, o "Soneto da perseverança" (p.177) nos diz

"*Não olhes para trás, te lamentando:*
mágoas, torna-as o tempo quase nada;
rastros desfaz o vento, rodopiando.

Prefaciado pela grande poeta Maria José Maldonado, membro fundador da AVL, a obra é sintetizada por ela seguinte forma:

"*Seus poemas são a essência do belo, do que é imortal. São paisagens humanas de deslumbrante beleza*!"

O que mais dizer? Apenas que Antônio de Oliveira Pena é um dos grandes poetas da cidade do aço e ler sua obra é necessário para termos em nossas vidas mais poesia. Mais luz.

Sobre o autor

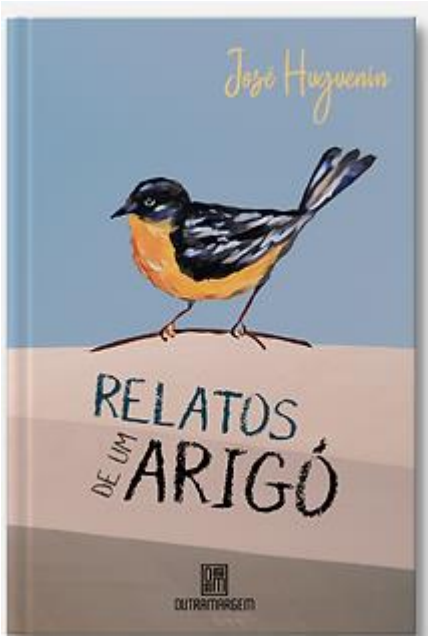
Antônio Oliveira Pena é professor de Língua Portuguesa e Literatura, formado pela FERP — Fundação Educacional Rosemar Pimentel. Nascido a 2/12/1966, em Santa Rita de Jacutinga, MG, desde a adolescência reside em Volta Redonda.

Livros publicados:
Poemas — 1999 (1a Edição), 2a edição ampliada em 2004
O Invólucro da noite (Poemas reunidos) — 2010,
Frêmito — 2010, editado pelo Grêmio Barra-mansense de Letras;
Haicais, épica e sonetos — 2012, em parceria com José Fleming e Menulfo Nery Bezerra, edição também do Grêmio Barra-mansense de Letras,
Tempo de reencontro — 2013,
Cantigas para guardar — 2015.

Conheça mais em https://poetaantoniopena.blogspot.com/

Resenha do livro "Relatos de um arigó", de José Huguenin

por Angela Alves Crispim



Muitas vezes nos encantamos com algo que lemos. Aconteceu comigo ao ler os poemas contidos no livro de José Huguenin, intitulado "Relatos de um Arigó", publicado em 2022, através da editora OUTRAMARGEM.

Para os que emigraram para construir a CSN, nasceram, ou simplesmente se interessam por todo o processo de transição histórico-evolutiva de um distrito que se separou de Barra Mansa, transformando-se em um município próspero e independente, denominado como Volta Redonda, com certeza encontrarão muitas informações e lembranças de uma luta diária desses pioneiros do progresso.

Essa designação para a cidade ocorreu em homenagem a uma volta arredondada que o leito do Rio Paraíba do Sul construiu geologicamente em sua trajetória, fornecendo uma imagem diferenciada e bem característica do seu território, dando um visual extremamente interessante.

Quem tem a memória evolutiva dos primórdios do município, os seus costumes, as suas divisões em "castas" e diferenciações de acordo com o posicionamento social dos funcionários dentro da empresa, entenderá bem os indivíduos que construíram uma parte da cidade a "ferro e fogo". E, com certeza, fará um belo passeio sobre os acontecimentos históricos memorizados, verbalizados ou não, vividos por seus trabalhadores e munícipes.

Em seus poemas, além do foco primordial da essência na relação entre os imigrantes e a construção da CSN; há o desvendar da modificação de um distrito ao se transformar em um novo município no período da Segunda Guerra Mundial. Traz também recados sensíveis sobre uma pandemia que assolou/assola todos os países do mundo. Fala, ainda, sobre o seu mundo de convivências pessoais e amores familiares, fraternos, além de expressar em outros

relatos as sutilezas de um coração poético, ao observar características que muitos não conseguem enxergar com facilidade.

A obra é dividida cinco partes. A primeira é o prefácio desenvolvido por Giovani Miguez, dando uma noção muito interessante quanto aos diversos pontos do livro. A segunda, "Eu Sou um Arigó", traz uma riquíssima informação sobre o termo arigó, fazendo toda uma referência com relação ao seu significado. A terceira parte, em "Poemas de Tempos de Cólera (2021) ", relata sobre um sentimento profundo desenvolvido no período da pandemia; na quarta parte refere-se a "Notícias de Pessoas" amigas e queridas e na quinta parte, apresenta "Outros Relatos" para serem observados.

Utilizando de simplicidade nas palavras, o autor construiu um texto claro e sensível, conseguindo trazer de um passado não muito distante, toda a visão da origem de uma siderúrgica, um povo, suas relações, dificuldades, além de fornecer momentos de muito prazer ao transitarmos em suas colocações e vislumbres poéticos.

Quando analisamos os poemas em "Eu Sou um Arigó", nitidamente podemos seguir a história através de uma visão poética por meio dos versos. "Aço e alma" se confundem no ferro gusa fluindo. Num lamento, recorda que "Junto à curva do rio" habitavam os Koropós, Coroados e Puris, primeiros habitantes do Vale do Paraíba, índios eliminados de suas terras para o plantio do café. "No começo era café", mas com o tempo sua produção declinou dando vez à indústria do aço.

Para o "Conforto" dos que chegavam foram construídos barracos de madeira e, ao lado dos barracos, emergiram as casas para acomodar as famílias, dando como consequência uma "Estratificação" coordenada ao surgir um planejamento dos bairros e com isso uma urbanização muito característica.

O autor não se esqueceu das "Metalúrgicas", as pioneiras, rudemente chamadas pelos homens como vira-latas, mas que orgulhosamente venceram as barreiras ao se tornarem grandes feministas brasileiras.

Vários clubes foram criados, mas a maldade da segregação não permitiu a muitos arigós se associarem, então eles criaram o Clube Palmares, que é homenageado com o "Soneto de nascimento do Clube Palmares" e "Clube Palmares resiste".

Em "Arigós que não são ciclopes" há indagações sobre quem não era ciclope, o gigante imortal que trabalhava para Hefesto e forjava os raios de Zeus. Havia a dúvida quanto ao trabalhador que não fosse fundador da cidade e não fizesse o aço. E como resposta a essas questões surgiram várias oportunidades a serem realizadas.

Numa "Bruta jornada" fala do minério, manobras no pátio, o alto-forno, a gusa até chegar ao aço. Aí surge a "Priva(ções)" e o que era a mãe é vendida, seu espaço é negociado e tudo muda com a sua privatização. Em "Eu sou um arigó", aquele pássaro que não se fixa a um lugar resolve ficar na curva do rio, buscar trabalho e realizar seus sonhos. A "Impressão ao chegar" na cidade era e é de um horizonte enfumaçado, um cheiro diferente, com limalhas de ferro espalhadas no chão. Mas há também a outra face, a de uma "Cidade arte", onde seus artistas transformam o comum em algo belo e na "Toca do Arigó" surge o espaço para dividir e encontrar a poesia em toda a parte, até chegarmos a uma "Encruzilhada", onde o passado e o futuro se confundem nos tempos atuais.

Na terceira parte, os "Poemas de Tempos de Cólera (2021) ", transmite toda a dor e agonia causada por uma pandemia que liberou e libera um sentimento de raiva e impotência dentro das pessoas. Na quarta parte traz "Notícias de Pessoas", onde carinhosamente fala de seus amores, amigos, entes queridos e de quem admira. Na quinta e última parte, em "Outros Relatos", nos brinda com poemas diferenciados e, numa leveza extraordinária, reverencia a natureza, a música e os sentimentos.

José Huguenin, nasceu em Cantagalo/RJ, em 1978. É doutor em Física e professor universitário em Volta Redonda. É membro da Academia Volta-redondense de Letras. Escreveu o romance "O Vaqueiro e o Jornalista" e livros de poesias como: "Vintém", "Experimentos Poéticos" e "Koiah", tendo ainda como produção crônicas e contos.

Recomendo este livro a todo aquele que sente prazer em uma boa leitura, que gosta de ter o vislumbre da história do estabelecimento, evolução e sentimentos de uma gama de pessoas vindas de muitos locais diferentes do país, para fazer nascer uma indústria, uma nova cidade e uma nova estrutura econômica.

Com certeza, aqueles que se interessam em saber como foi aquele momento de luta pioneira em nosso passado recente ficarão satisfeitos em redescobrir esse conhecimento, onde provavelmente tenha um pedaço de sua família representada. E, o que é muito importante, traz uma visão para os membros atuais de nossa comunidade, que se esqueceram, ou simplesmente não conseguem entender o que foi a batalha diária e a importância do suporte dado pelos guerreiros ao fizeram florescer uma cidade forjada pelo aço e a têmpera de homens e mulheres fortes.

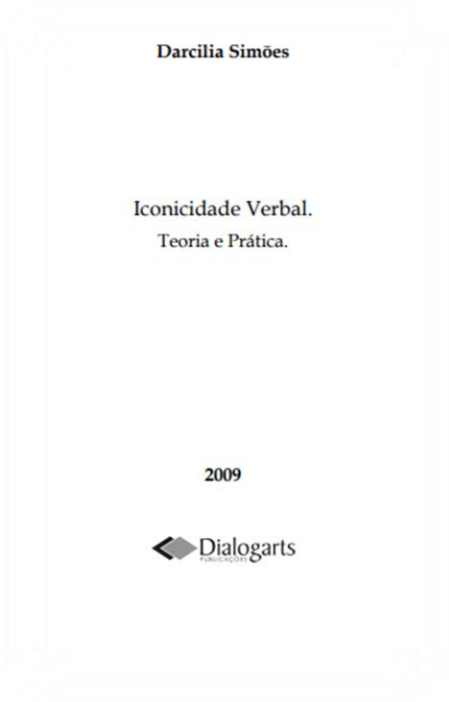
Sobre o autor

José Huguenin é natural de Cantagalo-RJ, doutor em física e professor titular da Universidade Federal Fluminense, em Volta Redonda. Poeta, escritor, foi laureado em vários prêmios literários, participou de diversas antologias. Tem livros publicados nos gêneros poesia (*Vintém – 2013, Experimentos poéticos-2016, Koiah-2019, Relatos de um arigó-2022, Universalidades-2022),* romance ("*O vaqueiro e o jornalista*" - 2018), contos *("A parede & outros contos" – 2015, "Vidas sertanejas - 2021")*, crônicas("*De manga a jiló provei na terra onde me batizei"- 2014), e*nsaio *"Estranhezas e mitos da Mecânica Quântica"- 2014),* e fotografia ("*Raio de sol*" - 2019). É membro de Academia Volta-redondense de Letras.

Conheça mais sobre o autor em www.josehuguenin.com

Resenha sobre o livro "Iconicidade verbal", de Darcilia Simões

por Otávio Antônio Corrêa de Oliveira



Em um mundo cada vez mais integrado, cuja tecnologia nos possibilita ter maior acesso às informações e, por conseguinte, maior capacidade de interações com os mais diversos grupos sociais, é perceptível notar a dimensão e influência dos ícones em nosso cotidiano. Os aplicativos, em suas múltiplas funcionalidades, (Amazon, IFood, Uber, Shein, etc.) e as redes sociais (Facebook, Whatsapp, X, Instagram, etc.) são uma pequena amostra da imensidão de ícones que nos impactam no dia-a-dia, sendo fundamentais para a vida em sociedade. Algo que já estava sendo percebido por Darcilia Simões em 2009, quando publicou o seu estudo semiológico, nomeado por *Iconicidade Verbal*. Obviamente, naquele período, o uso de ícones por grandes marcas, como a Nike ou a Coca-cola, não era novidade, assim como o impacto destes nos costumes das sociedades capitalistas. Tão pouco era

novidade os usos políticos que os ícones podiam inferir em várias sociedades, sendo utilizados pelas máquinas de propagandas dos mais variados regimes políticos, tal como os regimes fascistas, comunistas e militares. Mas, em 2009 era possível contemplar o início de um período marcado por uma revolução tecnológica, iniciado pela apresentação do Iphone, em 2017[1], que permitia as pessoas portarem, basicamente, um computador em seu bolso, a sua disposição, potencializando a capacidade de coleta de informações de seus portadores para o bem ou para o mal. Esse era o contexto que estava se desenho para Simões: um mundo repleto de códigos icônicos, resultantes da intencionalidade mercadológica, cuja informação imagética transmitida nem sempre era compatível com a verdade. E, por conta disso, o seu trabalho com iconicidade possui a pretensão em preparar os "sujeitos para interagir com múltiplos códigos, uma vez que a hegemonia do verbal de há muito foi quebrada pela intervenção da imagem" [2].

Para tanto, a teoria da iconicidade verbal empregada por Darcilia Simões faz uso da semiótica fundamentada por Peirce, uma vez que sua aplicação universal de seu método não se limitaria apenas aos códigos verbais, como ocorre na linguística saussuriana[3], mas possibilitaria atender a outros tipos de códigos, inclusive os não-verbais. O signo, neste caso, "é tudo o que possa ser conhecido, tudo o que é reconhecível"[4], servindo para observar o ato comunicativo em suas múltiplas formas, seja pela escrita, pela imagem ou pela oralidade. Já o ícone, correspondendo a um aspecto do signo, fica em evidência nos estudos de Simões, pois é a partir dessa etapa de significação que ocorre os processos cognitivos que permitem a materialização dos signos, favorecendo a construção da imagem mental do que está sendo exposto.

Nesse aspecto, cabe salientar que o ato comunicativo envolve pelo menos duas pessoas, sendo que cada um projeta os signos de acordo com as suas experiências de vida. No entanto, quando fazem parte de uma mesma comunidade cultural, é possível que haja modelos culturais que permitam uma razoável estabilidade interativa entre os envolvidos no ato de comunicação, favorecendo a materialização de signos correspondentes, sem grandes ilações incoerentes. A coerência comunicativa, neste caso, será medida em quanto os sujeitos envolvidos no ato de comunicação são aptos para interpretar os diferentes tipos iconicidade,

[1] Disponível em https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/ha-15-anos-steve-jobs-apresentava-iphone-e-promovia-revolucao-tecnologica/. Acesso em 03 de dezembro de 2023.
[2] SOARES, 2009, p.52.
[3] SOARES, 2009, p.64.
[4] SOARES, 2009, p.74.

como o concreto (modalidades diagramáticas – sintagmáticas e paradigmáticas) e o abstrato (modalidades imagéticas e metafóricas)[5].

Entretanto, há de considerar também que o ato comunicativo não corresponda a apenas ao ato de transmissão de informações e de interpretações entre indivíduos, mas é preciso considerar a intencionalidade por traz de cada ato. Afinal o ato de fala, por si só, já indica uma intenção. Dessa forma, é possível conceber que o ato comunicativo parta de um enunciador, que ao formular uma imagem mental de um objeto[6], procura reproduzi-la para um co-enunciador (leitor ou intérprete), e este, por sua vez, irá decodificar a mensagem para construir a sua própria imagem mental do objeto discutido. É uma etapa que Simões compreende como negociação entre imagens mentais, que, por sua vez, permite a produção sígnica de uma entidade plástica (sonora e visual), "cuja imagem pode ser identificada por interlocutores dotados de competências e habilidades de enfrentamento do signo e de captura de suas funções"[7]. Circunstância que pode ser mais bem detalhada no trecho a seguir:

> Logo, a atividade de leitura é uma co-produção textual que precisa ser negociada entre os 'parceiros' (autor/ enunciador e leitor/enunciatário/ co-autor). Tal negociação é deflagrada pelas marcações linguístico-icônicas que se apresentam ao leitor como elementos mapeadores do texto, uma vez que revelam a organização das micro-estruturas que se combinam e constroem o tecido textual; ao mesmo tempo que ativariam esquemas mentais indispensáveis à captação dos possíveis referenciais do enunciador associando-os (ou não) aos referenciais do leitor, construindo o que se costuma denominar como conhecimento compartilhado (conjunto de proposições - memória semântica - que são aceitas tanto por falante quanto por ouvinte [cf. MOURA, 200:17 e BONINI, 2002:35])[8]

Conforme observado, o enunciador, ao projetar as suas intenções sobre o co-enunciador, tenta emular a reação deste último, adaptando a sua enunciação para obter sucesso em sua proposição, algo que Sautchuk (2003) chamou de *eu-leitor-interno*[9]. Já o co-enunciador, por sua vez, procura interpretar a enunciação proclamada através do olhar do autor, em uma tentativa de reproduzir a intencionalidade de todos os significados da maneira mais fidedigna possível, obviamente, de acordo com o seu clivo intelectual e moral. Dessa forma, é possível conceber que, apesar da semiótica de Peirce possibilitar visões diversas

[5] SOARES, 2009, p.77.
[6] Seja uma intenção, seja algo físico no mundo.
[7] SOARES, 2009, p.75-76.
[8] SOARES, 2009, p.79-80.
[9] SOARES, 2009, p.81.

sobre um dado objeto, a interpretação de um ato comunicativo, em primeira instância, deverá está sujeita as intencionalidades preteridas entre os sujeitos envolvidos, inviabilizando considerações muito flutuantes.

Tendo essas considerações em mente, Dacilia Simões apresenta as formas que a iconicidade pode se apresentar na análise de um ato comunicativo. Inicia falando da iconicidade diagramática, que pode ser entendido como um projeto visual ou sonoro, como o objeto está diagramado (sendo um texto acadêmico, se está devidamente separado por parágrafos, se os títulos correspondem aos conteúdos, se estão sujeitos a ABNT, etc.; sendo uma página da internet, se a composição de fotos e de textos está simétrica, se a paleta de cores é coerente com o tema proposto da página, se o título chama a atenção, etc.).

Já a iconicidade lexical, trata-se da compreensão se o projeto comunicativo será eficaz ou não. Nesse caso, "quanto mais hábil seja o enunciador na ativação de itens léxicos, maior vai a capacidade de ter sucesso na elocução do seu pensamento. Assim, dependendo da amplitude do repertório lexical do enunciador seria possível construir um ato comunicativo que pudesse inferir pistas icônicas e indiciais ao co-enunciador.

Em uma premissa semelhante a iconicidade lexical, a iconicidade isotópica funcionária como uma "trilha temática para a formação de sentido". Ao considerar que a "isotopia como propriedade de um enunciado ser substituído por equivalente no plano do conteúdo"[10], Simões compreende a iconicidade isotópica como um meio de delimitar interpretações flutuantes. Dessa maneira, crê-se que, a partir de recortes isotópicos, seria possível estabelecer âncoras textuais[11], elementos lexicais e gramaticais que configurariam uma malha icônica, reduzindo o número interpretações possíveis. Nesse caso, um texto com alta iconicidade teria vários elementos semânticos que guiariam o leitor, de forma coerente, a uma determinada interpretação. Já um texto com baixa iconicidade, esses elementos não seguiriam uma sequência lógica, levando o leitor a flutuação interpretativa. A baixa iconicidade pode ser utilizada intencionalmente, principalmente pela literatura (através de um "jogo inteligente" entre alta iconicidade e baixa iconicidade).

Contudo:

> A função orientadora ou desorientadora (NOTH, 1995) realizada pelo signo na superfície textual estará, respectivamente, correlacionada com a eficácia ou a falácia textual pretendida pelo emissor. A seleção de unidades léxicas e a diagramação sintagmática resultam em enunciados que acionam processos específicos de

[10] SOARES, 2009, p.88.
[11] "Palavras-chave que norteiam identificação de uma isotopia" (SOARES, 2009, p.91).

> raciocínio. Estes darão origem (ou não) à compreensão do texto, na mesma medida que instrumentalizam o falante para a redação[12].

Dessa forma, é possível conceber que a compreensão dos fenômenos de iconicidade seja vital para o mundo da atualidade, visto que, por meio de suas ferramentas, seja possível inferir possíveis interpretações lógicas de acordo com a intencionalidade do enunciador. Nesse caso, apesar de compreender que a interpretação seja subjetiva, Simões demonstra que dentro do ato comunicativo há características bem específicas que podem delimitar o ato interpretativo, levando a conclusões lógicas, que, se foram questionadas, podem sugerir certa má-intenção do co-enunciador. Em tempos de Fake-news, compreender os elementos que compõe o signo torna-se necessário para superar a desinformação em um período da história onde temos mais acesso a informação.

BIBLIOGRAFIA REFERENCIAL

SIMÕES, Darcilia. **Iconicidade Verbal – Teoria e Prática**. Dialogarts Publicações – UERJ, Rio de Janeiro: 2009.

[12] SOARES, 2009, p.99.

Textos Literários

Verso

Sobre a sabedoria

Antônio Oliveira Pena

Como um homem que a terra ara e semeia,
vai ao encontro da sabedoria;
com paciência, aguarda pelo dia
em que terás, de frutos, a mão cheia.

Dela aproxima-te, alma e coração
repletos de certeza, confiantes.
Segue-lhe os passos; não a deixes, não,
que a vida, amigo, é a soma dos instantes.

Faz com que agora ouça o teu ouvido;
com que teus olhos possam ver, agora;
e te arrepende do mal que tens nutrido.

Guarda que a luz se vê melhor nos breus,
da noite escura é que desponta a aurora;
com a caridade é que se chega a Deus!

Preciso

Elyane Lacerdda

Preciso
Me acostumar com o vento
O frio
O isolamento de vozes
Preciso
Me acostumar
Com a saudade dos amigos
O sorrir sozinha sem medo
Apenas Estar e Ser
Preciso
Me acostumar
A Viver
Seguir...

Partida

Flávia Souza Lima

Chovia muito
e ainda assim
fomos à cafeteria
ao lado do Jardim Botânico
naquela manhã em que
uma revolta de caminhões
bloqueava a Rio-São Paulo
mas nada mais
impedia a vida

Quando o seu táxi chegou
avistei a dúvida
de nalgum futuro
em secreto turbilhão
olhar você
mais
grisalha
madura
bonita ainda

Para
ouvir jazz
observar a folhagem
pensar na seiva
cruzar o oceano
e na calçada de pedras portuguesas
sei lá
não sei

O pedreiro e a pedra

Márcio Castilho

De poética, nada sabia o pedreiro.
O pedreiro sabia era da pedra.
Lapidava a matéria bruta como ninguém.
Suas mãos calejadas era cal e pó.
E do poema, desconhecia as construções,
Os arcabouços, as estruturas.
Mal sabia o pedreiro
Que o poema era pedra.
Que se pretende no poema
Senão, por vezes, atirar flores,
Noutras, a pedra lascada?
E o pedreiro, que nem notava
O poema, passava dias
A moldar em seu inanimado mundo
De pedra, a vida das casas.
A pedra sem beleza, sem estética,
Mesclada à lida do pedreiro,
Nada mais parecia ser
Senão uma construção poética.

O furto do coração

Edmilson Naves

A pequena cidade conhecia a alegria
De Maria Isabel menina prendada
Filha única do farmacêutico Jonas
Adolescente esperando viver
Um amor, puro, verdadeiro e duradouro.
Uma grande festa foi dada
Em comemoração aos seus dezoito anos
E na festa compareceram
Vários rapazes amigos de infância
E que sempre cortejaram a menina
Um dos amigos trouxe um primo
Vindo da capital, estudante de medicina
Chegou à cidade um dia antes da festa
Passaria três semanas de férias
Maria Isabel dançou com os amigos
E por último com o novo amigo visitante
Em três minutos de dança conversaram
E um encontro na sorveteria da praça
Foi marcado para domingo à tarde
Um sorriso tímido foi o cumprimento
A conversa flui bem, entre risos falam.
Sobre a vida e os gostos de cada um
Viver numa pequena cidade como aquela
Onde poucas coisas passam despercebidas
A novidade agora era a filha do farmacêutico
Que estava de namoro com o rapaz da cidade
As três semanas passaram rapidamente
E a saudade antecipada começou
A apertar no coração de Maria Isabel
Acabaram as férias e Aldo partiu.
Nas cartas e telefonemas
Havia a promessa de voltar no próximo feriado
O que não aconteceu então cessou as cartas
E os telefonemas foram diminuindo até pararem

Por longas noites de insônias padecia a jovem
Os dias passavam e a tristeza a abatia
Os amigos iam visitá-la
Mas nada afastava a depressão da menina
E numa manhã Maria Isabel chamou o pai
E pediu para que a acompanhasse à delegacia
Onde o delegado Matias amigo de seu pai
Passava os dias lendo jornal.
O pai não entendeu nada sobre o pedido
Mas acompanhou a filha
Entrando na delegacia
Maria Isabel anunciou
Que queria fazer uma denúncia
O policial mandou chamar o escrivão
E perguntada qual seria a denúncia
Ela disse com voz chorosa
"Que furtaram meu coração".
E ela conhecia o autor do furto
O pai e o delegado ficaram assustados
Por segundos não sabiam que ação tomar
Trazidos a realidade pela voz da menina
Que insistia em fazer a denúncia
Foram minutos de debates sobre o tema
Para o delegado era uma denúncia descabida
Era melhor que esquecesse o rapaz de vez
Mas Maria Isabel insistia em registrar
"O furto do seu coração".
Assim foi levado o caso ao juiz da cidade vizinha
Que aceitou a denúncia e marcou a audiência
No dia marcado lá estava Maria Isabel
O juiz após ler a denúncia, perguntou.
O que a menina esperava com aquilo
Ela disse que queria que ele viesse depor
Que passasse vergonha perante todos
E que a ela pedisse desculpas em público
Que lhe servisse de lição por enganar
Uma pessoa de coração puro e sincero
O rapaz foi chamado para depoimento
Com ele veio os pais e um advogado
O caso se arrastou por quase seis meses
Teve grande repercussão
Apareceram jornalistas na cidade
Maria Isabel deu entrevistas

E então foi marcado o julgamento
Depois de duas horas de debate
O resultado foi lido pelo juiz da cidade
Aldo foi condenado a escrever uma nota
Onde se desculpava com Maria Isabel
E publicá-la em todos os jornais da região
Também deveria ir à casa de Maria Isabel
Se desculpar para a família.
Não se falou em outra coisa na cidade
O caso ficou conhecido como: O furto do coração.

O voo da memória

Alexandre Neiva de Araújo

No solo ardente do Nordeste em flor
O Arigó canta, voa em seu esplendor
Pássaro migratório, expedição do vento
Levando histórias de um passado sedento

Em tempos idos, na construção da cidade
Heróis anônimos, de fibra e humildade
Com suor e esforço, deram seu labor
E em suas asas, carregaram o amor

Arigó, símbolo vivo de gratidão
Revoa nos céus, trazendo emoção
Seu canto ecoa pelos vales e montanhas
Lembrando-nos das lutas, das árduas fachadas

Volta Redonda, berço de sonhos e ação
Em suas veias, pulsam histórias de paixão
Arigó, guardião dos dias passados
Teu voo traz memórias, em nós ecoam legados
Que a Revista Arigó seja um tributo singelo
Àqueles que fizeram de Volta Redonda o elo
De trabalho, esperança e dedicação
Lembranças vivas na alma da nação

Arigó, pássaro alado do sertão
Leva consigo os nossos direitos
Nas páginas dessa revista, seu voo se eterniza
Contando a história da cidade que eternamente se valoriza.

Stopped

Angela Alves Crispim

Meu coração parou...
Numa esquina qualquer
Observando o mundo.
Num momento inexato,
Onde o tempo-espaço
São palavras figurativas.
Atento olha o horizonte,
Vislumbra as possibilidades
Dos sonhos, desejos, visões.
Em um total mutismo
Presencia a passagem
Das imagens criadas.
E não quer seguir
Os caminhos estranhos,
Sem o controle da chegada.
Ele parou por um tempo,
Aguardando por algo novo,
Diferente, achando que veria.
Imóvel, sentiu profundamente
Todas as emoções complexas
Que um dia imaginou existir.
Meu coração parou em uma...
Esquina qualquer da vida.

Personalidade

Elisabeth Carolina Mathias de Araújo

Às margens do Rio Vermelho
Nascera uma menina de grande brilho.
Como Anna Bretas, desconhecida.
Como Cora Coralina, plenamente reconhecida.

Fora aluna de dona Virgínia
Frequentara as tertúlias, palestras literárias.
Fizera parte do Clube Literário Goiano
Publicara o conto Tragédia na Roça, inspirado em seu cotidiano.

Deixara seus passos em Jaboticabal
E até em São Paulo, capital.
Aos cinquenta anos, assumiu-se como Cora Coralina
E tornara se nossa preciosa poetisa.

As palavras de Cora, brilharam na simplicidade
Quebraram a complexidade das regras gramaticais.
A importante Universidade Federal de Goiás
Publicou Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.

Fora reverenciada por Drummond
Que lhe concedera o título de patrimônio do Brasil.
Deixou-nos livros comovedores.
Somos seus eternos admiradores.

Pérolas

Francisca Torres

Somos como pérolas escondidas no mar.
Lindas, raras, fortes.
Cada uma com sua história de lutas e vitórias.

Incansáveis, cheias de sonhos.
Uns conquistados, outros reprimidos.
Nossa meta é vencer sempre!

E, mesmo quando algo dá errado,
Respiramos fundo, olhamos para frente e dizemos:
Há um novo horizonte a conquistar!

Uma mulher é capaz de sorrir com lágrimas na garganta,
De chorar de alegria, de gerar outra vida!
De amar incondicionalmente!
Sem nada cobrar em troca.

Não somos rascunhos.
Somos uma obra-prima feitas pelas mãos de Deus.

Aos que lutam

Nathan da Cunha Gonçalves

Como posso dizer que as pessoas são boas,
Se há tanta maldade no mundo?
Tanta ignorância, tanta crueldade,
Tanta mentira e falsidade,
Tanta dor, tanto choro,
Tanto desaforo,
Tantas causas perdidas,
E lágrimas retidas?

Mas como posso dizer que as pessoas não são boas
Quando há tanta gente que luta
Pra fazer daqui um lugar melhor?

Vida em abundância

Nathan da Cunha Gonçalves

Ele veio para que tenhamos vida
E vida bem vivida
Que para isso precisa de alimentação
Acesso a Saúde, Educação
Cultura, esporte e lazer
Moradia digna, acesso à terra
Direito à cidade e segurança
Emprego digno, protegido por legislação
Direito de ser ouvido, participação
Ele veio para que tenhamos vida
E vida é bem viver
Sentir a grama nos pés, e também areia
Cozinhar juntos, servir a ceia
E o almoço de domingo, reunido
Com quem se ama e quem se quer
É dançar e cantar, desenhar
Conhecer a beleza da vida, das coisas
E das pessoas, conhecer para amar
Ele veio para que tenhamos vida
E que através dela possamos conhecer
Todas as maravilhas ao nosso redor
As árvores que dão frutas
As flores e seus perfumes
As ervas que servem de remédio
As raízes que são alimento
E todos os animais, bichos e humanos
Conhecer para respeitar
Ele veio para que tenhamos vida
Para amarmos uns aos outros
Como Ele nos amou
Para viver em liberdade, harmonia
E saber que estamos aqui de estadia
E que essa vida, que aqui não começou

Também aqui não termina
Pois a vida que Ele nos trouxe
É a vida eterna, a imortalidade da alma
Nos ensinou a solidariedade, e o amor
O amor verdadeiro, que sentiu por nós
Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida
Ele veio para que tenhamos vida
E vida em abundância.

Viva o Arigó!

Lee Brasil

Ora viva o Arigó! - cantava o Rei do Baião
No interior do sertão, onde tomou-se emprestado
O nome daquela ave, passarinho de arribação,
Que alçava voo em busca de um lugar sossegado
Para ali fazer o seu ninho. E daí veio o apelido
Gravado na pele curtida de cada novo migrante
Que aqui chegava, confiante. Assim era construído
O município do Aço: do braço vindo de terra distante.
_ Vamos dar um viva a ele! - Luiz Gonzaga cantava
E todo o povo se unia no refrão, a uma só voz…
Onde antes só havia um rio que ao raio se curvava
Agora o que se via? Bandos, revoadas de arigós
Que aqui criaram raízes, aqui fizeram seus lares.
Abrigados em barracas, aguardavam suas casas
Para que, de toda parte, viessem seus familiares
E povoassem a terra, e pousassem com suas asas
No interior fluminense. Tal qual ave migratória
Que procura seu sustento em local seguro e novo,
Nosso Arigó também veio e aqui fez sua história
Mostrando a todos a glória e a força de nosso povo!

Prosa

CURRICULUM VITAE*

Conto

Ana Cristina dos Santos Malfacini

Palavra. Vocábulo. Sei lá. A vida de Rosa era assim: muita palavra, muita explicação; tautologia. Na verdade, ela era obcecada pela palavra ideal, o momento certo de dizer a coisa certa - ou correta, melhor no contexto, para aprimorar a coesão textual. Algo assim, para entendermos sua excessiva preocupação metalinguística.

Esta era Rosa. Dois filhos, um menino e uma menina, um poodle e um marido que lhe era indiferente (com o pronome propositadamente ambíguo). Rosa era professora de Português, com matrícula no Estado e no Município, com algumas dezenas de tempos em escolas particulares de sua cidade e pouco tempo, muito pouco tempo para si e para os seus. Nas lacunas, o que sobrava do restrito tempo em casa (algo entre meia-noite e quatro da manhã), fumava (escondido) e se dedicava à palavra: estudos teóricos do léxico português.

Era feliz. Ou pensava ser, até receber aquela proposta, que na hora a fez encher-se de orgulho e logo depois de terror. A amiga professora de Matemática lhe avisara do concurso literário que haveria na região, uma excelente oportunidade de mostrar a todos seu talento e sua acurada percepção linguística. A princípio, envaideceu-se com o convite, com o reconhecimento profissional...depois, desesperou-se, de tal forma que a colega atenta quase percebeu seu ligeiro rubor de face.

O que escrever? Qual seria o tema de seu texto? O que descrever, narrar ou dissertar? De repente, Rosa percebeu o que deveria ser-lhe óbvio desde sempre: a dolorosa percepção de que não havia assunto para escrever! Nesse fragmento de segundo, sua vida lhe passara à frente e vira centenas de cenas desfocadas em preto e branco: sua infância fora mesquinha e solitária, escondida atrás de brinquedos que nunca usara por medo de estragarem-se; sua escolha universitária foi feita por seus pais, porque moças de família só poderiam, quando muito, ser professoras; seu marido era, por conveniência, o irmão do noivo da prima, um bem sucedido e inculto comerciante local, a quem nunca amou; seus filhos nasceram sem lhe causarem dor, ou qualquer outro sentimento que os unisse além dos cordões umbilicais; seus pais eram velhos e sadios, sem nenhuma morte próxima que viesse lhe causar trauma, pena, sofrimento ou aprendizagem, ou qualquer coisa da qual ela pudesse tirar uma lição de vida realmente interessante.

Olhou o papel em branco e sentiu pena de sua vida enfadonha e correta. Nenhum amor, nenhuma aventura, nenhum erro, nada havia em sua frente, senão um cotidiano correto e metódico. Durante horas olhou o caderno pautado, até que as linhas azuis borraram-lhe os

olhos e misturaram-se entre si. Dos livros que leu, das pessoas que conheceu, não conseguira extrair nada que pudesse lhe servir como tema. Pensou em escritores famosos e teve raiva, inveja de todos eles. Pensou em obras lidas, relidas, contadas e reescritas, nada valeu. Uma madrugada inteira sem que uma palavra lhe brotasse na mente.

Falta de inspiração, só podia ser falta de inspiração. Nada que um dia de trabalho não resolvesse. Com as crianças, certamente adviria uma ideia brilhante ou uma fagulha de reflexão a desdobrar. Só que, a cada minuto do dia, sua angústia só aumentava, ao ver palavras multiplicando-se de seus lábios, que de nada valiam ser escritas. Para quê? O concurso literário pressupunha, como o próprio nome dizia, literatura, e naquele momento o que a incomodava vorazmente era perceber que sua vida virara...gramática!
Um conjunto de regras e exceções voltadas para uma modalidade culta, algo que aqueles alunos famintos e carentes não atingiam, o que os fazia a cada dia menores, devido àquele abismo linguístico que os separava e que – ela tinha que confessar – a enchia de prazer e satisfação, até aquele momento.

Faltou-lhe o chão aos pés. De que adiantavam os adjuntos e os complementos nominais, se não lhe davam um assunto, uma literatura? (por mais que tivesse tentado fazer uma poesia com eles!). De que adiantavam os anos a fio em sala de aula, ensinando todos os filhos da cidade a escrever, se ela própria não sabia redigir um texto realmente seu, com suas ideias? Onde estava sua imaginação, se só no que pensava era corrigir e corrigir o que os outros diziam ou escreviam?

A dor que sentiu naquele momento talvez tenha sido a pior de sua vida inteira. Um misto de angústia, de piedade, de frustração por aquela vida pequena, desinteressante, escondida atrás de livros alheios em uma cidade do interior. Foi difícil perceber que as palavras, as quais ela sempre buscou e perseguiu, nunca lhe vinham na hora adequada porque ela simplesmente... não as sentia, não as vivia! Sua relação com elas era mecânica, artificial, passível de correções de certo e errado. Não eram as palavras quentes que inebriam poetas ou que arrebatavam bocas úmidas de namorados adolescentes. Não eram os gritos das crianças que brincam nas praças, ou a comemoração enérgica dos torcedores de futebol. Não eram as confissões arrependidas, ou o grito de prazer e dor de amantes apaixonados e lancinantes. Suas palavras não tinham vida, porque ela não tinha vida. A falta de vivacidade de suas palavras representava seu fracasso, o seu modo de viver, o grande cinza que era seu cotidiano.

Teve vontade de correr para um lugar que não existe, longe de tudo e de todos para viver uma vida sua, sem medo da opinião dos pais, filhos, marido, vizinhos, amigos, parentes, colegas, alunos etc. A vontade passou e ela continuou sua rotina exatamente do jeito que era. O concurso literário era uma bobagem de jovens idealistas e verborrágicos. Coisa boba e desnecessária. Voltemos às aulas de Gramática.

*Conto premiado pela Academia Brasileira de Letras no Concurso das 100 melhores Redações do ano de 2003 (27º lugar)

A ilusão do conhecimento

Conto
Cyro Baylão

A jovem estava tão imersa em seus estudos que mal percebeu a chegada de um senhor de meia-idade, vestido de branco, à sua mesa. Ele se acomodou à sua frente, lançando lhe um olhar amigável. A agitação inicial e o subsequente silêncio desconfortável a forçaram a romper o tão almejado sossego:
— Posso ajudá-lo?
— Só vim ver o que você está fazendo.
— O que uma elfa estaria fazendo em uma biblioteca repleta de livros e velas? — Ela respondeu com um suspiro.
A expressão de desconforto era evidente em sua fisionomia, mas o estranho parecia ignorar isso por completo. Ela tentou mantê-lo afastado com seu silêncio, esperando que ele eventualmente entendesse a mensagem e fosse embora. Infelizmente, isso não aconteceu, e ele ainda ousou perguntar:
— Meu nome é Eric. Qual é o seu nome?
— Sou Anasop — ela respondeu com frieza.
— Anasop? Um nome incomum.
— De fato. Da família Hia? A renomada linhagem dos elfos arcanos? Francamente.
— Entendi. Anasop Hia. Você parece ser uma pessoa muito inteligente. Mas será que realmente precisa dessas velas? O local já está bem iluminado, não acha?
Ela observou ao redor e percebeu que a biblioteca estava longe de estar bem iluminada, devido aos inúmeros livros e estandartes das casas nobres que bloqueavam a luz. Anasop ajustou sua roupa de couro, certificando-se de que estava adequadamente vestida, pegou sua pena e tentou continuar seus estudos. Contudo, o senhor persistente não dava trégua:
— Você é verdadeiramente perspicaz. Apenas não estude demais, ou ficará distante demais da realidade.
— Prefiro o excesso de conhecimento à ignorância. Não há nada pior do que isso.
— Acredito que a ilusão do conhecimento é pior do que a ignorância em si.
— E a confiança é silenciosa, enquanto a insegurança é barulhenta. — Ela respondeu com um toque de impaciência, mas depois respirou fundo e continuou de maneira extremamente educada. — Por favor, seria tão gentil de me deixar em paz?
— Os sábios falam porque têm algo a dizer, enquanto os tolos falam porque precisam dizer algo. — Ele respondeu com um sorriso sereno. — Vou fazer sete perguntas. Se você acertar todas, eu lhe mostrarei que a ilusão do conhecimento é pior do que a ignorância em si.
— E você irá embora depois disso?
— Sim, encerraremos por hoje. Diga-me, de que material é feita a Escova de Pelo de Camelo?
— De pelos de esquilos.
— Excelente. Eu sabia que você era inteligente. Quanto tempo durou a Guerra dos Cem Anos?
— Cento e dezesseis anos.

— Impressionante. Parece que não conseguirei enganá-la. As Ilhas Canárias receberam esse nome devido a qual animal?
— As Ilhas Canárias foram assim chamadas por causa dos cachorros.
— Incrível. Você acerta todas. Qual era o primeiro nome do Rei George VI?
— O primeiro nome do Rei George VI era Albert. Ele atendeu a um desejo da rainha e mudou seu nome.
— Isso é inacreditável! Você é genial! Mas, esta é a pergunta que vai confundir você: de onde é originária a Groselha Chinesa?
— A Groselha Chinesa é da Nova Zelândia.
— Eu desisto! Em que mês os russos celebram a Revolução do Outubro Vermelho?
— A Revolução de Outubro Vermelho é comemorada em novembro.
— E por fim, a última pergunta. Qual é a cor da caixa preta dos aviões?
— A caixa preta dos aviões é laranja, para facilitar sua localização. Agora, por favor, o senhor pode me deixar em paz? — Sua paciência estava prestes a se esgotar.
— Excelente. Você é realmente muito inteligente. Como prometido, vou deixá-la em paz. Só mais uma pergunta: o que é um avião?
— O quê!? — Anasop Hia começou a sentir uma dor de cabeça e tontura. — O que você fez comigo!? Isso é magia!? Veneno!?
— Onde ficam as Ilhas Canárias? De qual país é o Rei George VI?
Tudo começou a rodar ao seu redor. Ela se levantou abruptamente, derrubando tudo em sua volta. Suas pernas tremiam e seu estômago revirava.
— Onde fica a China, a Nova Zelândia e a Rússia?
Ela desabou no chão, segurando a cabeça e incapaz de compreender o que estava acontecendo. Olhou ao redor e percebeu que não estava mais na biblioteca. Estava em um lugar completamente branco, assim como a vestimenta do senhor que a importunava.
O homem se ajoelhou, ajudando-a a se levantar. Ele lhe deu uma cadeira e um copo d'água. As mãos dela tremiam tanto que quase derrubou o recipiente.
Quando finalmente se acalmou um pouco, ele começou:
— Meu nome é Dr. Eric. Você está na biblioteca do hospital. Seu nome é Ana Sophia, não Anasop Hia. Você é uma humana, como eu, não uma elfa. Você está aqui há algum tempo porque está doente. Você tem dificuldade em distinguir a fantasia da realidade. Você consegue entender o que estou dizendo?
Ana Sophia levou as mãos ao rosto e começou a chorar. Ela estava mais assustada do que ferida, pois seu sofrimento advinha da imaginação, não da realidade. Ela foi arrancada à força do mundo que amava e, sem sua fantasia, a dura realidade do mundo a tornara insuportável.
— Ana Sophia, você precisa apagar essa vela, ou corre o risco de incendiar os livros que tanto ama e até mesmo machucar alguém no processo.
Ela olhou para as velas, que antes eram tochas e agora pareciam fios brancos incandescentes. Ela apagou as chamas, como se apagasse suas próprias ilusões. No entanto, uma delas se recusou a apagar. Ela lambeu os dedos, extinguiu o último brilho e sussurrou:
— A realidade é apenas uma ilusão, embora muito persistente.
— Eu lhe disse, Ana Sophia. — Disse o Dr. Eric enquanto se retirava. — A ilusão do conhecimento é pior do que a ignorância em si.

A rosa vermelha

Conto
Angela Alves Crispim

Era urgente uma decisão definitiva. Vilma queria mudar totalmente a sua vida. Decidiu abandonar tudo e tomou o primeiro ônibus que se dirigia à cidade, sem se despedir dos familiares e amigos. Alugou um pequeno quarto, começou a procurar emprego. Conseguiu ser contratada como caixa em um banco a ser inaugurado e pode respirar aliviada, porque suas economias começavam a minguar, reclamando cautela.

Passaram-se alguns meses e os seus objetivos foram alcançados, o seu "eu" anterior foi substituído. Tornara-se uma figura interessante, atraente, competente, apreciada pelos colegas e gerência. Agora se reconhecia como queria e tudo passou a estar bem.

Certo dia, ao findar o expediente em seu caixa, viu entrar no banco um rapaz moreno, alto, bem vestido, parecendo ser um empresário. Imaginou quem seria aquele homem que conversava com o gerente, que por sua vez, procurou com o olhar um caixa disponível e percebeu que ela os observava, fez um aceno e foram ao seu encontro.

- Senhorita Vilma, por gentileza, poderia fazer o depósito do Sr. Velasques antes de fechar o seu caixa? – Solicitou.

O Sr. Velasques olhou para Vilma e sorriu de modo cordial dizendo:

- Senhorita, desculpe pelo pedido inoportuno, mas tenho muita urgência em resolver alguns problemas para a firma, antes de uma reunião importante.

- Fique tranquilo, não será incômodo algum. Farei o seu depósito, preciso apenas de alguns minutos, logo estará resolvido. – Informou sorrindo.

Vilma ouviu quando ele comentou com o gerente se no banco tinham muitas mulheres bonitas como aquela moça que acabara de atendê-lo. Gostou de ouvir a observação feita por aquele cliente especial e tão charmoso. A partir daquele dia passou a olhar mais atenta para as pessoas que entravam, procurando encontrar o rosto bonito e misterioso do Sr. Velasques, cuja a aparência lembrava alguém conhecido.

Mais alguns dias e ele retornou, depois outro e mais outro, até que sua frequência começou a ser observada por olhares desconfiados dos colegas, os quais perceberam uma relação especial entre o caixa número 5 e aquele cliente. Acabaram por marcar um jantar após o trabalho numa sexta-feira, para conversarem. Ela ficou surpresa quando se viu em uma mesa à luz de velas, no restaurante mais aconchegante da cidade.

- Vilma... posso chamá-la assim? – no que ela concordou. – Fico feliz por ter aceito meu convite. Há muito queria conversar com você fora do ambiente de trabalho e para nos conhecermos melhor. Fiquei fascinado por estes olhos negros, brilhantes como o ébano, insinuando muitos mistérios. – Comentou com um leve sorriso.

- Eu também tinha muita vontade de conhecê-lo melhor. No banco as pessoas entram e saem sem que prestemos muita a atenção, mas com você foi diferente. – Respondeu olhando-o dentro dos olhos sem saber como se referir a ele.

- Por favor, me chame de Diogo. – Pediu sorrindo.

- Vou confessar Diogo... desejei muito saber quem era, de onde vem, o que faz realmente. Quando o vi no banco fiquei curiosa, tive a sensação de conhecê-lo há muito tempo, o que não seria possível, estou na cidade há apenas dois anos. – Relatou.
- Já que tocou no assunto, posso dizer que a observei muito antes daquela primeira visita ao banco. Você realmente se lembra de mim. Foi muito breve o nosso encontro no passado. Eu lhe dei uma rosa vermelha na sua formatura da faculdade e, você a beijou com muito carinho. Passaram-se três anos e você não mudou muito fisicamente, contudo está diferente, mais madura, bonita, sem aquele ar de bichinho do mato perdido no mundo. – Disse com um sorriso nos lábios.
Diante do seu olhar surpreso, ele riu balançando a cabeça até que voltou a dizer:
- Eu estava passando uns dias na casa de parentes e fomos a formatura do filho de um casal amigo da família. Quando a vi fiquei imaginando, como ainda podia existir nos dias de hoje uma pessoa com uma aparência de pureza tão intensa como a sua. Queria me aproximar, mas haviam muitas pessoas a sua volta exigindo a sua atenção e eu resolvi esperar uma chance. Foi rapidíssima, mas a única e me apressei em dar a rosa, sem que houvesse mais tempo para nos conhecermos. Infelizmente no dia seguinte voltei para a cidade e depois de tanto tempo a vejo ao entrar naquele banco. Foi incrível, logo a reconheci, pensei que nunca mais a veria. Havia prometido a mim mesmo, que mais cedo ou mais tarde voltaria e procuraria por você... a formanda de olhos negros. – Brincou ele.
Dessa vez foi Vilma quem riu, mostrando um brilho diferente na face.
- Saiba que foi o meu primeiro amor... o desconhecido da rosa vermelha. Você não imagina como foi importante aquela rosa para mim. Depois de recebê-la o procurei na festa e não o vi. Durante muito tempo sonhei encontrá-lo novamente. Acabei por me convencer de que tinha sido uma ilusão, um sonho bonito que se materializou numa noite muito especial. – Relatou.
- Acho que me apaixonei por você no momento em que o paraninfo de sua turma fazia o discurso, alguém tocou em seu ombro e ao se voltar para trás pude ver os seus olhos brilhantes, cheios de lágrimas devido a emoção que estava sentindo. – Disse ele.
- Emoção!? É eu estava muito emocionada. Aquele dia estava representando uma pequena batalha que eu vencera dentro de minha família. Foi difícil convencê-los a deixar eu tentar um futuro diferente do pretendido por eles. – Comentou triste.
- Como disse Anatole France: "Acaso é pseudônimo que Deus usa quando não quer assinar o nome". Acho que o destino quis que nos encontrássemos novamente e teceu as suas malhas. Eu gostei. Obrigado destino! – Disse sorrindo ao olhar para cima.
- Fico contente por saber que você não é um completo desconhecido na minha vida, mas existe uma pontinha de decepção pelo tempo perdido, no entanto... – parou pensativa – talvez tenha sido melhor assim. Eu precisava resolver algumas questões e me forçar a tomar certas atitudes. A decisão mais certa que tomei foi abandonar a minha cidade e este momento a confirma mais uma vez. – Declarou sorrindo.
A partir daquele instante a conversa se desenvolveu com muito mais liberdade. Houve um perfeito entrosamento entre eles. Sentiram um elo forte a uni-los, solidificando seus desejos, sonhos, ideais. Descobriram que se apaixonaram naquele primeiro encontro, onde nem sequer trocaram uma palavra.

Diogo Velasques tornara-se um pequeno industrial e trabalhava muito para se firmar como empresário. Seus encontros passaram a ser mais frequentes e longos, ficava cada vez maior e mais forte o sentimento que os unia. Envolveram-se nas malhas do amor vertiginosamente e estavam presos, em uma prisão da qual não pretendiam sair. Já não conseguiam ficar sem se verem, se tocarem.

Diogo surgiu na vida de Vilma como por encanto, a procurá-la como amiga, companheira, confidente e mulher amada. E Vilma encontrou o homem dos seus sonhos, renascendo outra vez, mais forte ao se sentir verdadeiramente amada.

Havia algum tempo que estavam vivendo juntos e Diogo precisou viajar para São Paulo. Em um avião fretado, ele e um grupo de pequenos empresários iriam participar de uma conferência para o desenvolvimento das pequenas e médias empresas no país.

Alguma coisa não deu certo. Passaram-se oito dias e não houve notícias de Diogo, ou qualquer dos passageiros do avião. Vilma começou a ficar nervosa, não compreendendo o que poderia ter acontecido, mesmo a firma, dona da aeronave, não tinha uma explicação e estavam investigando a partir das últimas comunicações com a base, mas nada haviam encontrado até aquele momento. A única possibilidade mencionada consistia em ter havido uma pane no aparelho entre a serra e a capital.

Vilma desesperada, buscou forças para não desmoronar inteiramente. Seus pensamentos negavam-se a aceitar a notícia. Tirou uma licença no bando e embarcou para a capital procurando informações na polícia, que consentiu com a sua presença nas investigações. Completou o décimo dia de ausência e nada foi encontrado. Suas buscas a levaram a um esgotamento total. Por insistência de amigos desceu a serra em direção a Santos e ficou num hotel em frente ao mar e ao vê-lo sentiu uma vontade imensa de ser tragada pelo oceano, deixando toda a sua dor em suas águas.

O desaparecimento de Diogo se estendia por quase quatorze dias, sem a mínima notícia. Vilma achava que explodiria num desespero total, vestiu-se à noite e saiu caminhando pelas areias da paia buscando encontrar a força perdida.

Cansada sentou-se na areia e chorou muito até que ficou isenta de todos os sentimentos. Ela não era dona de seu corpo e podia vê-lo de cima, viu-se puxada por uma força e cedeu totalmente ao impulso. Em sua visão vislumbrou a carcaça de um bimotor, perto de uma grande clareira, com umas seis pessoas aglomeradas a sua volta. A alguns metros existia um riacho com águas claras, coisa rara em São Paulo. E mais adiante uma grande montanha de pedra com um relevo estranho. Ela viu Diogo deitado com uma das pernas enfaixada, parecia febril e todos estavam abatidos, letárgicos. A montanha, o riacho, a clareira e uma voz conhecida dizendo: “Vilma eu te amo, estou perdido. Venha me buscar! ”.

De repente seu corpo voltou a ser sentido e com um choque acordou do que julgou ser um sonho. Seu instinto aguçado pelo desejo de reencontrar Diogo, queria de qualquer forma que fosse verdadeira aquela visão e dispôs-se a procurar a clareira. Precisava encontrá-la. Fez de tudo para descobrir, no entanto foi negativa a investigação.

Ao sentar-se já quase desanimada, lembrou-se do riacho de águas claras. Era isso! Eles não haviam chegado aos centros urbanos, aconteceu um desvio na rota. Só poderia ser esta a explicação. Foi ao aeroporto e após longas horas conseguiu de um funcionário a informação

de que naquele dia e horário houve uma turbulência muito forte em direção norte, mas era só o que sabia informar.

Vilma com a ajuda do técnico, traçou possibilidades entre a decolagem e o desaparecimento da nave, os ventos e a mata. Das dezoito probabilidades, dez foram descartadas por serem áreas cultivadas, depois caiu para seis devido às montanhas.

Alugou um helicóptero e foi aos lugares supostos, no quarto círculo de seu mapa pode reconhecer alguns pontos e seu coração bateu loucamente. Ali não constava do roteiro de buscas da polícia de São Paulo e foi quando viu a montanha, mais adiante, depois o bimotor e as pessoas estiradas, com algumas delas ajudando aos mais debilitados. Emocionada desceu rápida do aparelho, enquanto o piloto se comunicava com a base informando as coordenadas do acidente.

Vilma correu ao encontro de Diogo que murmurou baixinho:

- Eu sabia que você nos encontraria. Eu sabia!

Seus sorrisos se misturaram com as lágrimas. Vilma após cuidar dos feridos com os medicamentos que trouxera, e alimentos, sentou-se ao lado de Diogo colocando sua cabeça em seu colo, acariciando seu rosto, seus cabelos dizendo:

- Não será fácil você se afastar de mim outra vez.

- E quem disse que eu quero. – Brincou ele, com voz fraca.

- Nem em sonho você irá fazer outra dessa comigo. Se tiver que cair o avião novamente serão dois os perdidos. Sem você eu não quero mais existir. – Disse olhando-o nos olhos.

- Vilma, você e eu não podemos mais ficar um segundo separados. Somos um só. E este acidente provou o que eu digo. Seria bom começar a treinar a nova assinatura, acrescentando Velasques. Nunca mais quero correr o risco de ficar longe de você. – Disse sério.

E um sorriso terno e amoroso selou um pedido desnecessário de união, pois ela já existia a partir de uma rosa vermelha beijada com carinho.

Brevidade

Conto
Marcio dos Santos Medeiros

Naquele cantinho do interior, tão distante quanto se poderia imaginar (talvez um pouco mais...), existia Brevidade. Este diferente nome de cidade, fazia jus a tudo que nela existia. Tudo era muito rápido, muito breve. E por vezes nada agradáveis!

Brevidade não estava ao centro do estado, estava à margem, junto da linha divisória do mapa para outro estado. Um Estado dizia que era do outro, o outro, empurrava-a para a responsabilidade do primeiro. Tão breve que a placa de "Bem Vindo" era alta, bem no meio da cidade, com o mesmo dizer dos dois lados.

Não coube colocar uma placa de volte sempre. Ninguém queria voltar e ainda sim, a cidade era breve demais para separar tanto uma placa da outra pra fazer valer a pena. Nessa cidade, haviam duas ruas principais: uma cortava em longitude, outra em latitude. Longitude é até engraçado dizer, pois era uma cidade em que nada era longe. Latitude nem tanto, pois daria para ir de um extremo ao outro com uma bicicleta em um dia apenas.

Aliás, se tiver um bom par de pernas experientes no pedal, daria para cruzá-la por completo e voltar ao ponto de partida, antes do almoço. Nem seria preciso se atrasar na soneca da tarde, coisa que todos os poucos habitantes faziam, de maneira breve.

Em brevidade, era tudo muito simples de ser resolvido. Bastava o prefeito tocar o apito no meio da cidade, que o burburinho se formava e coisa de meia hora depois, todos estavam na praça para algum pronunciamento oficial ou algum plebiscito.

Verificavam com uma chamada se tinha quórum suficiente e pronto, de maneira breve nos plebiscitos, a população era questionada. Iam para um lado todos aqueles que queriam "sim" como resposta, pro outro todos que optavam pelo "não". Tirava-se uma foto da votação, contavam-se os votos, arquivavam a foto para comprovação posterior e auditoria, se fosse preciso.

No mural da cidade teria o resultado no mesmo dia. Votos computados, foto arquivada. Cumpra-se conforme Decreto Municipal. Estes decretos nunca chegaram a ocupar uma folha A4 por completo.

Nesta cidade, havia um morador bem idoso, o mais idoso de todos, de nome Benedito. Cabelos brancos, corpo curvado, muito ativo, próximo dos 80 anos.

Em Brevidade, a expectativa de vida era breve, se comparada a do País. Cerca de 40 anos em média! E não importava se nascido lá ou não. Brevidade era uma cidade

amaldiçoada, diziam alguns. Essa fama se espalhou e houve um grande êxodo da localidade, deixando-a quase fantasma.

A longevidade de Benedito nunca havia sido vista naquela cidade. Ele era a prova viva de que a cidade poderia não ser maldita. Estiveram próximos de homenagear o idoso com título de cidadania, mas ele recusou. Disse que era vaidade das vaidades, tudo é vaidade! E citou Eclesiastes. Era um sábio! O criador o poupou para que pudesse iluminar a cidade, trazendo bons conselhos, diziam as pessoas.

Era muito procurado. Ofereceram a ele moradia no centro de Brevidade, mas ele também recusara. Preferia morar isolado dos demais, longe (dentro das possibilidades de Brevidade).

Sua casa, de um quarto, ainda era coberta de sapê e suas paredes cobertas por barro. Chão batido, um cachorrinho solto no canto da varandinha, dormindo ao relento em dia de calor. Várias árvores de fruta ao redor. Uma pequena roça com diversidade de plantação: tubérculos, verduras. Haviam galinhas ciscando pra lá e pra cá. Uma autêntica casinha da roça, sem cercas, com janelas de tábua. Assim era a casinha de Benedito, o conselheiro de Brevidade.

— Benedito, eu acho que meu marido ta me traindo, o que eu faço, velho Benedito? Pôs-se a chorar a moça que chegou e pedia seus conselhos.

O velho ria contido, sabia que faltava moça para os rapazes namorarem em Brevidade, fora que o marido dela era feio de uma maneira tenebrosa. Diziam que esse moço havia aprendido a andar com dois meses, pois ninguém queria pegá-lo no colo. Mas respondia com suavidade:

— Milha filha, uma moça bonita destas, se preocupa com isto? Mas está bem, vou te sugerir que faça uma boa janta, dessas que você saiba que seja do gosto dele. Se banhe, fique toda bonita. Quando ele chegar, não fale nada, apenas diga para ele se banhar para janta, pois você está com fome e deseja jantar mais cedo. Jantem com calma.

Depois diga que está cansada e bote as crianças para dormir mais cedo e que ele a acompanhe. Botem juntos as crianças para dormir. Feito isso, diga para ele que está cansada, mas ainda tem tempo para uma conversa, e sim, conversem! Relembrem os tempos de namoro. Riam, brinquem e se alegrem em companhia um do outro. Não cobre nada nem ouça se ele cobrar alguma coisa, não responda, apenas ignore. Assim, uma fagulhinha vai cair em cima da palha do amor e vai começando a virar um fogaréu. Quem sabe a noite não estica? Casal que não ri, não vive juntinho.

Casal precisa de cama, mas precisa de cumplicidade! Precisa até mesmo um código que só eles sabem. Um mundinho particular para deixar a vida mais leve.

Ao dizer isto, ela começa a pensar, começando a abrir um sorriso. Parece acreditar nas palavras do velho, que viveu desde moço com sua esposa Corália, já casados antes de chegaram a Brevidade. Fazia pouco tempo que Benedito era viúvo. Por longos e longos anos eles pareciam ser muito felizes. Tudo isso gerava força para a grande vontade que ela tinha de acreditar nas palavras dele. Ela abre um sorriso e diz:

— Só isso? Que coisa boa! Eu faço com gosto, mas será, Benedito?

— Acredita, minha filha...

E lá se ia embora mais uma pessoa aconselhada pelo velho Benedito. Enquanto ela se distanciava da casa, ainda no quintal de Benedito, observou que ele parecia conversar com alguém. Será que teria ele começado a sentir o peso da idade e falava com as paredes? Corália havia falecido. O cachorro estava do lado de fora.

Enfim, ela não pensou muito nisto: havia um pontinho de vida começando a crescer dentro dela novamente; uma fagulha pronta pra incendiar e virar fogaréu. E assim, ao longo do tempo, muitos iam e vinham à casa dele. Desde que começou a ganhar notoriedade pela avançada idade, até das cidades próximas vinham pessoas em busca dos seus conselhos.

Conselhos e mais conselhos haviam sido dados. Às vezes o humor de Benedito mudava repentino, era um pouco estranho, parecia mudar da água para o vinho às vezes, mas devia ser coisa da idade. Quase ninguém em Brevidade sabia lidar com pessoas mais velhas que 40 anos.

Mas como tudo na vida muda, e a única constante é a própria mudança...

Em um dia destes, se espalhou a notícia de que o velho Benedito estava morto. Havia falecido e foi encontrado pela manhã, ainda deitado. Parecia dormindo. Tinha um sorriso de alívio no rosto.

A cidade toda estava em comoção. Prefeitura fechada, Câmara de Vereadores em luto. Todos, sem exceção, foram à casa de Benedito e é possível que metade da cidade deve ter cabido dentro na casa, inclusive. Era uma cidade bem breve.

Havia na cama o finado, coberto com uma manta que incluía a cama toda, até o chão. Só o rosto ficou de fora. Como se houvesse uma arrumação para o velório de um nobre. Enfim, deveria descansar o homem que viveu o dobro da vida dos moradores de Brevidade. Um recorde local!

O murmúrio daqueles que estavam dentro velando o corpo se juntava aos que estavam fora e que ainda não tinham entrado para vê-lo. Da meia dúzia de curiosos que sempre há, os comentários se espalhavam:

—Não pode ser, mas será o Benedito? Parece não ser ele!

—Deixa de ser besta, homem, que tá ai o defunto na tua frente, tu não quer é acreditar! Na morte a pessoa fica mudada um pouco, tu não sabia disso? Ainda mais que ele tem 80 anos!

—Ai Benedito! Que falta você e seus conselhos vão fazer! Você parece ainda estar tão vivo... E sorrindo!

Do lado de fora, a turma se acotovelava:

— Mas será o Benedito? Eu achei que viveria para sempre! Tem alguma coisa estranha ai...

— Deixa de ser besta, quem vive para sempre? Deixa o defunto descansar, homem!

O Burburinho só não se espalhou na cidade toda porque a cidade toda estava lá e não faltava contar para ninguém. Algumas pessoas naquele dia iriam sentir falta de poder fazer a fofoca pra alguém.

Após a tristeza geral, as pessoas começaram a sair para preparar o velório. Seria velado na Câmara. A Prefeitura de Brevidade decretaria Luto oficial.

Aos poucos, as pessoas foram deixando a casa. Do primeiro a chegar até começarem a sair, levou cerca de uma hora. Um a um, todos voltaram para suas tarefas, aguardando a hora de velar o corpo na Câmara dos Vereadores.

O Finado, já retirado do local, não pode presenciar o velho Benedito sair de baixo da cama. Nem mesmo a risada que ele deu quando saiu do esconderijo. Haviam levado seu irmão gêmeo, José, pra ser velado na cidade. José havia chegado na cidade montado em seu burrico, para visitar Benedito, já desenganado pelo médico. Depois de muito tempo afastados, tinham muita coisa para conversar. Benedito propôs a seu irmão um plano, prometendo a ele que seria bom pra ele. Conversaram muito. Acertaram detalhes. José havia ficado escondido para não causar rebuliço. Ninguém em Brevidade sabia do irmão. Se já o achavam um personagem mágico por dobrar a expectativa de vida de Brevidade, imagina de aparece do nada um irmão gêmeo? Achariam logo uma profecia para tal ocasião. É assim pra tudo que as pessoas não entendem: criam um mito! Ele se incomodava com isto tudo, mas não havia se mudado de Brevidade por se sentir muito bem ajudando o povo local. Ele achou que o irmão também se sentiria melhor com esta trama, de se passar pelo irmão e dar conselhos também; que aproveitaria os últimos momentos para semear o bem e a bondade.

— E agora, José? Disse em voz alta e riu alto. Benedito olhava para a cama vazia. Ele mesmo respondeu:

— Agora eu vou bem para sua casa de tijolos, e você vai ser o Benedito que morre como mito para já já virar santo por estas bandas! Aqui o povo exagera. Mas a verdade é que me ajudou tanto dividindo os conselhos comigo! Revezamos desde a sua chegada e com isso você viveu mais. Enquanto ajudava os outros, tinha um motivo para viver mais um dia. E foi bem mais dias do que o médico te deu. E obrigado por deixar para mim as tuas coisas. Vou-me de burrico para a outra cidade, minha nova casa de tijolos está me esperando! O velho José já está fora há muito tempo, os vizinhos vão estranhar!

O quarto

Conto
Francisca Torres

É inacreditável como a vida segue seu rumo. Helena sonhava em crescer, se formar em uma Faculdade, se casar, ter uma família exemplar.

E com seus 17 anos, conheceu o inconsequente Marcos, um garoto solto na vida, sem compromissos. Era bonito, interessante e

tudo para ele parecia fácil, mas, na verdade, fantasiava e contava coisas maravilhosas na escola para seus amigos, o que não correspondia à sua realidade.

Um dia, no pátio da escola, os dois se encontraram. Eles tinham amigos em comum, e Marcos fez um convite para ela ir a uma festa em sua casa. Tudo mudaria na vida de Helena a partir daquele dia.

Ela aceitou o convite e foi a tal festa. Lá, tentava se sentir à vontade. Marcos a encontrou e, com um beijo na testa, desejou-lhe boa noite e a convidou para irem até a piscina.

Lá ele serviu um drink colorido e muito gostoso. Sem perceber, ela bebeu, bebeu, dançou, divertiu-se e, quando acordou no dia seguinte, viu que estava em um quarto, seminua, com muita dor de cabeça. Levantou-se, foi ao banheiro e pensou no que poderia ter acontecido, pois sentia dores, mas não se lembrava de nada. Tomou banho, arrumou-se e viu que estava sozinha, sem amigos. Encontrou uma mulher que cuidava da limpeza do lugar, cumprimentou-a e voltou para sua casa, sem amigos, sem história, apenas lembranças.

Tudo doía.

Helena não mais viu Marcos, porém nunca esqueceu aquele beijo na testa. Escolheu calar-se, pois sentia vergonha.

Enfim, Helena seguiu em frente com seus planos, concluiu seus estudos, formou-se em Arquitetura, conseguiu uma boa colocação no Mercado de Trabalho. Casou-se, teve uma linda filha e deu-lhe o nome de Maria Eliza. Mas, dentro de seu coração, algo mudou para sempre e, só ela sabia.

I left my heart in VR

Crônica
Ana Cristina dos Santos Malfacini

Nos últimos dias, VR foi parar na mídia por causa da poluição e deu uma dorzinha no coração ver meus amigos me ligando para saber se era verdade, se eu estava bem, se eu e as crianças estamos doentes, se eu já tenho planos de me mudar daqui. Já são quase bodas de prata de que moro em Volta Redonda e eu confesso que fiquei nostálgica, com saudade até da época em que uma companhia alimentícia viralizou com um meme homônimo à sigla da cidade, numa foto obrigatória que todo turista que veio por essas bandas já conhece, em explícito amor à praça principal e a seus monumentos históricos em alusão a Getúlio Vargas e à siderurgia no Brasil. Hoje, em meados de 2023, resgato este texto, publicado na bloguesfera há mais de década, para declarar minhas historietas nesta cidade que agora chamo de minha.

Aqui em Volta Redonda pedestre atravessa na faixa e o motorista respeita, independente de sinal. Ai do motorista que não para, porque quando não é multado, é xingado por uma falange de velhinhos da terceira idade. Sim, VR é a capital internacional dos idosos, empatando somente com Copacabana!!!! Aqui tem velhinho na rua, nas praças, nas piscinas, no estádio, sempre se exercitando e com seus direitos gratuitos. Quando eu crescer, vou querer ser velhinha aqui para viajar de graça e desfilar em bloco de Carnaval. Quem sabe então eu não passo a acordar às 6h tão feliz como eles indo para a hidro ou para a Academia da Terceira Idade...

Volta Redonda também tem peculiaridades interessantes. Cachorro-quente é diferente de hot-dog. Cachorro-quente é o de festinha de criança e leva carne moída (!!!) no molho. Hot-dog é o que vende na rua (aquilo que nós cariocas chamamos de "Podrão") e tem que vir regado de molho verde, uma mistura secreta de maionese, orégano, azeite e outras ervas. O negócio é uma bomba calórica deliciosa, não tem lanchonete ou restaurante que não sirva. Nunca tinha visto em nenhum outro lugar. É iguaria gastronômica daqui.

O povo daqui também gosta de pizza frita, um negócio que parece um pastel metido-a-besta, com umas coisas dentro que imitam pizza. E tem também uma tal de palha italiana, um doce que leva chocolate e biscoito maisena. Nem sempre a aparência é sugestiva, mas o danado do troço é delicioso!

Já caí também numas armadilhas da linguagem do povo daqui, principalmente aquelas ligadas à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). "Estar no turno" é "trabalhar de zero-hora", quer dizer, no turno que começa à meia-noite. "Piranhar" é passar o outro para trás. "Zeba" é o cara vacilão (não posso explicar como surgiu o termo zeba porque senão eu teria que me referir a uma maneira vulgar pela qual a vulva é chamada). E tudo aqui tem o sufixo –aço: Voltaço, maneiraço, legalzaço etc.

Mas o mais legal que aconteceu comigo foi com relação à minha antiga casa, o meu apartamentinho querido do Laranjal. Na frente da minha casa tinha uma fonte (o volta-redondense não usa o termo chafariz e até então eu não sabia o porquê disso). Eu, carioca da gema, achava feio dizer que morava perto da rodoviária da cidade, mas achava chique dar como ponto de referência da minha casa o chafariz. Eu não entendia a cara de surpresa e espanto que as pessoas faziam quando eu falava no lugar. Demorou um tempão para um aluno educado me dizer, nas palavras dele, que Chafariz era "um lugar onde moças não tão moças cobram para fazer sexo com os clientes". O pior foi quando ele arrematou: "Professora, normalmente quem mora em frente ao Chafariz também trabalha lá!!!". Gente, o povo então estava achando que eu era do babado!!!!

Enfim, Volta Redonda tem dessas coisas. Sinto saudade do Rio, é verdade, mas já não sei se deixo para trás a pizza frita com molho verde. Ah, só para fechar: aqui pode não ter praia, mas acho muito chique morar num lugar que ainda respeita o pedestre e o idoso!!!!

(PS.: Eu vou achar ainda mais chique quando a gente voltar a ter nossas janelas e varandas limpas, com nosso ar limpo, com os filtros da usina funcionando tudo direitinho, mas isso eu vou ter de contar na próxima história...)

A live e a atualidade

Crônica
Elyane Lacerdda

Resolvi fazer a minha primeira Live com um amigo essa semana, confesso que é sempre maravilhoso me expressar e poder encontrar amigos novos também, não sou uma pessoa conservadora, aprecio as inovações e gosto de me reinventar sempre, detesto mesmices, sou ligada no aqui e agora, desta forma as mudanças que ocorrem no planeta ou na minha vida emocional nunca me deixarão desanimada ou sem vontade de viver o momento da melhor forma que me for permitida, porque há sempre uma maneira de driblarmos a natureza triste e solitária do ser humano! Afinal, o que somos?

Convivermos com o distanciamento social tem nos provocado vários sentimentos conflitantes inerentes ao nosso povo, que carrega dentro de si muita emoção e a necessidade intrínseca de estar sempre lado a lado com amigos num gesto comum de grandes abraços e sorrisos constantes porque somos movidos pela afetividade, apesar das diferenças sociais que tanto nos afligem e nos comovem. Acredito no Amor que nos envolve...

Acredito na Vida e nas pessoas com todos os seus deslizes e questionamentos, mas há dentro de cada um de nós, a grande espera pela vitória e com certeza em quanto permanecermos na positividade, haverá uma atração pelo universo cósmico e venceremos mais uma batalha biológica porque sou adepta à lei da atração, que nos rege rigorosamente. Somos produtos de nossos pensamentos e intenções diárias, não tenho dúvida alguma com relação a isso. Podemos construir um futuro melhor, desde que observemos mais as dicas da natureza, as aflições que nos rodeiam, a miséria, o abandono, a exclusão, porque a sociedade não nos perdoa, estamos a todo o momento sendo observados e julgados por pessoas que se julgam no direito de determinar as regras do ser "normal" dentro dos padrões expostos por elas. E assim caminhamos há séculos!

Nessa Live que pela primeira vez tive o prazer de participar com um amigo, colega de trabalho e amante da Cultura, senti uma descontração enorme, apesar de não poder olhar nos olhos de todos que participaram, não sentir o sorriso ou espanto... Mas dei início a uma nova etapa de minha existência, algo assim meio estranho, mas que nos permite alcançar pessoas a longas distâncias geográficas, e que da mesma forma proporciona um alívio na alma, por falarmos com leitores e apreciadores da Literatura, com perfis diferentes e como sou totalmente liberada para ouvir críticas, essa é uma grande oportunidade de crescermos como profissionais, divulgarmos nosso trabalho e da mesma forma evoluirmos como pessoas geradoras de debates e conclusões, que possam engrandecer a Arte de nosso planeta.

A Arte é o registro sólido de todos os acontecimentos históricos, catastróficos, políticos e científicos de uma comunidade, o povo precisa ter um incentivo e a oportunidade de valorizar e interpretar a Arte em todas as suas manifestações, pois através de seus sinais, desenvolvemos a capacidade de análise crítica e observação constante de tudo que nos rodeia, e de nosso próprio "EU".

Sabemos quem somos?

Espero a partir de hoje, construir um novo Mundo dentro do meu ser, e diante desse Universo, que se mostra, estarei inserida e pronta a alçar novos voos, mas com o propósito incessante de trazer projetos, que visem fazer o melhor de mim para abraçar e fazer acreditar em DIAS MELHORES e com mais CULTURA, todos aqueles interessados em "conhecimento artístico", e que por algum motivo estiveram à margem da nossa sociedade!

Nós podemos mudar alguma coisa?

Sempre! Porque o poder de vitória, incentivo e criatividade, só depende de Você, as atitudes lhe marcarão, elas são nosso registro humano!

A Felicidade é intrínseca, e a ARTE é VIDA que corre em nossas veias...

Vivemos Sob efeito de boa propaganda

Crônicas
Angela Alves Crispim

Imaginamos sempre, como efeito dos processos de defesa existentes em nossa mente, que agimos com liberdade, conscientes de nossas ações, ou seja, acreditamos ter a certeza de que estamos segurando as rédeas de nossa vida e das situações.

Será?! Eu me pergunto sempre sobre a veracidade do quanto de ações e reações apresentamos diante daqueles que nos cercam, tanto nos influenciando quanto nos combatendo. Muitas vezes paramos depois de uma atitude e ficamos a raciocinar se foi a correta, a adequada, ou se foi a que resultou no melhor para nós. É estranho... mas é assim que acontece. Somos acometidos por escrutínios interiores, onde analisamos e votamos o que seria o melhor.

Por mais criteriosos que sejamos, esquecemos algumas vezes de um detalhe... a propaganda que nos envolve como redes em nosso cotidiano. Pensamos querer uma coisa e somos levados a achar que gostaríamos muito de obtê-la, como acontece em uma compulsão doentia não revelada claramente.

Não ocorre apenas nos bens materiais. Envolve também decisões, opiniões, conhecimentos do certo ou do errado para a nossa vida e o seu entorno. Somos bombardeados a todo segundo com novos conceitos fabricados para tirar proveito das convicções e posicionamentos enraizados em nossa mente, os quais formam uma profunda base psicológica para as atitudes e convivências em nossa vida.

Tentam nos moldar para aquilo que é conveniente para a mídia. Manipulam informações, verdades, situações, conceitos fortes como beleza, saúde, força, coragem e, sobretudo, a vontade de ser alguém melhor como o demonstrado na propaganda. O que é impossível... não existe tal grau de perfeição.

No início das civilizações o indivíduo era simplesmente obrigado a obedecer às ordens de quem tinha o poder de decidir e governar um reino, império ou um local perdido no mapa. Morria-se por causas dos outros, brigas maiores do que a vida de um simples camponês. Ele ia para uma batalha maior convencido de defender seu senhor, sua família, sua vida, uma religião, sua liberdade de viver e trabalhar naquelas terras.

Em culturas mais antigas, como dos Maias, Astecas, Incas, Celtas, o indivíduo era levado em sacrifício aos deuses, numa propaganda profundamente arraigada sob a argumentação religiosa, dando-o como uma oferenda para diminuir a sua ira ou obter benesses para o seu povo.

Não muito distante de nossa realidade temos o efeito da propaganda eleitoreira, onde o candidato a algum cargo toma cafezinho em um bar como se fosse uma atitude corriqueira,

simpática e normal. Vai à feira, às ruas e fica a cumprimentar e bater nas costas de possíveis eleitores, esboçando um largo sorriso de companheirismo. Promete mundos e fundos para melhorar a condição de vida das pessoas, tipo... um açude para a cidade, mas depois de eleito ele é construído em suas terras. São trapaças pessoais, propagandas enganosas comuns com o efeito direcionado ao mundo político real.

Hoje temos o agravante da facilidade de uma comunicação digital, manipulação de imagens, ideais oníricos, possibilidades, contendas, mentiras, tudo acontecendo numa maior intensidade e velocidade. As mesmas ideias muitas vezes são passadas de forma camuflada para alguém vencer, principalmente numa competição econômica, mudanças culturais, religiosas, de posicionamentos ou políticas.

Apesar de termos evoluído muito em nossas concepções e enxergarmos um pouco além, ainda somos fantoches de uma propaganda em massa altamente burilada para mudar conceitos e vontades nos levando às atitudes esperadas pela cúpula dos donos de um poder fora da esfera de nossa realidade.

Quanto mais novos, ingênuos e suscetíveis somos a essa teia de informações competitivas por uma melhor fatia do bolo econômico, mais sofremos a ação das propagandas. Não adianta dizerem que é para o bem desse ou daquele processo divulgado, o fato é que atacam com vontade as nossas convicções mais arraigadas do correto para a nossa existência.

Como um joguete nos interesses econômicos e políticos conseguem manipular falsidades até que se tornem possíveis verdades e passemos a duvidar do que realmente sabemos, vemos, construímos e conhecemos.

Precisamos ficar atentos, hoje mais do que nunca. Há uma facilidade ampliada pela comunicação que nos levam a acreditar em coisas inexistentes, falsas verdades, metas improváveis para serem alcançadas. São aquelas ofertas com benesses onde o leigo cai em uma emboscada dos mais espertos no uso da mídia, assumindo dívidas, obrigações, desviando os seus recursos para algo que não dará resultado positivo em sua vida, levando-o a se intoxicar com substâncias e notícias que só oferecem melhoria a quem a impôs através de uma propaganda enganosa.

Não precisamos ser obtusos quanto a crescente evolução da ciência, economia, comunicação, saúde, bem-estar, diversão, oportunidades. Só precisamos ficar atentos ao que está por trás do que tentam nos oferecer com muitas benesses, coisas extraordinárias, graciosamente ou a preço baixo, vantajosos... porque nem sempre são as melhores escolhas. E como diz o ditado popular: “Se a esmola é muita o santo desconfia”.

Ensaios & Trabalhos Acadêmicos

A palavra arigó e a identidade de Volta Redonda

José Huguenin[13]
Asséde Paiva[14]

Monumento ao Arigó, de Bruno Giorgi (escultor)

[13] Físico, escritor, poeta, membro Academia Volta-redondense de Letras
[14] Advogado, escritor, ex-funcionário da CSN, um atigó

Resumo

A palavra arigó é marcante na cidade do aço. Associada aos trabalhadores que vieram construir a CSN e, por conseguinte, a cidade de Volta Redonda, temos o Monumento ao Arigó, escultura em aço cortem de Bruno Giorgi, eu fica em frente ao Escritório Central. O arigó está no calendário da cidade: o dois de abril comemora o "Dia do Arigó", em homenagem aos pioneiros. A lenda de um pássaro migratório fez com que nascesse a identidade de um "pássaro". Há ações de artesanato com pássaros de pano representando o arigó e, mais recentemente, a "Arigó Parade", com esculturas de pássaros de quase dois metros de altura espalhadas pela cidade. Apesar de toda essa identidade, a origem da palavra arigó é uma incógnita. Para tratar deste tema reunimos aqui dois ensaios: "A palavra arigó", de José Huguenin, que foi publicado em seu livro de poemas "Relatos de um arigó", que conta a trajetória da cidade em versos; e "Outras histórias da palavra arigó", de Asséde Paiva, escrita para este número da Revista Arigó, onde relembra histórias do tempo de usina e faz buscas e relações das palavras.

A palavra arigó

Por José Huguenin

Não há meio de escapar. Cedo ou (não muito) tarde, quem passa a viver em Volta Redonda ouve a palavra "arigó", nome dado aos trabalhadores que vieram construir a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Aqueles que migraram. A explicação costumeira aqui é que se trata de um pássaro migratório, uma ave de arribação, como se diz no Nordeste, região onde, talvez, tenha nascido essa palavra. Fato é que logo vem à mente um bichinho mimoso, serelepe... Aves migratórias, sabemos da andorinha, da batuíra, também da pomba asa-branca, enfim, imaginamos um passarinho. A imagem que se formou em mim foi de um pássaro pequeno com predominância da cor amarela e traços pretos. As cores do Município teriam vindo desse pássaro (ou o contrário), que representava os construtores, literalmente dessa cidade. Logo a palavra arigó começava a povoar as imagens que despertavam admiração, respeito, entusiasmo e, quando nos vemos definidos por ela (eu também vim para a cidade do aço trabalhar), gera pertencimento.

Quando nasceu a ideia do livro, a primeira coisa que imaginei foi buscar uma foto do passarinho arigó para ilustrar na capa. Aí começou a peregrinação. Fiz buscas de todo jeito e nada coerente nos resultados. Consultei o geógrafo e observador de aves, Gabriel Monnerat, que tem um perfil fantástico no Instagram (@gcblbomonerat) com mais de 1400 fotos de pássaros e, em 2021, publicou o livro *Quintais de passarinho*. Fiquei estarrecido com reposta dele. Disse-me que não conhecia esse pássaro, pelo menos com este nome e que

deveria ser uma denominação geral. Foi uma boa dica. Pesquisando mais, achei o *site wikiaves*. Coloquei o nome de um passarinho, apareceu um monte de variações; digitei andorinha e apareceram quase trinta variações. Coloquei arigó. Nada, nenhum registro. A essa altura, já me convencia de que tal pássaro não existia. Fomos em busca de denominações outras, como sugeriu o Gabriel.

Achei um artigo, de 1943, de João Leda (1876-1955), filólogo, funcionário da Assembleia Legislativa e, então, membro da Academia Amazonense de Letras. João Leda foi instado a falar sobre a palavra que começava a se espalhar por Manaus, no rastro dos soldados da borracha: arigó. Leda disse não conhecer a origem da palavra; não viria direto do português, pois "*os mais conceituados léxicos da nossa língua*" não apresentavam esta palavra, segundo ele. O artigo com ares de *engraçadices* descabidas escancarava também triste realidade: racismo estrutural que remonta aos nossos dias. O que o instou foi o pedido de amigos encafifados com o termo usado em notícias policiais. Disse que buscou no léxico latino-americano sem sucesso. Mas se tratava de migrantes nordestinos, negros, pardos, para atender ao chamado de uma guerra, na demanda por borracha. Hoje, sabidamente muitos soldados da borracha foram enganados e explorados nessa empreitada. Minhas pesquisas me levaram a pensar que o migrante sertanejo se autodenominava "*arigó*". Sem saber a etimologia da palavra, João Leda diz, gaiatamente, que poderia "*inventar*" uma raiz "*étimo iorubano "agó", significativo de riquezas*" com afixo (ari) que significaria roubar. Um claro preconceito. Por que escolheu ele a origem africana do radical para o significado que, desajeitadamente, dava à palavra? Não sei!

Consultei Asséde Paiva, amigo, escritor, pesquisador da língua portuguesa, e da cultura cigana, que escreveu o livro com onomatopeias de pássaros, sobre a palavra arigó, sendo ele, também, um arigó. Ele me informou que teve a honra de ajudar o autor do livro *História do GACEMSS* (Grêmio Artístico e Cultural Edmundo de Macedo Soares e Silva). Na página dezesseis há uma explanação sobre a palavra "arigó". Transcrevemo-la *ipsis litteris*:

> *Os primeiros trabalhadores vindos para o início da grande obra [construção da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN] foram chamados arigós: primeiro, arigós de obra; depois, arigós de Usina). Não há uma explicação clara para o apelido "arigó" dado aos forasteiros, apenas supõe se referir a uma ave migratória mudando constantemente de ambiente, entretanto, nos dicionários não há esse registro e, no Dicionário Houaiss o termo arigó é definido: "Indivíduo simplório, rústico, matuto". Parece se adequar mais aos trabalhadores recém-vindos de todos os estados do Brasil. O termo "arigó" era usado indiscriminadamente, para qualquer operário (principalmente o braçal), que viesse trabalhar em Volta Redonda.* Note-se que os engenheiros eram denominados "arigós de penacho".
>
> *A figura do "arigó" foi tão importante para a CSN e, por conseguinte, Volta Redonda que, na comemoração dos 50 anos de criação, a Empresa inaugurou um monumento intitulado* ***O arigó****, uma obra do escultor Bruno Giorgi, em estrutura de 12 metros, feita em aço Corten, produzido na própria siderúrgica. Monumento localizado em frente ao edifício de Escritório Central da CSN (desativado após a privatização da empresa).*

Fui ver, então, os léxicos atuais, os web dicionários se já incluíam isso. Por exemplo, no Aulete achamos "*Arigô: s. m. || (Bras., Centro) pacóvio, simplório; pessoa rústica.*" Sem relação

nenhuma com a ave migratória. No Dicionário Informal, achamos a definição de José Eduardo Ribeiro Moretzsohn:

> *"Que ou aquele que trabalha em construção de estradas, engenhos e usinas de açúcar; cassaco. Em alguns lugares do Nordeste, segundo depoimento de um nordestino, arigó tem esta acepção por significar ave de arribação, migrante. Quanto ao trabalhador migrante, diz-se que é "arigó" quando vai e, paroara/paruara quando volta."*

Melhorou muito. Uma referência àquele que migra para trabalhar (significado que achamos aqui). Uma busca apontando o Nordeste e não pássaros, me levou à música "Viva o arigó", de Gonzagão, o rei do baião:

Vamos dar viva a ele
Ora viva o arigó
Vamos dar viva a ele
O matuto é o maior.....bis

Eu trabaio de sol a sol
Comigo não tem tempo ruim
Por isso na minha paioça
Só tem roça e não capim
Eu sou mesmo o arigó
E eu sou feliz assim.....bis
Com a força dos meus braços
Pego a enxada e cavo o chão
Quando cai uma chuvada
Pranto arroz, mio e feijão
Eu sou mesmo o arigó
O braço forte da nação.....bis

Esse significado do Aulete (rústico), mas vai saber se esse trabalhador aí não chegou na roça, migrando, como ave avoante, fazendo pousada. O arigó da cidade de aço tinha também o braço forte, o ciclope, segundo o professor Waldir Bedê.

Vou dizimando a dúvida da origem. Essa palavra veio do Nordeste. Mas como explicar o uso dela aqui na cidade do aço, na segunda metade da década de 40, se majoritariamente o trabalhador que ergueu a usina e a cidade veio das Minas Gerais? Uma hipótese é que o alto escalão da usina, militares, tiveram contato com os soldados da borracha: os arigós da Amazônia e acabaram por empregar o mesmo apelido àqueles que vieram dar seu braço, força e juventude. Ainda citando Bedê, um grupo de operários foi desfilar com o exército em um 7 (sete) de setembro na Capital, para o presidente Vargas, sendo chamados de soldados do aço, em clara alusão ou analogia aos soldados da borracha. Fato é que, pássaro ou não, o/a arigó faz parte do imaginário coletivo da cidade do aço. São todos aqueles que dedicaram a vida ao que hoje chamamos Volta Redonda. São histórias que se misturam e constroem um conceito: O que vem trabalhar. Vem de longe, de perto... vem.

E faz pousada. Finca raiz, faz um ninho, gera os primeiros filhos da cidade do aço. E continuam a chegar e a nascer.

Outras histórias da palavra arigó

Por Asséde Paiva

Essa palavra acompanhou a construção da CSN e da cidade de Volta Redonda. Então, muitas histórias se contam sobre ela. Há uma versão sugerida por Ettore Delboni da Cunha, que passamos a relatar.

Quando a CSN estava em construção (idos de 1941/46), foram recrutados em todo o Brasil gente das mais variadas profissões ou de nenhuma qualificação. Na época, Volta Redonda era muito insalubre e muita gente adoeceu ou não se adaptou ao serviço pesado. Muitos morreram com as mais variadas doenças. Assim sendo, o operário desanimava, seja pela dureza do trabalho ou pela disciplina militar imposta (naqueles tempos heroicos, abandonar o emprego na CSN era considerado deserção). O trabalhador (em geral analfabeto) fazia a mala e se dispunha a partir de volta às origens. Os chefes, quase sempre americanos, quando viam sinais de defecção ou deserção perguntavam: **Where are you going**? E o desertor respondia: "Arigó coisa nenhuma, vou s'imbora". Lenda ou fato?

Nos idos de 50/55, novos trabalhadores receberam o apodo "aridango" que era composição de partículas das palavras **ari/**gó + can/**dango.** Este apelido não vingou. Hoje, os operários braçais são chamados **peões**.

Seguem sinônimos para o verbete arigó, todos preconceituosos, ofensivos e humilhantes. Não vamos nos esquecer de que esses **arigós** construíram outrora a maior Usina Siderúrgica da América Latina: a CSN.

Sinônimos de Arigó coligidos aqui e ali

Atoleimado, *abobado, abestado, cearense, trabalhador comum,* ***bocó,*** *bocoió, bestalhão, boco-moco, boca aberta, babão, caipira, araruama, babaquara, baicuara, biriba, botocudo, bruaqueiro, caboclo, caburé, caiçara, camisão, canguçu, capiau, capuava, casacudo, catimbó, chapadeiro,* ***coió,*** *égua, grofeiro, guasca, idiota, jacu, jeca,* ***juca,*** *mandi, mané, mandioqueiro, mandira, mano ,* ***marcha-lenta,*** *mateiro, matuto, mocorongo, mongoloide, muxuango, oreia seca,* ***papalvo, pascácio,*** *pé duro,* ***pé grande,*** *pioca, piraquara, queijeiro, retardado, roceiro, saquarema, sertanejo, simplório, tabaréu, tapiocano,* ***toleirão,*** *transa lenta, urumbeva, zoreia.*

Presença em versos e canções

Minha vida!
Eu sou mesmo arigó
eu sou cria do sertão
vale a pena o meu suor
derramado nesse chão
pode ter vida melhor
mas eu não troco não!
(Guibson Medeiros)

O passo do arigó
A vida lá na roça até que é bem mió
De dia é pro roçado mas a noite tem forró
Mané nos oito baixo vai tocando em tom maió
E a gente sai chiando só no passo do arigó
E a gente sai chiando só no passo do arigó

As mulé se pinta, se ataca e bota pó
Ajunta pro velado e joga pra cima da vó
Que a pobre não cochila de vê tanto chororó
E amarra o cós da saia e cobre tudo no cipó
E amarra o cós da saia e cobre tudo no cipó

E diz ôchente donde vem tanto arigó
E diz ôchente hoje eu mato um arigó
E diz ôchente donde vem tanto arigó
E diz ôchente hoje eu mato um arigó
(Marinês e sua gente)

Finalmente, encontramos uma relação entre um pássaro e a palavra arigó. Sergio Martins Pandolfo faz uma referência que aqui resumimos: *O apodo* ***arigó*** *vem da referência ao popularíssimo pássaro* ***cardeal****, ave de arribação (ordem Passeriformes) comuníssima no Nordeste pertencente ao gênero "Paroaria", de que existem diversas variedades.*

In wiki Aves *Enciclopédia das Aves do Brasil*: *Seu nome científico significa***:** *do (tupi) paroara*[15] *= nome indígena tupi para uma pequena ave vermelha e cinza tiê-guaçu paroara; e do (latim) coronata = coroado.* ⇒ ***(Ave) vermelha e cinza coroada.*** *"Paroare" de Buffon (1770-1783). "Tie Guaçu paroara" (mencionado por Marcgrave).*

[15] **Paroara** – Termo a nosso ver pejorativo e, inobstante os dicionários em voga sancioná-lo como apodo depreciativo que os nordestinos davam aos que arribavam das terras assoladas pela seca, à semelhança das aves de arribação e, em especial, aos que vieram aos borbotões para a Amazônia (por aqui a denominação que se lhes dava era a de "arigós")

CARDEAL — canta, assobia. O cabeça-vermelha, sempre irritadiço, grita em onomatopeia fonético-ideológica: *arre lá... com todos os diabos!... diabos!...´*

É importante ressaltar, contudo, que não há lastro científico para dizer que o cardeal é o Arigó, pois essa palavra não aparece formalmente associada a nenhum pássaro.

"Cântico negro", um poema escrito a quatro mãos

Otavio Henrique Meloni[16]

"Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não, do tamanho da minha altura..."

Alberto Caeiro (PESSOA, 1986, p.208)

A epígrafe retirada do poema "O guardador de reabanhos", do heterônimo pessoano Alberto Caeiro cumpre aqui um papel fundamental para encaminhar nossa proposta. Essa aldeia que pode ser o universo pessoal de cada um de nós é um reflexo do que somos, percebemos, capturamos e sentimos no mundo que nos cerca. Mestre Caeiro sabia bem disso e, ainda que lançasse sua reflexão para questões mais profundas, que investigam a alma e a crença dos homens, nos deixou uma bela lacuna de análise para pensarmos na compreensão do mundo e a formação do universo poético de um autor. É sobre este olhar subjetivo que nos torna "do tamanho que vemos" e não "do tamanho de nossa altura", que queremos pensar aqui ao interagirmos com um pequeno pedaço do universo poético de dois autores, notoriamente, o português José Régio e o moçambicano Rui Knopfli, pensando mais especificamente no segundo e na importância que a obra do primeiro assume para este. Para isso, vamos ambientar um pouco o espaço sócio-cultural em que se insere a produção do moçambicano em análise para buscar algumas entrelinhas de sua escrita poética.

As literaturas africanas de língua oficial portuguesa sempre conviveram com um grande dilema criativo que consistia em fazer do texto literário, sendo prosa ou poesia, uma forma de manifestação política e social sem deixar que tal caráter literário se perdesse em meio às palavras de ordem. Com isso, o século XX proporcionou alguns sinais desta tentativa de convivência dentro do espaço da escrita, mas nem todas obtiveram o êxito esperado. É natural que povos que lutem por sua liberdade e que busquem sua afirmação identitária perante um dominador produzam uma literatura muito presa aos preceitos políticos e às palavras de ordem e ação. Porém, como negociar uma convivência entre o estético e o

16 Professor do IFRJ, poeta, doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Autor Correspondente: otavio.meloni@ifrj.edu.br

engajado em um cenário como esse? Este trabalho busca demonstrar como mesmo inserido neste espaço de escrita, Rui Knopfli consegue dialogar com outros autores, de locais diferentes, neste caso, especificamente com o poeta português José Régio.

Afastado das questões políticas da então colônia portuguesa, Knopfli assume sua condição cosmopolita e se desprende das temáticas habituais da literatura moçambicana. Logicamente, sua postura imparcial o relega a um lugar diferente dos demais de sua geração. Knopfli se localiza a parte da produção literária local, problematizando mais ainda as questões raciais que já o envolviam e convertendo sua identidade e seu encontro pessoal em matéria viva de sua poesia. É, então, que a lírica se enraíza na obra do autor de maneira viva e incurável. O poeta desenvolve uma das mais incisivas produções líricas da poesia africana em língua portuguesa. Adensando a característica já típica de seu local literário, o autor de Mangas verdes com sal (1969) transforma o espaço do poema em uma tela por onde passeiam imagens, referências e citações diversas. Antenado aos espaços literários europeu e americano, o poeta busca na própria literatura uma base consistente para se situar como sujeito e, por consequência, como escritor. Dessa forma, indo mais uma vez de encontro à grande maioria de seus contemporâneos, Knopfli vai buscar na própria metrópole alguns nomes com quem deseja dialogar. É esta entrega de Knopfli à forma lírica da poesia e ao diálogo poético que faz com que muitos jovens autores do Moçambique atual encontrem, em sua obra, subterfúgios de apreço e apoio literário.

Optante por esta não participação política – no que concerne à luta contra o colonizador –, Rui Knopfli se afasta da corrente engajada que dominava o cenário literário nas então colônias portuguesas em África. Tal decisão o relega a um outro plano nessas literaturas. Soma-se ainda a questão racial e identitária, já que Knopfli, descendente de portugueses e suíços, não se enquadrava no estereótipo dos poetas nacionais. Dessa forma, sua poesia dança entre as linhas apolíticas, os anseios do indivíduo em sua busca por uma identidade através da constituição do espaço da memória.

São muitos os poemas do autor que trabalham tais questões, principalmente seus primeiros títulos, ainda escritos e publicados no pré-independência, que, de certa forma, sentem a necessidade de divulgá-las e problematizá-las. Poderíamos citar alguns títulos, como: "Naturalidade"; "Direcção proibida"; "Poemazinho reacionário para uso particular" e "O preto no branco". Porém, daremos uma atenção maior ao poema "Cântico negro", publicado no já referido livro Mangas verdes com sal, no qual Knopfli reafirma suas convicções políticas se colocando mais uma vez à parte de todo um projeto que movia as letras moçambicanas daquele momento, ainda que através de uma negociação poética com outro universo literário: o do português José Régio. Vejamos o texto:

Cago na juventude e na contestação

e também me cago em Jean-Luc Godard.

Minha alma é um gabinete secreto

e murado à prova de som
e de Mao-Tsé-Tung. Pelas paredes
nem uma só gravura de Lichtenstein
ou Warhol. Nas prateleiras
entre livros bafientos e descoloridos
não encontrareis decerto os nomes
de Marcuse e Cohn-Bendit. Nebulosos
volumes de qualquer filósofo
maldito, vários poetas graves
e solenes, recrutados entre chineses
do período T'ang, isabelinos,
arcaicos, renascentistas, protonotários
- esses abundam. De pop apenas
o saltar da rolha na garrafa
de verdasco. Porque eu teimo,
recuso e não alinho. Sou só.
Não parcialmente, mas rigorosamente
só, anomalia desértica em plena leiva.
Não entro na forma, não acerto o passo,
não submeto a dureza agreste do que escrevo
ao sabor da maioria. Prefiro as minorias.
De alguns. De poucos. De um só se necessário
for. Tenho a esperança porém; um dia
compreendereis o significado profundo da minha
originalidade: I am really the Underground.
(KNOPFLI, 2003, p. 270)

Não é preciso muito esforço para perceber que o poema funciona como uma rede de referências em busca de um sentido uno: definir-se como "Underground" perante aos

que assim se definem sem o sê-lo. A referenciação na poesia contemporânea é um espaço comum, mas ganha novos contornos quando pensada por Knopfli no momento e na situação em que está inserido. O crítico e escritor argentino Jorge Luis Borges já nos disse que "cada escritor cria os seus precursores." (BORGES, 2007, p. 130) As palavras do argentino nos remetem a uma das mais interessantes questões que envolvem o fazer literário e seus desdobramentos de leitura: O quê e como leem os escritores? Por vezes, quando lemos um romance ou alguns versos, nos esquecemos de que todo texto se encontra repleto de referências e citações, ainda que, em alguns momentos, isso não seja perceptível na pele da escrita. Porém, ela é sempre um gesto posterior ao da leitura. E as relações que as duas atividades podem exercer ultrapassam, muitas das vezes, aquilo que acreditamos ter compreendido ou apreendido do texto que acabamos de ler. A leitura, portanto, pode ser uma via de muitos caminhos, não só interpretativos de si mesmos, mas ressignificados em textos outros, e isso fica muito claro no poema de Knopfli.

Mas o pensamento de Borges ainda nos alerta para uma outra questão, não de menor importância: como as leituras pessoais dos escritores interferem na sua escrita? Sabemos que um texto, a partir do momento que é "recortado" para integrar outro contexto, assume novos significados, pois se desprende, ainda que não completamente, de sua raiz inicial. Porém, há algo que envolve os dois textos para a formação de um novo espaço de significação: o que encontraremos da comunhão harmônica entre o texto pinçado de outra obra e o que está sendo construído. Compagnon nos fala sobre essa propriedade da citação:

A citação é um corpo estranho em meu texto, porque ela não me pertence, porque me aproprio dela. Também a sua assimilação, assim como o enxerto de um órgão, comporta um risco de rejeição contra o qual preciso me prevenir e cuja superação é motivo de júbilo. (...) A citação é uma cirurgia estética em que sou ao mesmo tempo o esteta, o cirurgião e o paciente: pinço trechos escolhidos que serão ornamentos, no sentido forte que a antiga retórica e a arquitetura dão a essa palavra, enxerto-os no corpo do meu texto (como as papeletas de Proust). A armação deve desaparecer sob o produto final e a própria cicatriz (as aspas) será um adorno a mais. (COMPAGNON, 2008, p. 37-38)

A citação, pois, acaba assumindo um papel fundamental para as respostas que aqui buscamos, já que está na sua essência a "criação" de um espaço anterior ao texto ao qual os escritores nos remetem incondicionalmente. É neste mesmo espaço que encontraremos seus precursores, como se refere Borges, "inventados" – através das citações e das referências textuais – pelos próprios escritores. Essa aparente inversão do processo criativo acaba por nos colocar diante de um novo problema: o que devemos ler antes? A pergunta se torna extremamente retórica já que, nesse caso, a ordem cronológica vai ser derrubada pela lógica do processo sugerido. Vemo-nos nas mãos do autor e em seus olhos, sendo guiados em sua escrita por suas leituras, sem poder tomar decisões precipitadas sobre o que nos dedicamos a ler. O problema, no caso de "Cântico negro" começa pelo título, colocado entre aspas pelo próprio poeta. Trata-se de uma referência direta ao poema de José Régio, autor português da geração presencista. Régio, inconformado com os rumos estéticos que alguns caminhos da

literatura portuguesa iam percorrendo, e com intenção de afirmar sua ideologia literária, escreve um poema forte, de versos cortantes. A escrita do português sugere ao seu leitor um amálgama de sentimentos difusos entre ódio, sofrimento, ira, desilusão, amor ao próprio projeto e segregação ao que lhe for exterior: tais características formam uma redoma no entorno de sua obra, que sempre buscou uma análise humana da solidão e do encontro do sujeito com a sociedade em que está inserido – tudo isso sempre entrelaçado por uma atmosfera mística e pela dicotomia Deus/Diabo. Cabe ainda comentar que o poema atinge outro estágio se lido em voz alta, acompanhando o ritmo dos versos dado por Régio para alternar estes sentimentos. "Cântico negro", de Régio, está no livro Poemas de Deus e do Diabo de 1965. Vejamos o poema:

"Vem por aqui" – dizem-me alguns com os olhos doces

Estendendo-me os braços, e seguros

De que seria bom que eu os ouvisse

Quando me dizem: "vem por aqui!"

Eu olho-os com olhos lassos,

(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)

E cruzo os braços,

E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:

Criar desumanidade!

Não acompanhar ninguém.

– Que eu vivo com o mesmo sem-vontade

Com que rasguei o ventre a minha mãe

Não, não vou por aí! Só vou por onde

Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde

Por que me repetis: "vem por aqui!"?

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,

Redemoinhar aos ventos,

Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,

A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi

Só para desflorar florestas virgens,

E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!

O mais que faço não vale nada.

Como, pois sereis vós

Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem

Para eu derrubar os meus obstáculos?...

Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,

E vós amais o que é fácil!

Eu amo o Longe e a Miragem,

Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,

Tendes jardins, tendes canteiros,

Tendes pátria, tendes tectos,

E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...

Eu tenho a minha Loucura !

Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,

E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém.

Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;

Mas eu, que nunca principio nem acabo,

Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!

Ninguém me peça definições!

Ninguém me diga: "vem por aqui"!

A minha vida é um vendaval que se soltou.

É uma onda que se alevantou.

É um átomo a mais que se animou...

Não sei por onde vou,

Não sei para onde vou

– Sei que não vou por aí!

(RÉGIO, 1925, p.50-52)

Como podemos ver, o poema de Régio é o grande mote para o poema de Rui Knopfli. Talvez seja a inconformidade a principal responsável pela recuperação, por parte do moçambicano, do texto de Régio. Mas não podemos ignorar ideias outras como a relação entre "querer ser sozinho" do português e "saber estar sozinho" de Knopfli. Por isso, a releitura do texto é baseada em uma questão central que liga os dois poemas, mas incorpora aspectos muito próprios do momento sócio-cultural de Moçambique e do processo colonial português. Tal constatação nos leva a perceber que, enquanto José Régio trabalha seu texto a partir de um diálogo com um interlocutor para afirmar sua posição de não seguir os demais, Knopfli busca uma subjetividade que apenas constata em suas preferências a ausência de todo um conjunto de temáticas, personagens e de pensamento que seriam "modismos" em sua época justamente por serem considerados "underground". Assim o moçambicano aproveita a discussão instaurada por Régio em outro contexto, para aprofundar seu drama pessoal de se sentir expatriado: um sujeito sem lugar, com raízes subjetivas no pensamento e na memória. Partindo, então, desta inicial referência, o poeta moçambicano traduz as tensões levantadas pelo português adequando-as à sua situação de exilado dentro do próprio país. Ainda que em vias e condições diferentes, julgamos necessário lembrar de algumas palavras de Edward Said sobre as condições do exílio:

O exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado. Em geral, não têm exércitos ou Estados, embora estejam com freqüência em busca deles. Portanto, os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstruir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado. O ponto

crucial é que uma situação de exílio sem essa ideologia triunfante – criada para reagrupar uma história rompida em um novo todo – é praticamente insuportável e impossível no mundo de hoje. (SAID, 2003, p. 50)

O sugerido "estado de ser descontínuo" acentua a desterriorialização por que passa Rui Knopfli, principalmente por se pôr à parte de um projeto literário nacionalista que se desenhava amplamente alicerçado nas palavras de ordem contra o colonizador. O contexto do poema de Knopfli passa a se formar através de referências marxistas e comunistas, comprovando sua não aceitação de tais ideias e, principalmente, da maneira como as mesmas estão sendo instituídas em seu país. Iniciando o poema já de maneira subjetiva, ele se define como um "gabinete secreto" e a partir daí enumera o que cabe e o que não cabe dentro de seu mundo. É justamente neste momento que nos deparamos com as figuras de Mao-Tsé-Tung, Cohn Bendit e Marcuse, ícones de uma ideologia de esquerda alicerçada nos preceitos socialistas que se pretendia instaurar nas colônias a partir da perspectiva dos movimentos de libertação. Porém, se as críticas se iniciam contra algumas bandeiras socialistas, surpreendentemente continuam sobre a cultura pop e as definições de arte, corporificados em Lichtenstein e Warhol, por exemplo, além da ironia sarcástica do verso "de pop apenas / o saltar da rolha na garrafa / de verdasco". Metáfora da própria metáfora se pensarmos no verdasco como um vinho novo com alto nível de acidez. Cremos que a estratégia da versão do moçambicano busca demonstrar de que modo personagens, períodos e manifestações que são ou foram tidas como "underground" não o atingem desta maneira, o que define o "estar a margem" como um estado descontínuo – típico de quem se sente exilado – e não como uma rotulação libertária ou de cunho revolucionário. Talvez seja este o grande ponto de diferença entre o Poema de José Régio e a versão de Rui Knopfli: Régio bradava "que não ia por ali" para afirmar sua escolha estética e se situar nela como um pilar de resistência às correntes externas dentro de um sistema literário já formado e consolidado há séculos; Knopfli buscava uma afirmação ideológica não com caráter dominante, mas na busca da compreensão e do reconhecimento de sua diferença, e assim evidenciava um sistema literário em construção, que precisava se abrir à malha cultural já existente e experimentar.

Nesta perspectiva, o "não ir por ali" de Régio é relido e ressignificado por Knopfli como o ser "underground" em uma sociedade que se desenha "maniqueísta" durante o processo de contestação e libertação colonial. As ironias da versão do moçambicano demonstram seu lugar marginal, não só no espaço da colônia, mas também no português e, de certa maneira, no contexto universal. É inegável que ele estava à frente de seu tempo dentro de um sistema literário que começava a se formar em Moçambique e essa "incompreensão" que circundava seu universo literário tinha muito de político, mas denota também a falta de referências por parte de muitos de seus leitores, como o próprio poeta alerta em seu texto: "um dia compreendereis o significado profundo da minha/ originalidade: I am really the Underground.". Enquanto este dia não chegava, coube a Rui Knopfli se interar do pensamento de José Régio e engrossar do coro dos que "não vão por ali!"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luis. Kafka e seus precursores. In: ___. Outras inquisições. Trad.. Davi Arrigucci Jr.. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 127-130.

COMPAGNON, Antoine. O trabalho da citação. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1996.

KNOPFLI, Rui. Obra poética. Lisboa: INCM, 2003.

PESSOA, Fernando. Poesia completa. Rio de janeiro: Nova Aguilar, 1986.

RÉGIO, José. Poemas de Deus e do Diabo. Coimbra:1925.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.Trad. Pedro Maia Soares.São Paulo: Companhia das Letras; 2003.

Jean M. Auel: da Ficção Literária à Realidade Pré-histórica

Angela Alves Crispim[17]

RESUMO

Ayla - A Filha das Cavernas. Ficção literária que se desenvolve há 35.000 anos, onde um grupo de neandertais adota uma menina cro-magnon. Um dos personagens principais foi baseado em um fóssil encontrado, desempenhando papel chave na trama. O trabalho teve por objetivo principal demonstrar o valor da pesquisa científica na composição de uma ficção literária. Há uma importante mensagem literária, a partir da ficção/realidade, construindo possibilidades de vivências dos homens pré-históricos na era do gelo.

Palavras-chave: Ficção literária, pré-história, Homo neanderthalensis, Homo Cro-Magnon.

ABSTRACT

Ayla - The Daughter of the Caves. Literary fiction developed 35,000 years ago where a group of Neanderthals adopt a Cro-Magnon girl. One of the main characters was based on a fossil found, playing a key role in the plot. The main objective of this work was to demonstrate the value of scientific research in the composition of a literary fiction. There is an important literary message, based on fiction/reality, building possibilities for experiences of prehistoric men in the ice age.

Key words: Literary fiction, prehistory, Homo neanderthalensis, Homo Cro-Magnon.

INTRODUÇÃO

Jean Marie Auel é o nome literário de Jean Marie Untinen. Nasceu em 1936, em Chicago, Illinois, EUA, sendo conhecida por escrever romances de ficção pré-históricas, retratando o Homo neanderthalensis e Homo Cro-Magnon.

17 Autora correspondente: angelacrispimster@gmail.com

A saga "Os Filhos da Terra" é composta por seis volumes: I. Ayla - A Filha das Cavernas (1980), II. O Vale dos Cavalos (1982), III. Os Caçadores de Mamutes (1985), IV. Planície de Passagem (1990), V. Abrigo de Pedra (2002) e VI. A Terra das Cavernas Pintadas (2011).

Nestes volumes a autora desenvolveu uma sequência de histórias ocorridas há 35.000 anos, o encontro e convivência de grupos humanos com suas diferenças e semelhanças, tecendo possibilidades imaginárias nos relacionamentos entre si e com o meio.

Além de construir, em cada um dos livros que compõe a saga, uma história de amor, descobertas, lutas e relacionamentos, suas narrativas sobre os neandertais e cro-magnons nos conduzem a imagens interessantes e consistentes, baseadas em publicações científicas de registros fósseis e artefatos encontrados em sítios arqueológicos para compor seus personagens e descrever os animais e vegetais predominantes na época.

Procurou ser cuidadosa ao montar a sua realidade literária ficcional, buscando além do auxílio de intensa pesquisa bibliográfica, o crivo de cientistas, pesquisadores, antropólogos, arqueólogos e estudiosos da área.

Este trabalho teve por objetivos, através de um dos livros de Jean M. Auel, reforçar o valor da composição de uma obra literária ficcional, baseando-se em conhecimentos investigativos consistentes para formar uma visão imaginária de um provável universo vivido pelos neandertais e cro-magnons. Procurar comprovar a importância de uma versão imaginativa bem estruturada dentro da literatura, possibilitando ao leitor uma visão fictícia da relação dos indivíduos entre si, com a caça, coleta de alimentos, crenças e a medicina. Por fim, demonstrar as possibilidades e o valor da escrita narrativa ao se utilizar de pesquisas com bases científicas na elaboração e construção de um universo na literatura ficcional, adicionando informações importantes quanto as deduções de uma provável realidade ambiental e os desafios que os povos pré-históricos enfrentaram para sobreviver às temperaturas na era do gelo.

DESENVOLVIMENTO

Para compreendermos os meandros das tramas desenvolvidas é necessário esclarecer que o primeiro fóssil encontrado do Homo neanderthalensis foi uma calota craniana, em 1856, numa caverna do vale do rio Neander, a leste de Düsseldorf, na Alemanha. Em 1886, um homem e uma mulher bem preservados foram localizados em Spy, na Bélgica, associados a ferramentas de pedra. Em 1908, em La Chapelle-aux-Saint, a leste de Bordeaux, França, desenterraram os restos de um homem neandertal de 40 anos, sem dentes e com sinais de artrite, que foi apelidado o "velho", despertando a suspeita nos pesquisadores de que havia sido ajudado para sobreviver. (TANAKA; VICENTE, 2015, p.192; CONDEMI; SAVATIER, 2018, p. 92).

Segundo Shreeve (2010, p. 8), vários aspectos da biologia e do comportamento do H. neanderthalensis sugerem que estavam bem adaptados ao frio, a caixa torácica em forma de barril e os membros robustos deviam conservar o calor do organismo. Seu corpo musculoso estaria adaptado ao estilo de caça de emboscada de mamíferos relativamente

grandes e solitários que vagavam na Europa Central e Setentrional durante as tempestades geladas, como o rinoceronte lanudo. O formato da testa proeminente poderia ser uma característica neutra de evolução que se fixou por tendência genética e não por seleção.
No abrigo rochoso de Cro-Magnon, perto da vila de Les Eyzies, na França, em 1868, foram encontrados os primeiros vestígios de humanos modernos. No final do século XIX e início do XX fósseis humanos foram localizados, associados a ossos de outros animais e diversos artefatos em vários sítios da Europa, indicando que o continente europeu era ocupado por humanos modernos há aproximadamente 35 mil anos. Fósseis de Homo sapiens também foram localizados na Ásia, entre 1888 e 1890, no sítio arqueológico de Wdjak. (ALLAN; ANDRADE; RANGEL JR., 2015, p.245).

Para se ter uma visão mais concreta do valor do trabalho literário da ficção/realidade científica contida na saga "Os Filhos da Terra", analisaremos a ideia geral da trama desenvolvida no volume Ayla - A Filha das Cavernas, cujo título original norte-americano é "The Clan of the Cave Bear" (O Clã da Caverna do Urso). Nele encontramos uma maior riqueza de detalhes da relação entre neandertais e cro-magnons.

Ayla - A Filha das Cavernas (Volume I)

Ayla, uma menina cro-magnon com 5 anos, presenciou um terremoto violento e vê a família ser arrastada para dentro de numa rachadura no solo, desaparecendo sob a terra. Sozinha caminha sem direção certa e, invade a área de um leão das cavernas que a persegue. Esconde-se numa fresta de uma pedra, mas é ferida pela pata do animal. Suas unhas provocam quatro cortes em sua perna. Após a saída do animal, abandona o esconderijo e segue caminhando, mas os ferimentos infeccionam e ela perde os sentidos.
O mesmo terremoto destruiu a caverna de um grupo de neandertais, matando alguns de seus componentes. Eles sabiam que sem um abrigo não sobreviveriam, precisavam com urgência localizar outra caverna antes do inverno se iniciar e saíram a procura. Os homens passam pela criança ferida e a ignoram por ser dos "outros", ou seja, Homo Cro-Magnon. Mas Iza, a curandeira, irmã de Brum, o chefe, se aproxima e verifica que o seu coração ainda batia e pede para tentar salvá-la, apesar da criança não ser dos clãs.

Iza e Brum são irmãos de Creb, o Mog-ur, um poderoso feiticeiro, o mais temido e venerado por todos os clãs. Nasceu com deformações no corpo e fora atacado por um urso das cavernas que lhe perfurou um olho e provocou a perda de parte do braço mal desenvolvido. A partir do ataque, o urso das cavernas passa a ser o seu totem, o seu espírito protetor, sendo o animal considerado sagrado, de grande força e poder.

O personagem Creb foi baseado no livro publicado sobre as descobertas de fósseis de neandertais encontrados em 1950, na Caverna de Shanidar, no Curdistão Iraquiano, por Ralph S. Solecki. Condemi e Savatier (2018, p. 92-93), mencionam que, um dos fósseis encontrados em Shanidar indicava ser de um indivíduo com muitos traumatismos, deveria ser quase surdo, tinha doenças degenerativas, como artrose nos membros inferiores, joelho, dedão do pé, havia sofrido ainda esmagamento e fratura na órbita ocular, sendo

provavelmente caolho, além de ter perdido o antebraço direito e morreu entre os 40 e 50 anos, o que indicava a solidariedade no meio do clã neandertal.

O clã do urso das cavernas vivia da caça e coleta. Jean M. Auel descreve as caçadas e animais a serem abatidos, como o bisão, rinoceronte, mamute. Há uma riquíssima menção do tipo de vegetação predominante, sua coleta, utilização para a alimentação e a descrição de várias plantas com fins medicinais que Iza, como curandeira, utilizava. Arsuaga (2005, p.146-197), descreve um cenário rico composto pela vegetação e tipos de animais encontrados desde a península ibérica até a Espanha na última glaciação, corroborando com as mencionadas pela escritora.

Ayla passou a viver na fogueira de Creb e Iza. Sobreviveu devido a proteção do clã. Entretanto precisava de um totem para protegê-la. As quatro riscas na perna e, a confirmação através das visões espirituais de busca do feiticeiro, lhe deram como totem o leão das cavernas, considerado extremamente poderoso. Creb a ensinou a contar, e se assustou ao perceber a sua facilidade em aprender e ultrapassar o quanto ele, o Mog-ur, sabia. Por segurança foi proibida de comentar o fato com os demais do grupo, porque já a achavam muito estranha, por ser alta, loira, de olhos azuis e totalmente diferente do clã.

Condemi e Savatier (2018, p.171-172), mencionam que o cérebro dos neandertais era grande, com um poder visual muito maior que o dos sapiens. Pesquisas utilizando moldes endocranianos virtuais a partir de escaneamentos tomográficos de alta resolução, indicaram que a vascularização do cérebro do neandertal seria menos elaborada que a dos sapiens, mas essa dedução não foi definitiva.

A taxa de aumento cerebral foi identificada em pelo menos 3 linhagens independentes do grupo Homo: a que levou ao H. neanderthalensis, na Europa, ao H. erectus tardio no leste da Ásia e ao próprio H. sapiens na África. O cérebro grande deu às espécies envolvidas uma vantagem de sobrevivência. A ampliação cerebral era uma propensão comum no gênero Homo e não só da linhagem direta até o H. sapiens. (TATTERSALL, 2014, p. 47).

Iza ensinou a Ayla como praticar a medicina e reconhecer as plantas medicinais. Por acidente, em uma de suas coletas, presenciou escondida uma aula para os caçadores de como utilizar a funda. De posse de uma funda abandonada, secretamente aprendeu a utilizá-la, desenvolvendo uma habilidade extraordinária em suas pontarias, inclusive com duas pedras lançadas seguidas, contudo caçar e utilizar armas era proibido a uma mulher, levando-a mais tarde, devido a desobediência, a sofrer uma maldição de morte por uma lua, quando precisou se denunciar para salvar uma criança da morte por um lobo.

Broud, o filho da companheira do chefe, não a aceitava por ser dos "outros". Querendo atingi-la obrigava-a a manter relações com ele, por saber que ela odiava o ato a que era obrigada a se submeter. Nasceu do relacionamento o personagem Durc, representando uma miscigenação entre os neandertais e cro-magnons. Numa reunião entre os clãs, Durc é prometido para uma menina também de origem mista, uma vez que seria difícil para ambos obterem parceiros nos seus próprios clãs.

Estudos genéticos das similaridades anatômicas, entre os humanos modernos e os neandertais, mostraram que os dois grupos miscigenavam com frequência suficiente para que os genomas atuais de não africanos sejam até 3% neandertais e, que pessoas diferentes possuem fragmentos distintos de DNA neandertal, sendo que o somatório total do material gênico neandertalense que persiste nos homens modernos pode chegar a pelo menos 20%, de acordo com os cálculos. (WONG 2014, p. 29).

Numa reunião entre vários clãs, há uma competição entre caçadores para matar um urso criado no clã anfitrião. Um dos caçadores é morto e levado para a caverna onde Creb comandará o ritual sagrado dos feiticeiros. Lá eles repartem e comem como sagrado o cérebro do caçador oferecido ao espírito do urso. Ayla preparou a porção para o ritual e acaba por ingerir um pouco. Com a mente nublada entra na caverna e presencia o ritual.
Creb com o seu grande poder mental capta Ayla por perto e penetra em sua mente. Ele deixa parte de sua mente orientando os demais feiticeiros e vai ao encontro da mente da moça e, através de suas memórias fazem uma viagem juntos. Descobre que na evolução de ambos, até certo momento fizeram a mesma trajetória, entretanto chegam a um ponto em que ela continua a caminhar em frente, mas ele não consegue mais segui-la. O feiticeiro percebe em sua visão que os clãs não tinham um futuro, que deixariam de existir e só os outros sobreviveriam. A descoberta o abala profundamente.

Ao retornarem para a caverna após a reunião, encontram Iza em seus últimos momentos de vida. Ela aconselha Ayla a ir embora e procurar o seu próprio povo, porque não pertencia aos clãs. Ao sepultarem Iza, passaram ocre vermelho sobre seu corpo e colocaram os seus objetos ao redor, mas Ayla discorda dizendo não serem aqueles os objetos que mais utilizava, sai da caverna, voltando depois com várias ervas e flores depositando-as em seu túmulo como homenagem.

Na Caverna de Shanidar, no Curdistão Iraquiano, em um dos fósseis de neandertais encontrados por Ralph S. Solecki, havia pólen ao redor do esqueleto. Em 2015, novas escavações na mesma caverna desenterraram um esqueleto articulado, com sugestões de que realizavam rituais fúnebres. Condemi e Savatier (2018, p. 152-155) corroboram com a informação mencionando que os neandertais enfeitavam o corpo com ocre e possuíam práticas fúnebres, demonstrando um pensamento simbólico, colocam ainda o encontro de vestígios de canibalismo, ignorando-se se a antropofagia era endogâmica ou exogâmica.
Creb, abalado por suas previsões do futuro dos clãs, em um de seus momentos de introspecção, ao ter Durc no colo, começa a observar com atenção o que eles chamavam de deformações no menino. Reconhece e entende que parte do Clã iria continuar através das crianças com os espíritos misturados, como Durc e a sua prometida.

Apesar de se discutir várias possibilidades sobre a extinção dos neandertais e, de não se saber ao certo o que aconteceu a eles, há muitas hipóteses quanto ao seu destino. Krause e Trappe (2022, p. 53-54) questionam se os neandertais foram realmente extintos, uma vez que geraram descendentes férteis com os humanos modernos. E como carregamos o DNA dos neandertais, argumentam que simplesmente se fundiram a nós.

Broud ao se tornar o chefe do clã, determina que Durc passe a viver na fogueira de Vorn e sua companheira e Creb vá ocupar uma posição no fundo da caverna. Ayla se revolta e enfrenta o chefe. Broud ordena a Goov, o novo feiticeiro, executar a maldição de morte para ela. Há um novo terremoto. Ayla encontra Creb morto ao lado do túmulo de Iza.

Executada a maldição, segundo os costumes e crenças dos clãs, ela passa a não ser vista pelos membros do grupo, por ter se tornado um espírito. Teria de partir, então recolhe o que precisará para a viagem e o que lhe cabia dos alimentos colhidos e preparados, pede a Brum para proteger o seu filho e parte em busca de seu próprio povo.

A partir do volume II os encontros entre neandertais e cro-magnons são mais raros, entretanto não deixa de existir uma certa animosidade e desconfiança quanto às relações por ambas as partes dos grupos.

CONCLUSÕES

Existe uma certa fidelidade nesta composição literária ficcional quanto às descobertas documentadas, registradas e os argumentos dedutivos emitidos por antropólogos, arqueólogos e pesquisadores na montagem dos personagens e suas situações hipotéticas.

Os animais e plantas descritos para o período receberam a confirmação de sua existência através de fósseis encontrados em vários sítios arqueológicos descobertos, os quais foram devidamente estudados e registrados cientificamente.

São várias as teorias para a extinção dos neandertais, mas as evidências atuais indicam que sobreviveram devido a miscigenação, continuando a existir através de traços genéticos mantidos nos descendentes europeus, não ocorrendo com os de origem africana. Estas evidências comprovam que os neandertais e os cro-magnons, ou H. sapiens, se relacionaram em possíveis encontros.

Utilizando da licença poética ao escrever, Jean M. Auel mencionou literariamente muitas situações totalmente fictícias na montagem das aventuras e vivências dos seus personagens idealizados e, de alguma forma demonstrou as características prováveis dos indivíduos pertencentes aos dois grupos. Foi criteriosa, coerente e realista quanto às comprovações e descrições científicas do ambiente, animais e vegetais existentes naquele período pré-histórico da era do gelo, há 35 mil anos.

BIBLIOGRAFIA:

ALLAN, Allysson; ANDRADE, Fernando; RANGEL JR., Miguel José. Origem e Dispersão dos Humanos Modernos. In: Assim Caminhou a Humanidade, Walter Alves Neves, Miguel José Rangel Jr., Rui Sérgio S. Murrieta (Organizadores). São Paulo: Palas Athena, 2015, p. 242-280.

ARSUAGA, Juan Luis. O colar do Neandertal: em busca dos primeiros pensadores. São Paulo: Globo, 2005, 349p.

CONDEMI, Silvana; SAVATIER, François. Neandertal, Nosso Irmão. Uma breve história do homem. São Paulo-Vestígio, 2018, 236p.

KRAUSE, Johannes; TRAPPE, Thomas. A Jornada dos Nossos Genes. Rio de Janeiro: Sextante, 2022, 288p.

SHREEVE, Jamie. O Caminho da Evolução. National Geographic Brasil. Editora Abril. Julho-2010, p. 66-97.

TANAKA, Cinthia M.; VICENTE, Renato. Os Neandertais. In: Assim Caminhou a Humanidade, Walter Alves Neves, Miguel José Rangel Jr., Rui Sérgio S. Murrieta (Organizadores). São Paulo: Palas Athena, 2015, p. 190-240.

TATTERSALL, Ian. Se eu tivesse um martelo. Scientific American Brasil, ano 13, nº 149, Duetto Editorial, 2014, p. 44-49.

WONG. Kate. A Saga Humana. Scientific American Brasil, ano 13, nº 149, Duetto Editorial, 2014, p. 26-31.

Reflexões sobre a Análise do Discurso e o Ensino de Língua Portuguesa no Brasil

Fábio José Monteiro Winkler[18]
Ana Cristina dos Santo Malfacini[19]

RESUMO

A Análise do Discurso (AD) busca compreender o uso da linguagem em suas situações e contextos correntes de uso em uma sociedade, sem se dissociar das ideologias que permeiam esse meio e do contexto sócio-histórico nos quais os sujeitos estão inseridos ao utilizar a linguagem. Para compreensão do sentido de um texto, é necessário que o interlocutor também compreenda os processos em que ele é produzido, assim como os gêneros textuais utilizados. A Análise do Discurso, dentro da sala de aula de Língua Portuguesa, pode se converter em uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento de habilidades como o senso de compreensão dos textos e gêneros textuais, bem também como do senso crítico dos estudantes. Nesse sentido, serão utilizadas como fonte deste trabalho, sobretudo, as ideias de Orlandi (2020) e Koch (2002; 2003).

Palavras-Chave: Análise do Discurso; Língua Portuguesa; Ideologia; Linguagem; BNCC.

Introdução

O presente estudo busca realizar uma reflexão sobre a importância da presença do estudo da Análise do Discurso no âmbito do ensino de Língua Portuguesa no ensino básico. Tal reflexão foi construída como avaliação da disciplina "Língua e Discurso", ministrada pela professora Ana Cristina dos Santos Malfacini, durante o primeiro semestre de 2023. Ao longo da disciplina, foram realizadas indagações, discussões e reflexões acerca do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, sobre o que é a Análise do Discurso e qual seria a possibilidade de seu uso como ferramenta didática nos currículos.

Segundo Eni Orlandi (2020), compreende-se a Análise do Discurso (AD) como a análise da "[...]palavra em movimento, prática de linguagem[...]" (p. 13). Dessa maneira, esse campo entende que o discurso é a forma na qual a linguagem se apresenta no contexto em que ela é utilizada, considerando os atores que estão envolvidos e as suas especificidades

18 Doutora em Semiologia (UERJ/UNIFOA)
19 Licenciando de Letras (UERJ). Autor correspondente: fabio.winkler@yahoo.com.br

históricas e sociais, corroborado por outro trecho de Orlandi, em que a AD "concebe a linguagem como mediação entre o homem e a realidade natural e social." (p.13).

Assim, a AD se preocupa em esclarecer os modos de utilização da língua em seu habitat de produção, considerando que os sentidos que são construídos os são de acordo com a forma da sociedade na qual estão inseridos (Orlandi 2020). Ao mesmo tempo, esses sentidos estão o tempo todo entremeados pela ideologia dominante da sociedade em questão, acarretando que um não é independente do outro. Considerando que a linguagem deve ser usada em sociedade, ela não está desligada dos processos sociais vigentes. Ainda segundo Orlandi, a AD reflete como a prática da linguagem está materializada na ideologia e como esta está sendo manifestada na língua, trabalhando a relação "língua-discurso-ideologia", como mostrado no trecho:

> "Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, (a AD) trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pechêaux, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido." (p. 15)

Além disso, os próprios sujeitos envolvidos no processo comunicativo, seja em uma conversa, em um texto escrito etc. não se encontram "isolados no mundo", como é dito nas palavras de Koch (2002):

> "[...] este ego (grifo da autora) não se acha isolado no mundo, mas é, sim, um sujeito essencialmente histórico e social na medida em que se constrói em sociedade e com isto adquire a capacidade de interagir. Daí ocorre a noção de sujeito social, interativo, mas que detém o domínio de suas ações." (p. 14)

Sendo assim, como dito anteriormente, por utilizarem a língua nesses processos comunicativos, os textos e os sentidos que os sujeitos irão produzir necessariamente são influenciados pelos contextos históricos e sociais nos quais eles estão presentes. Mais adiante, a autora explicita que:

> "[...] a compreensão deixa de ser entendida como simples 'captação' de uma representação mental ou como a decodificação de mensagem resultante de uma codificação de um emissor [...] o sentido de um texto é, portanto, construído (grifo da autora) na interação texto-sujeitos [...]. Também a coerência deixa de ser vista como mera propriedade ou qualidade do texto, passando a dizer respeito ao modo como os elementos presentes na superfície textual,

> aliados a todos os elementos do contexto sociocognitivo mobilizados na interlocução, vêm a constituir, em virtude de uma construção dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos." (p. 17)

Posto dessa maneira, o sentido, para Koch, não está prontamente dado pelo texto, nem que qualquer interlocutor terá acesso a ele de imediato. Pelo contrário, é necessário que ele disponha das ferramentas cognitivas determinadas pelas condições sócio-históricas presentes naquela determinada sociedade. Apenas dessa maneira é que os textos podem ter o seu sentido compreendido pelos interlocutores.

Tais textos podem estar estruturados de diversas maneiras, na forma de gêneros textuais, que são:

> "[...] textos materializados em situações de comunicação recorrentes encontradas em nosso cotidiano, os quais apresentam padrões sociocomunicativos característicos, definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos, estilos realizados na integração de forças históricas sociais, institucionais, técnicas etc." (Malfacini 2021, p. 37)

Aliada à construção do sentido do texto, está o fato de que todo texto ou discurso está atrelado a outros textos e a outros contextos e a outros discursos, no que é chamado de Intertextualidade. Dessa maneira, todo texto carrega algo do que foi falado anteriormente em outros textos, em diferentes níveis e intensidades, e de maneiras mais ou menos reconhecíveis. Segundo Koch (2003):

> "[...] todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe. [...] diz respeito aos modos como a produção e recepção de um texto dependem de um conhecimento que se tenha de outros textos com os quais ele, de alguma forma, se relaciona." (p. 46)

Sobre os discursos, Koch explicita que "um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição." (Maingueneau 1976, apud Koch 2003). Dessa maneira, assim como os textos, os discursos existem necessariamente atrelados à outros anteriores, frente aos quais irá concordar, discordar ou se apoiar para a sua própria construção.

A Análise do Discurso e o Ensino de Língua Portuguesa

Todas essas particularidades da comunicação social, descritas anteriormente, e dos

textos que circulam na sociedade são essenciais para que haja uma boa compreensão destes. Sendo assim, o ensino e a pesquisa sobre essas características dos textos são essenciais nas escolas, para que os alunos tenham plena capacidade de interpretação e comunicação no interior das sociedades em que eles estão inseridos. Posto que os textos e os discursos são, como dito acima, atrelados à outros, é necessário que o ensino esteja em contato com esses conhecimentos.

Sendo os estudantes também sujeitos inseridos em um contexto sócio-histórico específico, é importante o desenvolvimento de habilidades que os permitam reconhecer os meandros presentes nos discursos e nos textos, presentes tanto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1998, e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2018. Para tal, é necessário que, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa, os alunos estejam em contato com diversos tipos de gêneros textuais que, ao serem analisados, mostrem as suas características e estruturas, e que saibam interpretá-los à luz dos fenômenos linguísticos existentes, e como estes se dão na materialidade da comunicação. Além disso, é necessário que os alunos saibam identificar, através do estudo da Análise do Discurso, quais ideologias estão presentes em cada um dos textos que circulam socialmente e quais sentidos eles possivelmente constroem. Tal habilidade se mostra valiosa no sentido em que, como dito anteriormente, a ideologia está permanentemente presente na língua utilizada e nos discursos produzidos, muitas vezes de maneira imperceptível por aquele que recebe o texto ou enunciado. A necessidade da análise material dos discursos é reforçada pelo fato de que os processos sócio-históricos são cada vez mais complexos, constituindo um desafio cada vez maior para os estudantes, futuros cidadãos.

Dessa maneira, desde os PCNs, é colocada em prática a utilização de uma perspectiva enunciativo-discursiva, em que "a linguagem é uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade nos distintos momentos de sua história." (Brasil 1998, p. 20). A BNCC vai além e coloca a necessidade de trabalho com o "uso significativo da linguagem, em atividades de leitura, escuta e produção textual em mídias e semioses diversas". (Brasil 2018, apud Malfacini 2021).

Considerações Finais

A presença da Análise do Discurso no nas aulas de Língua Portuguesa do ensino básico brasileiro, trabalhando o contato e a interpretação de diversos gêneros textuais correntes na sociedade, suas construções de sentidos e seus usos concretos nela presentes, se torna necessária para o desenvolvimento de um senso crítico por parte dos estudantes, que irão se deparar com tais gêneros em todos os processos sociais de sua vida. Esse desenvolvimento se torna ainda mais importante visto que a construção do saber e do senso crítico é imprescindível para o pleno exercício da cidadania.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos: Língua Portuguesa. MECSEF, Brasília, 1998.

KOCH, Ingedore Villaça. Concepções de Língua, Sujeito, Texto e Sentido. In: Desvendando os Segredos do Texto. Cortez, São Paulo, SP, 2002. Pp. 13-20.

_____. A Construção dos Sentidos no Texto: Intertextualidade e Polifonia. In: O Texto e a Construção dos Sentidos. 7ª Ed. Contexto, SP, 2003. Pp. 43-57.

ORLANDI, Eni. Análise do Discurso: Princípios e Fundamentos. 13ª edição. Pontes Editores. Campinas, SP, 2020.

MALFACINI, Ana Cristina dos Santos. BNCC e Semiótica: Um Diálogo mais que Necessário. Caderno Seminal – Estudos de Língua: Visões Semióticas, n. 37, 2021. Pp. 35-71.

Parâmetros para o trabalho com quadrinhos e o desenvolvimento do letramento científico na educação básica

Ana Cristina dos Santo Malfacini[20]
Cristiana de Almeida Fernandes[21]

Existem no mínimo duas maneiras de abordar ciência, tanto no fazer didático-pedagógico, quanto no campo da divulgação científica: seja com ênfase na natureza da ciência – que envolve conceitos científicos, teorias, fórmulas, métodos –, seja com ênfase na sua relação com a sociedade (CUNHA, 2018). A partir dessa reflexão, a proposta desse artigo é pensar como o letramento científico pode ser desenvolvido a partir da educação básica com a ajuda do uso dos quadrinhos em sala de aula. Para isso, nos debruçamos em análises a partir de Fernandes (2018) e da sua vasta contribuição como pesquisadora da literatura quadrinística, professora universitária e designer. Assim, pensamos poder contribuir, ainda que timidamente, com a literatura multidisciplinar sobre o assunto, mostrando, através de relatos de experiências ocorridas na Prefeitura de Pinheiral (interior do Rio de Janeiro), como os materiais didáticos podem mediar tal letramento, propagando o conhecimento desde a infância, para dessa forma combater o negacionismo na sociedade.

Palavras-chave: Quadrinhos; escola; letramento científico; educação.

Abstract

20 Doutora em Semiologia (UERJ/UNIFOA). Autora correspondente: anacsmalfacini@gmail.com
21 Professora de Língua Portuguesa (DOM BOSCO)

There are at least two ways of approaching science, both in didactic-pedagogical work and in the field of scientific dissemination: either with an emphasis on the nature of science – which involves scientific concepts, theories, formulas, methods – or with an emphasis on its relationship with society (CUNHA, 2018). From this reflection, the purpose of this article is to think about how scientific literacy can be developed from basic education with the help of the use of comics in the classroom. For this, we focused on analyzes based on Fernandes (2018) and her vast contribution as a researcher of comic book literature, university professor and designer. Thus, we thought we could contribute with some of the multidisciplinary literature on the subject showing, through reports of experiences that took place in the Municipality of Pinheiral (interior of Rio de Janeiro), how didactic materials can mediate such literacy propagating knowledge from childhood, in order to combat denialism in society.

Key words: Comics; school; scientific literacy; education.

Introdução

Denominados de várias maneiras, como banda desenhada, arte sequencial, gibi, comics, HQ ou revistinha, os quadrinhos têm seus direcionamentos múltiplos, para idades diversificadas, possuem diversas formas de expressão e técnica, voltadas para mangás, comic strips, comic books, políticos, action comics, historietas, entre outros[22]. Traduzem linguagens advindas não só de outros estilos, como também do cinema, TV, jornais, livros etc. Por seu código publicamente reconhecido e estrutura tão própria, são difundidos entre todas as idades, com incontáveis títulos publicados há mais de cem anos.

[22] O termo tradução aqui é usado com base na definição de Roman Jakobson, levantado por Julio Plaza, que o define como a interpretação de um sistema de signos para o outro.

O tema que encabeça este artigo, quadrinhos na escola e letramento científico na educação básica, emerge das linguagens híbridas que nascem do cruzamento de signos visuais, tangíveis e auditivos verbais e não-verbais, cujo assunto tem sido recorrentemente objeto de inúmeras pesquisas e estudos em diversas áreas do conhecimento, principalmente na Comunicação e no Design.

Autores como Umberto Eco (2006) e Moacy Cirne (desde os anos 50) citam os quadrinhos como um meio de expressão peculiar e abordam em seus trabalhos a força da intertextualidade. Álvaro de Moya realizou pesquisas a respeito da história do gênero em muitas publicações. Will Eisner (desde 1995) documentou suas aulas, amplamente citadas entre os pesquisadores do gênero, na Escola de Artes Visuais de Nova Iorque. No Brasil e no mundo, já existem há anos congressos e seminários dedicados às discussões acerca dos quadrinhos, principalmente entre os mais consagrados autores, como Waldomiro Vergueiro, Nobu Chinen, Roberto Elíseo dos Santos, entre outros.

Quadrinhos e Educação

Sob o aspecto educativo, as histórias em quadrinhos são reconhecidas não só pelos estudantes, mas também por professores e pelas diversas instâncias governamentais que cuidam da Educação. De fato, trata-se de uma mídia que realmente aproxima os leitores da leitura, educando ao mesmo tempo que entretém.

Waldomiro Vergueiro (2013, p.37), por exemplo, em pesquisas sobre "quadrinhos na educação" que deram origem a um livro de mesmo título, afirma que há diálogos entre diferentes mídias e é importante que elas mantenham "características autônomas". Porém, é muito comum encontrar meios de comunicação "tomando emprestados" balões de diálogo, por exemplo. Sob essa ótica, acredita-se que, pelo viés das obras ficcionais e autorais, professores possam fazer uso dos quadrinhos para a busca dos mais variados conteúdos, como já vêm fazendo.

Há um sem número de títulos de quadrinhos educativos abordando a Matemática, a Biologia e a Química (fig. 1), indo para além das publicações que sugerem a produção de textos ou o conhecimento das palavras entre os diálogos de personagens. Muitos professores já reconhecem a facilidade de compreensão que os alunos encontram por intermédio da ludicidade viabilizada pelas conhecidas HQs (Histórias em Quadrinhos), até porque elas são encontradas nos próprios livros didáticos, principalmente nos primeiros anos do Ensino Fundamental (Fig. 2).

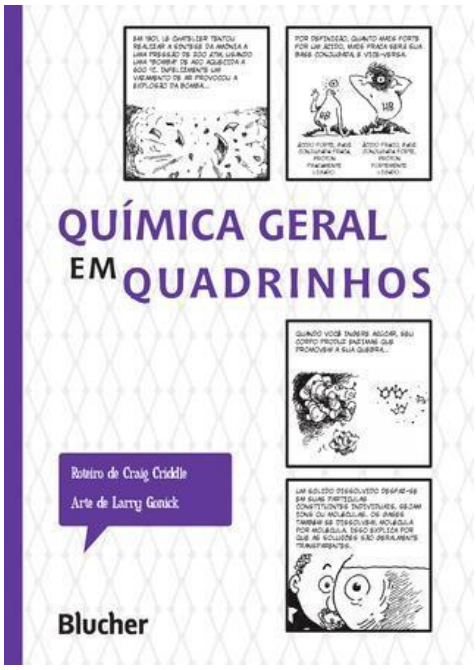
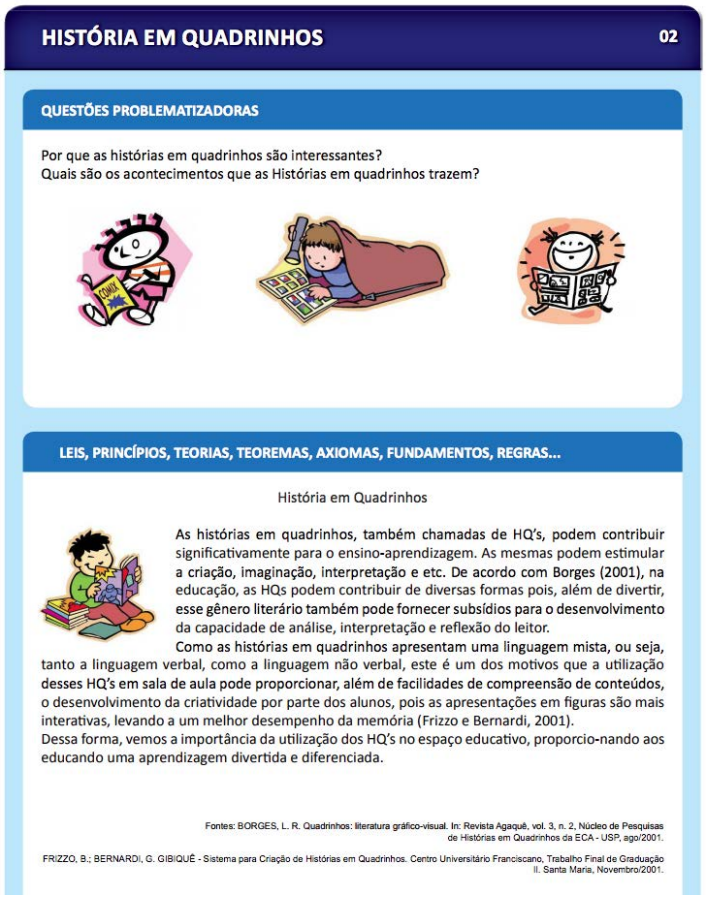


Fig. 1 - Capa do livro "Química Geral em Quadrinhos". Fonte: Ed. Blusher.



HISTÓRIA EM QUADRINHOS 02

QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS

Por que as histórias em quadrinhos são interessantes?
Quais são os acontecimentos que as Histórias em quadrinhos trazem?

LEIS, PRINCÍPIOS, TEORIAS, TEOREMAS, AXIOMAS, FUNDAMENTOS, REGRAS...

História em Quadrinhos

As histórias em quadrinhos, também chamadas de HQ's, podem contribuir significativamente para o ensino-aprendizagem. As mesmas podem estimular a criação, imaginação, interpretação e etc. De acordo com Borges (2001), na educação, as HQs podem contribuir de diversas formas pois, além de divertir, esse gênero literário também pode fornecer subsídios para o desenvolvimento da capacidade de análise, interpretação e reflexão do leitor.

Como as histórias em quadrinhos apresentam uma linguagem mista, ou seja, tanto a linguagem verbal, como a linguagem não verbal, este é um dos motivos que a utilização desses HQ's em sala de aula pode proporcionar, além de facilidades de compreensão de conteúdos, o desenvolvimento da criatividade por parte dos alunos, pois as apresentações em figuras são mais interativas, levando a um melhor desempenho da memória (Frizzo e Bernardi, 2001).

Dessa forma, vemos a importância da utilização dos HQ's no espaço educativo, proporcio-nando aos educando uma aprendizagem divertida e diferenciada.

Fontes: BORGES, L. R. Quadrinhos: literatura gráfico-visual. In: Revista Agaquê, vol. 3, n. 2, Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos da ECA - USP, ago/2001.

FRIZZO, B.; BERNARDI, G. GIBIQUÊ - Sistema para Criação de Histórias em Quadrinhos. Centro Universitário Franciscano, Trabalho Final de Graduação II. Santa Maria, Novembro/2001.

Fig. 2 - Página de plano de aula para Língua Portuguesa, do 3o Ano do Ensino Fundamental. Conteúdo de Histórias em quadrinhos[23]. Fonte: MEC.

Dentre os muitos tipos de quadrinhos, são os de estilo[24] infantil que mais se destacam e são os mais vendidos em todo o ocidente[25]. Deles se originam diversos outros produtos, como é o caso dos trabalhos de Walt Disney e de Mauricio de Sousa. Esse gênero é o mais

[23] Plano de Aula Língua Portuguesa: história em quadrinhos. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016801.PDF>. Acesso em: 10 Dez. 2017.

[24] Vamos tratar os tipos de quadrinhos como tipos, estilos e gêneros quadrinísticos, conforme bibliografia especializada.

[25] Dados encontrados na revista com Mauricio de Sousa. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/03/todo-mundo-tem-um-momento-monica-diz-mauricio-de-sousa.html>. Acesso em 25 Fev. 2018.

utilizado entre os professores, por não haver dúvida quanto a sua indicação para trabalho com as crianças, além de possuir uma estrutura gráfica de fácil compreensão.

No livro "Desvendando os Quadrinhos", Scott McCloud (2005) explica que, quanto mais a representação da figura humana se distancia da realidade, simplificando a forma, mais se aproxima do público. É o que acontece com os quadrinhos infantis, cartum (figura simplificada)[26].

> "Quando abstraímos uma imagem através do cartum, não estamos só eliminando os detalhes, mas nos concentrando nos detalhes específicos. Ao reduzir uma imagem ao seu 'significado' essencial, um artista pode ampliar esse significado de uma forma impossível para arte realista (...) Ao trocar a aparência do mundo físico pela ideia da forma, o cartum coloca-se no mundo dos conceitos." (McCLOUD, 2005, p.30-41).

As obras de Mauricio de Sousa (doravante referido como MS), um dos maiores quadrinistas brasileiros, têm fama internacional e são recorrentemente objeto de estudos. Muito se tem pesquisado a respeito da obra de relativo cartunista, em particular, como representativa da produção dos quadrinhos nacionais. Entre os professores do Ensino Fundamental, MS é bastante utilizado para trabalhos diversos, dentro e fora da sala de aula.

Isso se confirma a partir de um trabalho que foi realizado com docentes de uma escola municipal do interior do Rio de Janeiro, na cidade de Pinheiral, no ano de 2007. Naquela data, a obra de MS estava sendo utilizada como conteúdo, realizando "o ano de Mauricio de Sousa". Contudo, a diretoria da escola, sabendo de uma pesquisa realizada por Fernandes (2006), solicitou auxílio para a construção de materiais pedagógicos com o uso das HQs.

Das observações realizadas, constatou-se que os quadrinhos são informalmente utilizados pelos professores como auxiliadores do aprendizado. São trazidos sinais gráficos, entre outros elementos, para o ensino de Línguas, Geografia e História, por exemplo.

[26] Nome atribuído pelo autor.

Também são utilizados os quadrinhos no trabalho com temas transversais como saúde e meio ambiente. Vale ressaltar que, não somente na relativa escola, mas em quase todas as salas de aula que têm professores que realizam atividades com quadrinhos, as tiras são as que mais são empregadas[27]. Elas se encontram tanto nos livros didáticos quanto são trazidas pelos próprios professores.

Naquela ocasião, outras propostas foram desenvolvidas em conjunto com os docentes, que tomaram conhecimento dos diversos lugares narrativos e suas especificidades, como as denominadas de Turmas por MS. Esses ambientes imaginários abordam temas variados, através dos personagens e roteiros voltados ao tratamento de questões como ecologia, por exemplo.

Foi identificado que pouco se conhece dos recursos oferecidos pelos quadrinhos, pela falta de prática de leitura pelos próprios professores - o que veio se constatando ao longo da pesquisa doutoral de Fernandes, oportunidade em que a pesquisadora conseguiu realizar parte de seus estudos na Espanha, onde pôde traçar comparações entre o tema sob o olhar multicultural (FERNANDES, 2018). Aliás, muito se especula sobre o desinteresse pela leitura (principalmente por estudantes do ensino básico, no qual a literatura tradicional sugerida disputa a atenção com jogos eletrônicos, mídias sociais e até com o próprio meio social da criança e do jovem), porém acredita-se que muitos dos indivíduos que tiveram um contato com a linguagem dos quadrinhos adquiriram benefícios para o seu aprendizado.

Com base nessas afirmativas, encontram-se em prateleiras de lojas e em vendas online literaturas tradicionais adaptadas, objetos educativos de saúde, instruções técnicas e até peças gráficas para o ensino religioso com a linguagem das histórias em quadrinhos. É visível esse reconhecimento não somente pela sequência em quadros, como também pela presença de sutis balões de diálogo, ilustrações simplificadas, expressões, objetos de cenário, jogos de cores, sinais gráficos de movimentação ou entrada em cena pelos personagens, que, fatalmente, suscitam um contato com os aspectos da banda desenhada[28]. Isso sem falar nos jogos de tabuleiro, jogos eletrônicos e adaptações cinematográficas, que sugerem a criação

[27] Tiras são quadrinhos contendo um ou mais quadros, sem que se transforme em uma página inteira.
[28] Outro nome dado pelos quadrinhos, principalmente em Portugal. O nome deriva de Bande Dessinée, em francês.

de novos produtos que vão desde produtos alimentícios, passando por peças de vestuário, até brinquedos, mobiliário etc., que levam pelo menos a chancela de um personagem consagrado, fazendo com que a indústria dos quadrinhos movimente nacional e internacionalmente milhões de dólares.

É comum se ver nos muros de escolas e nas paredes das salas de aula personagens advindos dos quadrinhos, ali pintadas como atrativo para as crianças e para a comunidade. Essa marca evidencia que, em seu interior, alunos serão motivados ao estudo de maneira lúdica. Aspectos lúdicos são reconhecidos pelas Diretrizes Curriculares para a Educação Básica como a forma apropriada para mediar os conteúdos, visando ao estímulo e à contribuição para o desenvolvimento de várias competências. Assim, enxerga-se que, como artifício no alcance dos objetivos educativos, haja

> " projetos e atividades, inclusive artísticas e lúdicas, que valorizem o sentido de pertencimento dos seres humanos à natureza, a diversidade dos seres vivos, as diferentes culturas locais, a tradição oral, entre outras, inclusive desenvolvidas em espaços nos quais os estudantes se identifiquem como integrantes da natureza, estimulando a percepção do meio ambiente como fundamental para o exercício da cidadania." (BRASIL, 2003: Título III – Art. 17 – III C P.541).

A ludicidade pode estar presente tanto nos jogos e brincadeiras, quanto em objetos de leitura que combinam texto e imagem e, por isso, os quadrinhos são reconhecidos como uma maneira muito eficaz de contar histórias e estimular a criatividade. As imagens sequenciadas também fomentam a atividade conjunta, pois atuam como mediadoras no processo de ensino-aprendizagem.

É possível afirmar que pais e professores acreditam que as crianças que têm contato com quadrinhos são estimuladas a, futuramente, lerem outros gêneros literários. Porém, o governo brasileiro sugere em poucos momentos a presença dessa mídia nas salas de aula como artifício para o ensino. Eles se fazem presentes em programas como os acervos do Programa Nacional Biblioteca na Escola (P.N.B.E.), desde 2006. Segundo Waldomiro Vergueiro (2013, p.12), "o objetivo do PNBE é permitir aos estudantes o acesso à cultura e

à informação e estimular o hábito pela leitura. Para isso, o governo abre licitação junto às editoras para montar lotes de obras a serem distribuídas nas escolas brasileiras". Por mais que o site do Ministério da Educação exiba informações sobre esse projeto (BRASIL, 2017), ele já não mais envia livros e quadrinhos para as escolas desde 2014 (MOREIRA, 2017).

Vergueiro (2013, p.10) conclui que a tentativa de fazer com que a linguagem sequenciada esteja presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) vem atingindo cada vez mais inserções, desde que o governo, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 20 de dezembro de 1996, optou em direção ao reconhecimento da necessidade de outras linguagens e manifestações artísticas no ensino básico.

Com o avanço do PNBE, cada vez mais os quadrinhos foram sendo selecionados como composição das bibliotecas. Critérios de apuração à parte, é possível afirmar que o gênero representava 5% dos títulos que são enviados às escolas. Dados fornecidos pela Revista Carta Capital (Ed.79 – Set. 2013) alertam para essa porcentagem, como uma tentativa tardia do governo em tornar oficial uma prática que já é ativa na população há cerca de 100 anos (a leitura de quadrinhos por crianças e jovens) e fez um julgamento para essa escolha, sugerindo que havia uma eleição equivocada para situações futuras.

Em estudos sobre os artifícios utilizados pelas bancas compostas para a escolha de obras que compunham os acervos do PNBE, muito se discutia sobre o olhar para os quadrinhos de maneira duvidosa. Há evidência nos editais sobre a chamada para as adaptações literárias, que são veementemente discutidas pelos estudiosos do gênero. É notória a premissa de que tais adaptações, por permitirem licença poética por parte dos autores, não transcrevam os textos de forma íntegra. Isso se dá pela necessidade de adequar o texto original, que poderia até carregar consigo somente algumas ilustrações, ao timing da linguagem sequenciada. Por outro lado, nem sempre há o cuidado dos artistas em explorar o uso dos elementos quadrinísticos, que são tão aceitos pelos interlocutores, tornando às vezes a leitura cansativa e desinteressante. Uma atestação disso é a presença de longos trechos de falas e pouca dinâmica entre os personagens, assim como poucos recursos de requadro e muitos detalhes atribuídos às ilustrações.

Essa argumentação se constrói a partir de uma pesquisa realizada entre 2015/2016 na Espanha (FERNANDES, 2017). A autora argumenta que o gênero educativo surge a partir das perseguições aos quadrinhos a partir dos anos de 1950 nos Estados Unidos como tentativa de sobrevivência das editoras. O mesmo ocorria na Espanha e no Brasil, entre outros países. A pesquisadora afirma que, muitas vezes, esse material era desinteressante porque servia mais como um meio voltado aos sensores, à sociedade conservadora e a membros da igreja do que propriamente às crianças. Mais tarde, o gênero quadrinístico educativo foi descoberto como uma mídia possivelmente eficaz para as propagandas políticas, utilizada pelos governantes como um instrumento ideológico.

Para o pesquisador Flávio Calazans (2008, p.21), a adoção de um material quadrinizado como recurso paradidático[29] deve ater-se aos quesitos que prendam a atenção do leitor. Para que isso ocorra, é necessário que o objeto quadrinho "reproduza a signagem, o visual, a estética e o ritmo narrativo ao qual os alunos estão habituados em sua leitura espontânea". Calazans ainda alerta para a existência de drama, verbo, ação e movimento, com uma linguagem acessível.

Um olhar detalhado por parte do professor direcionado aos livros de quadrinhos que são encontrados nas escolas é fundamental para a seleção e uso desse material. Contudo, é muito importante que o docente possua letramento verbal desenvolvido e, principalmente, intimidade com a mídia sugerida. Aparecida Paiva, responsável pela coordenação para a seleção de títulos que compõem a lista do PNBE, em entrevista concedida para a pesquisadora Raquel Bonino, na Revista Educação (2011), prega pela necessidade de se investir na formação do leitor-professor para que "ele esteja em condições de exercer uma boa mediação de leitura". A coordenadora afirma que recebeu críticas dos docentes que utilizaram as obras, que se fundamentam em posições mais conservadoras sobre o texto literário, "pouco voltadas para a recepção do leitor pretendido, para a possibilidade de mobilizá-lo com uma linguagem que lhe seja mais atraente".

[29] Segundo o dicionário web: Que ajuda complementando o ensino e, embora não propriamente didático, tem propósitos didáticos e pode ser usado em conjunto com materiais próprios e formais para ensinar um conteúdo.
Diz-se dos materiais que auxiliam no ensino de uma disciplina e são usados paralelamente aos materiais próprios para ensinar.

Nessa perspectiva, observou-se uma lacuna a ser preenchida no reconhecimento e no consequente estabelecimento de estratégias por parte dos docentes que utilizam os quadrinhos como recurso paradidático, embora se reconheça que professores do ensino básico já empregam em materiais desenvolvidos para ministrar suas aulas, recursos oferecidos pelas obras conhecidas e de difusão internacional para estimular os alunos à leitura, além do material presente nos livros didáticos. É muito comum que, no início dos anos letivos, não se encontre sequer uma unidade da Turma da Mônica, por exemplo, nas prateleiras dos sebos.

Em uma controversa análise entre os feedbacks recebidos pelo governo sobre o uso do objeto quadrinho oferecido pelo acervo do PNBE e as práticas já desenvolvidas pelos professores com outras obras, surge o questionamento sobre a maneira como esse material vem sendo utilizado. Nos últimos anos se podem encontrar bibliografias advindas de artigos, dissertações e teses defendidas em diversas áreas da educação que se direcionaram a instrumentalizar o docente. Porém, há poucos registros de experiências bem-sucedidas por parte dos professores da rede pública de ensino com práticas de construção em salas de aula.

Parafraseando Munari (1997, p.7), há duas formas de preparar um programa educacional: o modo estático e o modo dinâmico. Em se tratando do sistema de educação nacional, práticas impostas para que os professores se adequem não é a maneira mais acertada de se planejar. Isso pode ter sido o maior dos problemas para o PNBE.

Em visitas às escolas do interior do Estado do Rio de Janeiro, constatou-se que, além do acervo recebido não estar adequadamente posicionado, às vezes, este não se encontra disponível livremente aos alunos. Além disso, quando se desenvolve uma maneira impositiva de aplicação desse material, há a danificação dos livros por parte dos estudantes.

Ainda Munari (1997, p.8) diz que, no ensino estático, com programas fechados, "cria-se muitas vezes um sentimento de mal-estar e até de rebelião por parte dos estudantes". Em alguns casos, pode-se arriscar que o aluno, ao não perceber o encontro das práticas aos seus verdadeiros interesses, pode abandonar a escola[30].

[30] Muito embora existam sanções legislativas aos pais que não mantém seus filhos estudando, é visível o desinteresse de alguns alunos presentes nas salas de aula, sobretudo os que estão no Ensino Médio.

Já no ensino dinâmico, professores se direcionam ao aprendizado, partindo do entendimento das políticas, adequando os seus conteúdos e criando novos artifícios quando os interesses vão aparecendo. Mais uma vez, recorre-se a Munari, para quem o professor deveria ter "elasticidade e rapidez" para preparar as aulas com base nas demandas que se apresentassem segundo a natureza de vários indivíduos.

Infelizmente, esse é apenas um desejo, visto que parece estar cada vez mais longe da política educacional brasileira, na qual o professor tem perdido, a passos largos, seu prestígio social e econômico. Ainda que esse não seja aqui o foco do debate, ele colabora para que o letramento científico seja sim prejudicado em seu objetivo final.

Voltaremos a essa temática na próxima seção.

Alfabetização, letramento científico e quadrinhos

O pesquisador Flávio Calazans (apud BONINO, 2008) pontua que "é necessária uma alfabetização dos professores para que consigam usar os quadrinhos com toda a sua potencialidade" (CALAZANS, 2008, p. 8). Dondis (2007, p.3) cunha o termo para enfatizar a necessidade que o ser humano possui de dominar diversas linguagens. Ainda Dondis denomina como alfabetização visual a possibilidade de universalizar a linguagem: "construir um sistema básico para a aprendizagem, a identificação, a criação e a compreensão de mensagens visuais que sejam acessíveis a todas as pessoas". Barbosa (2014, p.31) afirma que alfabetização, especificamente falando de quadrinhos, é indispensável para a decodificação das múltiplas mensagens contidas nos quadrinhos por parte dos professores e alunos.

A maneira de se comunicar visualmente multiplica as possibilidades e utilidades de expressão. Nesse sentido, há a premissa de que professores do ensino básico devem conhecer a linguagem visual como artifício; os docentes devem ser alfabetizados visualmente, conhecendo os mecanismos para produzir recursos pedagógicos, de forma a perceber que os quadrinhos são indicados para o trabalho de uma instrumentalização sistemática. Dondis

(2007, p.20) pontua que linguagens são sistemas inventados pelo homem para codificar, armazenar e decodificar informações.

A essa altura, é nosso dever abrir uma caixa de diálogo para dirimir qualquer tipo de confusão que possa surgir. Academicamente, a palavra alfabetização tem gerado certo preconceito, visto que está associada a uma imensa carga negativa: analfabeto é aquele que não sabe algo (seja o bê-a-bá, seja o conhecimento político, seja o recurso tecnológico). Em outras palavras, na Era da Tecnologia, chamar alguém de analfabeto é xingamento; promover a alfabetização, por sua vez, é tratar do domínio de atividades alfabéticas e ortográficas para dominar uma língua, sem considerar o indivíduo em suas práticas sociais. Nesse sentido, ao usarmos a palavra letramento, ocupamo-nos da função social da leitura e da escrita, referindo-nos à compreensão da língua, da sua interpretação e do seu uso, a fim de ocuparmos nossos papéis como protagonistas das nossas histórias. É sob essa justificativa que autores mais modernos, sobretudo nos últimos trinta anos, não têm utilizado mais a palavra alfabetização em seus textos.

No que diz respeito ao letramento científico especificamente, sua divulgação tem três finalidades principais. É Cunha (2018) quem melhor nos traz essa explicação:

> "Em 1975, Benjamin Shen, professor de astronomia e astrofísica da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, publicou um artigo na revista American Scientist, sobre a importância do letramento em ciência tanto em países em desenvolvimento quanto em países industrializados. Para ele, as escolas e a comunicação de massa poderiam ajudar na popularização da ciência. Quando se relaciona a mídia com o letramento, não se trata apenas de jornais e revistas impressos ou, nos dias de hoje, da internet, já que a televisão, o cinema e o rádio também fazem parte da cultura letrada, com seu conteúdo roteirizado.
>
> Shen distingue três formas de letramento em ciência, com diferentes objetivos, público, conteúdo, formato e meio de transmissão. A primeira é do tipo prático e envolve questões como saúde, alimentação e melhoria dos padrões de vida. Dois exemplos que ele apresenta são as vantagens do

> aleitamento materno em relação à mamadeira e a comparação do valor nutricional de dois produtos com preços semelhantes. A segunda forma, a cívica, envolve o posicionamento do cidadão diante de políticas públicas relacionadas a ciência e tecnologia nas áreas de saúde, energia, agricultura, meio ambiente, comunicação e transportes, entre outras. A terceira, que Shen chama de cultural, envolve o interesse pela ciência como um produto cultural da humanidade, assim como a música ou a literatura."

Mais uma vez retomando as palavras de Rodrigo Bastos Cunha (2018), a ciência deve ser considerada um produto cultural da humanidade, sendo, portanto, a forma de ver o mundo que reserva para si o maior prestígio na sociedade, o que pressupõe a valorização do conhecimento tradicional. Isso envolve uma postura menos arrogante e autoritária daquele que vai falar de ciência para uma pessoa não especializada, tanto no campo da educação científica, quanto no da divulgação científica. A chance de conseguir atingir um público não especializado se torna maior quanto a relação é menos autoritária. Daí a importância dos quadrinhos nesse letramento: eles tornam essa relação mais horizontal, introduzindo boa parte da população no universo científico, inclusive em idade infantil. Um bom exemplo a ser citado ocorreu na pandemia de Covid-19, quando os quadrinhos ou as tiras alertavam a população para a letalidade do vírus e para o perigo dos posicionamentos negacionistas. Aliás, até representantes da sociedade civil foram responsáveis pelo combate a fake news com textos imagéticos em suas redes sociais, em um esforço coletivo para alcançar o maior número de pessoas, alertando sobre os perigos da doença, como nos dois exemplos abaixo.

Fig. 3 - Fonte:https://veneta.com.br/blog/qualadiferencaentrecovid19egripe/

Fig. 4 - Fonte: Facebook - JICA Brazil Office (9 de junho de 2020)

Portanto, não é exagero afirmar como é importante que letramento científico e literatura quadrinística andem de mãos dadas...

Considerações Finais

A tese de doutoramento de Fernandes (2018) se direcionou à elaboração de um método de construção de quadrinhos, a partir de parâmetros para a busca de conteúdos diversos em salas de aula, principalmente para os últimos anos do Ensino Fundamental e Médio, quando os alunos já se distanciaram dos materiais compostos pelos artifícios da ludicidade.

Para chegar ao desenvolvimento de tal proposta para os professores, foi proposto utilizar os pressupostos teóricos oferecidos pelo Design (Comunicação Visual: projeto gráfico, elementos visuais e elementos de construção de sentido) em conjunção com métodos já consagrados pelo mercado de quadrinhos, para a instrumentalização sistemática de futuros docentes, em consonância com os aspectos narratológicos presentes na construção das histórias. Além disso, foram documentadas boas práticas com o uso dos quadrinhos em classes. Entende-se por boas práticas aquelas em que se cumpriram os objetivos descritos por programas escolares. Naquele momento urgia a necessidade de conhecer o pensamento de alguns professores sobre o uso de quadrinhos em salas de aula, principalmente no interior do Rio de Janeiro, onde aconteceu a maior parte das pesquisas. Em processo de investigação, de maneira divergente, os caminhos foram se abrindo ao encontro de novas iniciativas e de cada vez mais professores interessados em contribuir para os estudos. Assim, foram realizados treinamentos, a fim de perceber meandros e circunstâncias na possibilidade de instrumentalizá-los. A prática ocorreu em diversas escolas e com muitas possibilidades de público.

Munari (1997) afirma que o tema Comunicação Visual é muito vasto, que vai do desenho até a fotografia: aplicado das artes plásticas até o cinema, utilizando desde as formas abstratas até as reais, vão de imagens simples a imagens complexas. No entanto, pode ser trabalhado na resolução de problemas que vão desde a percepção visual, como outras relações, utilizando diversos elementos como figura e fundo, imagens e ambiente, persistência retiniana etc. O reconhecimento dos critérios de Comunicação Visual aponta para a objetividade. Reconhece-se ainda o objeto quadrinho como um projeto de Design, desde a concepção de personagens, até a produção gráfica propriamente dita.

Buscou-se inicialmente captar essas experiências desenvolvidas na sala de aula, no sentido de se envolver no processo e aprender com as práticas. Porém, não é precipitado afirmar que parte do problema encontrado pelos professores para a inserção dos quadrinhos em suas

aulas se dá pelo desconhecimento acerca da estrutura visual e seus elementos, sobre a dinâmica disponível nas histórias, o discurso empregado nas narrativas, bem como contato com a configuração dos elementos de Comunicação Visual utilizados. Reconhecem-se os benefícios, mas pouco se aproveita dos recursos. Tal afirmativa se configura também pelo fato de que muitos professores não são exímios leitores de quadrinhos.

É importante admitir que treinar, ou seja, capacitar professores em sua formação, é uma atitude que se promete acertada. Isso porque não seria criterioso aplicar quaisquer parâmetros que resultarão em direcionamentos para o uso dos quadrinhos em sala de aula, com todos os recursos pedagógicos já trabalhados anteriormente. Talvez haja repetição dos problemas encontrados no PNBE. Fica uma contribuição a partir da presente pesquisa para que haja uma disciplina específica de quadrinhos nas licenciaturas que vá além do que é abordado dentro dos conteúdos de práticas pedagógicas, a fim de que eles sejam muito mais do que um artifício, mas passem a ser um instrumento.

Em uma pesquisa realizada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), com 196 escolas de oito estados brasileiros (VERGUEIRO, 2013, p.39), conclui-se que há dificuldade dos docentes para trabalhar com os acervos; falta de formação para transformar as obras em instrumentos pedagógicos; falta de tempo para a leitura dos materiais recebidos. Por isso, é necessário que políticas governamentais recebam esses critérios, ou seja, caminhos e práticas, para a implantação da qualificação docente ainda na sua formação. Nesse sentido, há a possibilidade de que os professores transformem o recurso quadrinhos em práticas pedagógicas, sobretudo em prol do letramento científico.

Assim, como afirma a pesquisadora Ana Malfacini (2013), "cada leitor oferece mais à leitura do que aquilo que realmente aprendeu: ele coloca no texto suas vivências e experiências pessoais, o que nos acena para o fato de que a formação de leitores acaba se refletindo no aspecto além das letras". Por analogia, os leitores também se formam na leitura além da escola, como no caso da leitura de textos de jornalismo científico, conhecido por ser

> "a ferramenta mais eficaz para levar a um público mais amplo, de todas as idades, classes sociais ou níveis de escolaridade, as questões de ciência e tecnologia que afetam a vida das pessoas em geral, para

> engajar esse público nos debates sobre questões éticas na produção científica e tecnológica, para possibilitar o posicionamento desse público em relação a políticas públicas que envolvam ciência e tecnologia, seja na área de energia, de transportes, de comunicação ou saúde." (CUNHA, 2018)

Enfim, os quadrinhos possuem sua própria identidade e mecanismos próprios de construção de histórias, por mais que estejam em interveniência com outros objetos. Isso resulta em diversas interpretações, demandando em gêneros distintos, levando em consideração o uso, não só das unidades de construção de sentido, mas também do tempo entre as cenas.

Nesse sentido, percebe-se que quadrinhos são dispositivos narrativos de interlocução, intervindo na relação professor-aluno, e que muitos caminhos são possíveis para a instrumentalização de docentes, além de iniciativas governamentais. Contudo, a formação de alunos é desafiadora e merece todo o reconhecimento dos esforços conjuntos, que se concentram na linha de frente entre os agentes no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, em tese os quadrinhos são apenas um meio, mas é necessário ter a sensibilidade para identificar os interesses que o aluno está trazendo para a sala de aula. Uma proposta viável é a construção de conteúdos em consonância com esses artifícios como mediadores – e o conteúdo científico encontra-se entre os itens mais requisitados nessa pauta.

Referências Bibliográficas

BONINO, Rachel. Onomatopeia, imagem e ação. Revista Carta Capital – Set. 2013 – Ed. 79. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/144/artigo234570-1.asp>. Acesso em: 05 Mar. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica/ Ministério da Educação.

Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2003.

_____ . Programa Nacional Biblioteca da Escola - Nov. 2017 - Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 27 Nov. 2017.

CALAZANS, Flávio. Histórias em quadrinhos na escola. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2008. 47p.

CATTISH, Anna. Comic artist, character designer. Disponível em: <http://www.annacattish.com/> . Acesso em 17 Ago. 2017.

CIRNE, Moacy; MOYA, Álvaro de; D'ASSUNÇÃO, Otacílio; AIZEN, Naumim. (org.) Literatura em quadrinhos no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

CIRNE, Moacy. Bum: a explosão criativa dos quadrinhos. Petrópolis: Vozes, 1970.

CUNHA, Rodrigo Bastos. O que é letramento científico e qual a sua relação com cultura científica, percepção pública da ciência e jornalismo científico. Disponível em: http://www.comciencia.com/. Acesso em 05 de março de 2023.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 236 p.

ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

EISNER, Will. Quadrinhos e arte sequencial. Tradução Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. Narrativas gráficas: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

FERNANDES, C. A. O mito em Chico Bento e Papa-Capim. 2006. 165 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

FERNANDES, Cristiana de Almeida Et. Al. in VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu. (Orgs.) Desenho para quadrinhos: traço, estilo, mensagem. 4as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos – Anais. 22 a 25 de agosto de 2017, São Paulo. São Paulo: Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/artigos.php?artigo=q_l_generos/cristina_fernandes_et_al.pdf>. Acesso em: 01 Mar. 2018.

MALFACINI, Ana Cristina dos S. Pela teoria da iconicidade verbal no ensino da leitura. Rio de Janeiro: Cadernos do CNLF, Vol. XIV, No 4, t. 4, 2013.

MCCLOUD, Scott. Desvendando os quadrinhos. São Paulo: Makron, 2005.

MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual. Trad. Daniel Santana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MOREIRA, Ardilhes. Governo federal está desde 2014 sem comprar livros de literatura para escolas públicas. Fonte: G1. Set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/governo-federal-seguira-sem-entregar-novos-livros-de-literatura-para-bibliotecas-escolares-em-2018.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2017.

MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual. Trad. Daniel Santana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio. A revista Gibi e a consolidação do mercado editorial de quadrinhos no Brasil. Matrizes. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio (orgs.) O Tico-Tico 100 anos: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil. Vinhedo: Opera Graphica, 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Angela (Orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2014. 4ª ed.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Quadrinhos na educação: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2013. 224 p.

WONG, Wucius. Princípios de forma e desenho. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamentos e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Lima Barreto

Ana Cristina dos Santo Malfacini[31]
Cristiana de Almeida Fernandes[32]

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA OBRA *OS TAMBORES DE SÃO LUÍS*, DE JOSUÉ MONTELLO

Renata da Silva de Barcellos[33]

> "Ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial." Moran

Resumo

31 Doutora em Semiologia (UERJ/UNIFOA). Autora correspondente: anacsmalfacini@gmail.com
32 Professora de Língua Portuguesa (DOM BOSCO)
33 1 Pós-doutorado em Língua Portuguesa e em Literatura Brasileira pela UFRJ. Professora do Nave/RJ e da UNICARIOCA de Língua Portuguesa. Poetisa e escritora: membro da APALA, ALAP, AJEB, SCLB MA, AMT, Pen Clube, membro correspondente do Instituto Geográfico de Maranhão. Apresentadora do programa Pauta Nossa da Mundial News RJ Escreve apreciações sobre cultura: peças, exposições, documentários, filmes, na página do Facebook BarcellArtes. Fundadora do BarcellArtes. Escreve no site Facetubes sobe cultura e Jornal Terra da Gente. Autora de livros como Gramática contextualizada para concursos, o ebook Poesia Visual: Tchello d Barros: olhos de lince e Práticas pedagógicas de Língua Portuguesa, Literaturas e Produção textual. Autora correspondente: barcellartes@gmail.com

Este artigo visa apresentar sequências didáticas, nas quais os alunos fizeram a releitura da obra **Os tambores de São Luís**, de Josué Montelllo em outros diversos modos e gêneros textuais orais e escritos. As propostas pedagógicas foram realizadas no Colégio Estadual José Leite Lopes/ NAVE RJ. Esta instituição oferece um ensino médio integral (das 7:00 às 17:00) e integrado à educação profissional **(Mídias digitais e Programação de jogos)**, resultante da parceria entre a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro com o Instituto OI Futuro. Trata-se de uma instituição de ensino integrado onde atividades são propostas das diversas disciplinas do núcleo comum e/ou com as do técnico. O público-alvo foram alunos do 2° e 3° anos do Ensino Médio.

Palavras-chave: **romance - poesia - retextualização**

INTRODUÇÃO

"A literatura faz é o mesmo que um fósforo no meio de um campo em plena noite. Um fósforo quase nada ilumina, mas permite-nos ver quanta escuridão há à nossa volta." (WILLIAN FAULKNER).

Antes de entrarmos em uma sala de aula de Ensino Médio para ministrarmos aula de literaturas, precisamos ter consciência da corrente de estudos literários seguida e da definição desta disciplina. Para isso, apresentaremos a seguir algumas definições de estudiosos da área: iteratura é "a expressão de conteúdos ficcionais, por meio da escrita" (MOISÉS, 2007); Literatura é "um sistema composto pela tríade obra, autor, leitor de dada época histórica" (CANDIDO, 2006); Literatura é "uma questão centralizada em aspectos textuais e de linguagem, minimizando fatores extratextuais" (SOUZA, 2005). Hoje, com a nossa imersão em um mundo extremamente midiático, precisamos rever nossas práticas pedagógicas. Não é mais viável, possível e imaginável, desconsiderarmos toda a tecnologia ao nosso redor. Devemos repensar o modo como ministramos todas as disciplinas, sobretudo essa. Primeiramente, é fundamental conscientizarmos os educandos quanto à sua importância no nosso quotidiano.

O texto selecionado acima é um exemplo de material didático utilizado nas aulas para não só analisar alguma questão semântica-morfossintática como também despertar o

hábito da leitura, ao sensibilizar o quanto as literaturas são utilizadas no meio midiático. Cabe ressaltarmos que, mesmo no Ensino Superior, de uma forma geral, os graduandos não conseguem perceber a alusão literária. Ao constatarmos cada vez mais isso, nos questionamos: Não tiveram aula de literaturas? Como era? Pelo visto, a prática adotada não propiciou um conhecimento efetivo.

Atualmente, o educador da disciplina de Literaturas precisa considerar e utilizar os diversos recursos tecnológicos disponíveis a fim de despertar o interesse dos educandos de lerem e refletirem sobre como o autor retratou seu tempo. Defendemos a tese de que todos devem ler, obrigatoriamente, um livro por bimestre, independente de ser uma instituição pública ou privada. Quanto àquela, cabe ressaltar que não é justificativa dizer ser inviável, porque não comprarão o livro solicitado. Para evitar isso, sempre disponibilizamos na primeira semana do bimestre a obra em PDF no grupo do Facebook e, hoje, no Google Sala de Aula e no grupo de WhatsApp. Ao longo do bimestre, propomos atividades. Hoje, há sites com diversas disponíveis:

- domínio público (http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm. jsp)
- obras de diversos autores (www.coladaweb.com/download-de-livros)

Observamos como os educandos leem hoje. Mas ao se referir às aulas e à exigência da leitura, há uma enorme resistência. É, realmente, paradoxal: adoro ler, mas as aulas de literatura e a proposta de leitura... Isso nos leva a seguinte indagação: como procedemos? qual a consequência dessa prática desmotivadora? E transmitimos paixão pelo ato de leitura? Há um discurso clássico de que a escola "poda" o incentivo à leitura. Diante dessa constatação que atravessa os tempos, percebemos que há algo de inadequado na nossa prática. Como pode um educador desta disciplina declarar não gostar de ler??? É altamente contraditório. Pior, antes, quando só aceitava a resposta de acordo com a sugerida pelo livro. É necessário que continue estimulando o hábito de leitura, dê voz aos educandos, permita- lhes expor suas ideias, suas impressões sobre o texto lido... Com os recursos tecnológicos, devemos propor alguns para as aulas a fim de conscientizar os educandos quanto a sua importância social. Para a graduação também propomos leituras diversas para

perceberem a necessidade de um amplo conhecimento de mundo.

Definição de recursos expressivos

Toda língua serve para estabelecer comunicação, informar o outro a respeito de algum assunto. Para isso, dependendo do tipo e gênero textual, apresenta recursos expressivos - estilísticos. Principalmente, quando a intenção comunicativa é provocar algum tipo de reação no leitor. É empregado em textos literários ou não. Por exemplo, textos com o objetivo de influenciar, no caso, a publicidade.

Dessa forma, os recursos expressivos ajudam a enriquecer o texto elaborado. São eles: fonte, cor, pontuação, intertextualidade, figuras de linguagem como ironia, antítese, elipse, eufemismo e hipérbole … Através da escrita ou da oralidade, esses tornam o texto mais expressivo e criativo. Vale destacar que um dos assuntos mais cobrados na prova de **Linguagens e sua Tecnologia,** no ENEM: as figuras de linguagem e outros recursos expressivos. O objetivo é reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfossintáticos.

Definição de retextualização

Este tópico visa apresentar sequências didáticas, nas quais os alunos fizeram a releitura de obras de Gonçalves Dias em outros diversos modos e gêneros textuais orais e escritos. Trata-se da **retextualização**, cuja definição é "o processo de transformação de uma modalidade textual em outra [...]. Reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem" (DELL'ISOLA, 2007, p. 10). As atividades permitiram que eles trabalhassem sobre estratégias linguísticas, textuais e discursivas do texto base e as projetassem em uma nova situação de interação. Os resultados indicam que cabe à educação formal criar condições para que os educandos possam conhecer e se apropriar de diferentes modalidades textuais para torná-los competentes usuários da língua portuguesa. Como referencial teórico, apoiamo-nos nas considerações de Travaglia

(2013; 1993) e Marcuschi (2010; 2000) acerca desse processo, entendido, respectivamente, como tradução, numa perspectiva textual; além das reflexões dos estudiosos: Andrade e Silva (s/d), Dell 'Isola e Matencio (2002).

É consenso entre diversos autores que ler é uma atividade interativa de reconstrução de sentido. Para Koch e Elias (2010), o autor deixa no texto marcas textuais de modo a orientar o leitor conforme os objetivos do texto. No processo de compreensão, o leitor mobiliza conhecimentos linguísticos, enciclopédicos (de mundo) e interacionais (de reconhecimento dos objetivos do texto, de avaliação das informações, de conhecimento sobre os gêneros textuais). Nesse sentido, ao lerem textos acadêmicos, além dos demais, os estudantes mobilizam conhecimentos enciclopédicos que podem ter adquirido ao longo de sua formação.

Segundo Marcuschi, a compreensão da leitura é uma atividade dialógica de seleção, reordenação e reconstrução de sentido, em que o leitor assume uma posição ativa. Como afirma o autor: "Não podemos dizer quantas são as compreensões possíveis de determinado texto, mas podemos dizer que algumas delas não são possíveis" (2008, p.257).

Travaglia (2003) introduz o termo retextualização para definir a tradução de textos da mesma modalidade e em línguas diferentes. O trabalho de Travaglia é significativo, pois cria um novo olhar sobre o processo de transformação de um texto em outro, demonstrando que um novo texto é elaborado a partir de outro já existente. O termo é ampliado por Marcuschi (2001) e por Dell'Isola (2007), que definem a retextualização como uma transformação de um texto em outro da mesma língua e modalidades diferentes, mantendo-se o sentido.

A retextualização é uma atividade frequente em nosso dia a dia, que nos permite interagir com o outro, seja na interação face a face, seja na interação estabelecida através dos textos escritos. Trata-se de transformar ou reescrever um texto em outro do mesmo gênero ou de gênero distinto, mantendo a base informacional do texto de origem (MARCUSCHI, 2001; DELL'ISOLA, 2007). No decorrer deste processo textual, espera-se que os alunos busquem compreender o que leem. Por isso, as habilidades de leitura e produção textual possuem sentido para os indivíduos envolvidos, o que faz com que esta atividade possua sentido para quem a executa e possa servir como auxílio aos estudantes para a delimitação

clara do objetivo da produção textual.

Em se tratando de gêneros da esfera acadêmica, o conteúdo é retextualizado em outro gênero sem perder de vista o propósito comunicativo do autor, o que não significa que a produção textual reproduz o sentido do texto original, mas sim o (re)constrói, pois a interferência na forma do texto acarreta interferência também no sentido (MARCUSCHI, 2001). Para este autor, ela não é mecânica, mas sim realizada a partir de operações que interferem no código e no sentido. Apesar de serem classificadas como linguísticas-textuais discursivas e cognitivas, as operações são marcadas textualmente e resultam de uma série de processos cognitivos.

Metodologia: Práticas pedagógicas da obra Os tambores de São Luís, de Josué Montelllo Biografia:

Josué de Sousa Montello nasceu em São Luís do Maranhão, MA, em 21 de agosto de 1917, e faleceu no Rio de Janeiro em 15 de março de 2006. Era filho de Antônio Bernardo Montello e Mância de Sousa Montello.

Iniciou seus estudos em São Luís do Maranhão, publicando os seus primeiros trabalhos literários em *A Mocidade*, periódico do Liceu Maranhense, onde cursou o ginásio.

Em 1932 passa a integrar a Sociedade Literária Cenáculo Graça Aranha, na qual se congregaram os escritores do Maranhão de filiação modernista. Até 1936, colabora nos principais jornais maranhenses. Muda-se, a seguir, para Belém do Pará, onde é eleito, aos 18 anos, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

No fim de 1936 transferiu-se para o Rio de Janeiro, passando a fazer parte do grupo que funda o semanário de literatura *Dom Casmurro*. No mesmo período, colabora em outras publicações, como *Careta*, *O Malho* e *Ilustração Brasileira*, além de jornais diários.

Publica o primeiro romance, *Janelas fechadas*, em 1941. Seis anos mais tarde é nomeado diretor-geral da Biblioteca Nacional, exercendo também a direção do Serviço Nacional do Teatro.

Em 1953, a convite do Itamaraty, inaugurou e regeu por dois anos a cátedra de Estudos Brasileiros da Universidade Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, no Peru. A

partir de 1954, tornou-se colaborador permanente do *Jornal do Brasil*, no qual manteve uma coluna semanal até 1990.

Quarto ocupante da cadeira 29, foi eleito em 4 de novembro de 1954, na sucessão de Cláudio de Sousa, sendo recebido por Viriato Correia em 4 de junho de 1955. Recebeu os acadêmicos Cândido Mota Filho, José Sarney, José Guilherme Merquior, Evaristo de Morais Filho, Roberto Marinho e Evandro Lins e Silva. Na posse de João de Scatimburgo, leu o discurso de recepção de Miguel Reale, que não pôde comparecer. Presidiu a Academia Brasileira de Letras em 1994 e 1995.

Novamente convidado pelo Itamaraty, regeu, em 1957, a cátedra de Estudos Brasileiros na Universidade de Lisboa, e, em 1958, na Universidade de Madri.

Entre 1969 e 1970, ocupou o cargo de conselheiro cultural da Embaixada do Brasil em Paris, e de 1985 a 1989 foi embaixador do Brasil junto à Unesco. De janeiro de 1994 a dezembro de 1995, ocupou a presidência da Academia Brasileira de Letras. Foi membro de incontáveis academias e instituições culturais no Brasil e no Exterior.

Resumo

O escritor maranhense apresenta toda a saga do negro, desde a sua origem africana, sua viagem nos navios negreiros, até a chegada em terras brasileiras. **Os tambores de São Luís**, cuja narrativa transcorre durante uma noite e algumas horas da manhã seguinte, em tom épico, conta uma história de três séculos de lutas e insurreições. Uma das ótimas sugestões de leitura para se pensar o dia 13 de maio (**Abolição da escravidão**) e o 20 de novembro (**Dia da Nacional da Consciência Negra**).

Justificativa:

É um desafio para professores da Educação Básica abordar e refletir sobre a temática africana e afro-brasileira com o intuito de promover uma educação das relações étnico- raciais. Nos últimos anos, a alteração mais significativa na LDB foi a que lhe acrescentou dois artigos referentes às Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico- Raciais da Lei 10.639/2003. O parágrafo 1º e 2º do Artigo 26 A e o 79 B afirmam que nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

Parágrafo 1º – O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.

Parágrafo 2º – Os conteúdos referentes à História e Cultura 77 Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas d e Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. Art. 79-B. O dia 20 de novembro como "Dia Nacional da Consciência Negra".

A prática tem sua relevância, pois um dos romances de Josué Montello, um dos escritores modernistas das Literaturas Brasileiras, aborda a temática. Além disso, como estamos no 3° bimestre, um dos conteúdos programáticos a ser trabalhado são as literaturas africanas. Assim, cria-se uma estratégia para que os estudantes conheçam a obra do autor antes de estudar os africanos. Os jovens são convidados a conectar suas experiências pessoais com poemas do autor. Assim, a subjetividade de cada jovem atravessa os textos lidos e, da mesma forma, cada aluno também é por cada trecho da obra do poeta. Esta experimentação alicerça estudos sobre ele, principalmente direcionados à preparação dos estudantes para interpretação de textos em exames como Enem e Vestibulares.

Objetivos:

- Apresentar a produção literária do escritor Josué Montello, assim como suas características.
- Preparar os estudantes para realização de exames como Enem e vestibulares.
- Desenvolver habilidades e competências referentes à leitura.
- Elaborar retextualizações.
- Ler a fragmentos do romance **Os tambores de São Luís.**
- Assistir a documentários composta por pesquisadores especialistas neste autor e, depois, debater: https://www.youtube.com/watch?v=RJsQBOXTlNE
- https://www.youtube.com/watch?v=hBLiuiVgz4
- https://www.youtube.com/watch?v=VT_k6Ud_9fs
- https://www.youtube.com/watch?v=Szhm42yp8k0
- Ouvir a música "Todo camburão tem um pouco de navio negreiro", da banda O Rappa, do álbum O Rappa, 1994.

Público-alvo

- Faixa etária: 16 a 18 anos
- Número de estudantes: 35 por turma
- Ciclo/ano: 2° e 3° anos do Ensino Médio

Recursos materiais e humanos para execução da prática:

Fragmentos do romance **Os tambores de São Luís**.

Mapa de São Luís.

Metodologia

A seguir, serão apresentadas as etapas das atividades realizadas:

As atividades foram realizadas na biblioteca da escola, com a colaboração da agente de leitura Patrícia Bastos. A turma é organizada em grupos (dupla ou trio). Antes da atividade, o autor é contextualizado.

Etapa 1: A atividade inicia com a exibição de documentários sobre Josué Montello, a fim de contextualizá-lo.

Etapa 2: Cada estudante ganha um fragmento do romance para interpretá-lo.

Etapa 3: A partir da leitura dos fragmentos da obra, foram propostas questões como: identificar o tema da obra; localizar informações explícitas no texto; inferir o sentido de palavras ou expressões; entender as informações implícitas no texto; identificar o tema da Obra literária; distinguir um fato da opinião relativa sobre esse fato e analisar os acontecimentos históricos mostrados na obra.

Etapa 4: É projetado o mapa de São Luís, a fim de trabalhar as ruas do centro histórico de São Luís apresentado por Damião, no romance.

Etapa 5: Os alunos realizam e apresentam a retextualização dos fragmentos.

Etapa 6: Relacionar os fatos narrados com as denúncias da atualidade. Ouvir a música "Todo camburão tem um pouco de navio negreiro", da banda O Rappa, do álbum **O Rappa**, 1994.

Resultados:

De forma lúdica, os alunos conhecem a vida e obra do escritor que, neste ano de 2023, completa 106 anos. Refletem sobre os temas tratados. A seguir, alguns dos trabalhos realizados com a técnica da retextualização:

FRAGMENTO 1:

"O tempo, por si mesmo, apaga muita coisa que ficou para trás. Sobre certos estirões do caminho percorrido, as sombras se adensam, e é debalde que Damião tenta iluminá-los, de sobrancelhas travadas, os olhos no ar. Frequentemente, para que certas lembranças ganhem nitidez na sua consciência, ele recorre a um fato acessório, que tem o dom de avivar-lhe as reminiscências esmaecidas. Noutras ocasiões, nem assim o caminho se clareia. E é então que ele se põe a recitar, verso a verso, sem uma falha, os cantos da Eneida, como se estivesse com o poema diante dos olhos, para ter certeza de que a idade não lhe enfraquecera a memória". (MONTELLO, 1985, p. 359).

RETEXTUALIZAÇÃO - MICROCONTO: Tempo, ele apaga, faz fade out do que foi, do que se arrastou. E entre essas trilhas, as sombras crescem, Damião luta, olhos no céu, desvendando, iluminando. Testa franzina, coração arde. LEMBRANÇAS? Sim, elas estão lá. Talvez um pouco borradas. Mas ele pega esses fragmentos, grudados nas bordas. Cola-os com fatos secundários, aquece as brasas esmoecidas. No entanto, às vezes, não importa o quanto ele tente. As lembranças continuam como névoa densa, sem se esclarecer. Então, ele recorre aos versos, à antiga melodia. Lê cada palavra como se o poema fosse novo, na frente de seus olhos. Uma dança de palavras, uma canção de Eneias. Certifica-se de que a idade não corroeu sua memória. De que o tempo não apagou o fogo.

FRAGMENTO 2:

"O Bispo mandou me chamar _ mentiu o Damião, num sussurro _ Ninguém deve saber. __Ah! Então vai. Ele ainda está acordado. [...] Sem perda de tempo, Damião bateu de leve com os nós dos dedos, na porta do quarto do Bispo. __Quem é? – perguntou Dom Manuel [...] --Um escravo, Senhor Bispo. Preciso lhe falar. _Que é que queres , a esta hora? [...] Pode falar, estou te ouvindo. _ É muito importante o que eu vou lhe falar, senhor Bispo. Não pode ser assim. Abra a porta [...]. É assunto muito importante – Pelo bem de Nossa Senhora. Só o Senhor pode me ajudar. - Entra. [...] _ Queres ser padre ? [...] - Por acaso sabe ler? E onde aprendeu? Aqui? - Não, no quilombo de meu pai. [...]. Tudo quanto me ensinam eu não esqueço. Agora mesmo, se o Senhor Bispo quiser, posso repetir o sermão que o Senhor Bispo pregou hoje de manhã na capela. [...] - Tu podes repetir o meu sermão? Do começo ao fim? - Posso, Senhor Bispo. - E sem esperar pela ordem de Dom Manuel, Damião entrou a repetir, palavra por palavra, corridamente a prédica de Sua Reverendíssimo. As frases se sucediam, como se as tivesse diante dos olhos, enquanto o Bispo, já na ponta da cadeira, abria mais os olhos, no auge do assombro. Chegou a segurar o queixo, sem tirar os olhos do negro, e todo ele era pouco para o espanto com que o escutava. De repente, segurou-lhe o braço: Pára meu filho. O que disseste me basta. [...] tua memória é uma graça de Deus. [...] Foi Deus que me trouxe aqui para te ouvir. Tem razão de querer ser Padre. É o Espirito santo que está te inspirando" (Ididem, p. 75-77).

RETEXTUALIZAÇÃO - SLAM:

Todas as pessoas do mundo são diferentes,

Mas todos possuem subconsciente

Esse livro é presente em todas as famílias,

Você também conhece, é a tal da Biblía

Justo e sábia é a palavra revelada

Que se mostra nas estrofes recitadas.

O nosso dever é ler com atenção

Aliás, toma cuidado com a interpretação

Mas pode ter certeza de que aquilo é verdade

E que a palavra supre toda sua necessidade.

Na dúvida, pode perguntar

E um resíduo como resposta terá

Os teus problemas são tão importantes como os meus

Por isso, você (obviamente) também pode conversar com Deus.

O resultado foi satisfatório. Os alunos apreciaram a obra. Envolveram-se para uma reflexão e como resultado final avaliativo a elaboraram a retextualização do fragmento selecionado para cada equipe. Esses trabalhos foram apresentados na **XIII Semana Montelliana**, na Casa de Cultura Josué Montello, sob a direção de Joseane Maria de Souza e Souza, de 21 a 23 de agosto de 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> "O amor e a literatura coincidem na procura apaixonada, quase sempre desesperada, da comunicação." (JORGE DURAN)

Em pleno século XXI, com as mudanças nas relações sociais, novas formas de construir o conhecimento surgem. Contudo, não basta adotar as diversas tecnologias e continuar desenvolvendo as mesmas práticas, baseadas em um mesmo currículo (CASTELLS, 2007). Conforme Pozo e Monereo (2010), é necessário ajustar este e inovar aquelas para que os educandos exerçam o papel de protagonistas do processo de aprendizagem. Dentro dessa concepção, propusemos as práticas e as apresentamos ao longo deste livro.

Esta transformação ainda está surgindo de maneira muito lenta. Para atender as demandas da nova sociedade atual e dos jovens, é fundamental romper com os paradigmas antigos e ousar para propor novos. Nessa perspectiva, cabe aos educadores refletirem sobre as múltiplas possibilidades de uso da tecnologia e aproveitá-la para criar formas diferenciadas de abordar os conteúdos. Assim, propondo uma metodologia motivadora e inovadora, a fim de atender às necessidades educacionais emergentes: construção do conhecimento com base na colaboração, cooperação, alfabetização digital e respeito à diversidade. Deve-se aprender a conviver e a utilizar os múltiplos recursos de maneira adequada. Há de se adotar uma postura adequada de comunicação. A tarefa é árdua. Afinal, nós educadores somos imigrantes digitais ao passo que os educandos são nativos. Apropriam-se da tecnologia com naturalidade. Os maiores dilemas enfrentados pelo educador são: quais utilizar? Como? Há limites? O que deve ser orientado? etc.

Para finalizar, o educador deve conscientizar-se da relevância do uso da tecnologia em prol da construção do conhecimento. Estamos em uma fase de transformação. Precisamos experimentar sem medo de fracassar. Testar novas ferramentas como as relatadas para levar os educandos a pensarem. Para estas não existem respostas acabadas e absolutamente certas. Assim, é evidente que a prática pedagógica do educador das diversas áreas do saber necessita de ações inovadoras para que possam habitar os espaços da sala de aula. Entretanto, para isso, além dos recursos tecnológicos, o planejamento e conhecimento das teorias e metodologias são indiscutíveis para promover a qualificação na educação.

As atividades integradas são sempre mais atrativas e proveitosas para os educandos porque "dá sentido" aos conteúdos trabalhados. Se for para nota, o interesse é maior ainda por se tratar de uma produção cuja nota será distribuída pelas disciplinas envolvidas no projeto realizado. Os depoimentos são favoráveis tanto dos educadores quanto dos educandos e a solicitação para serem propostos outros envolvendo as diversas disciplinas do núcleo comum e/ou técnico são o termômetro do efeito positivo alcançado.

Ao propormos diferentes atividades com Língua Portuguesa e Literaturas, almejamos levar os educandos a perceberem a importância da língua materna para o entendimento do texto. Assim, devemos ousar mais – sem medo de fracassar – propondo atividades integradas com as diversas áreas do saber. Ao nos impormos cada vez mais a tarefa de persistir em interagir com os educadores na busca de novas metodologias, possibilitamo-

nos contribuir para a inovação e a modernização da escola. Na tarefa desta ser a adequada ao século XXI e, por consequência, desenvolver a capacidade de leitura e produção textual do educando – jovem do mundo contemporâneo.

Quanto às Literaturas, é preciso que o professor leve o aluno a compreender tratar-se do homem no seu tempo (contexto vivenciado). No Brasil, por ser extenso, há diversas influências. Por isso, defendemos ser Literaturas brasileiras, indígenas e africanas. Devemos instigar a leitura dos clássicos. Trabalhar (concomitante) contemporâneas e os clássicos. Com esta obra, esperamos instigar o professor leitor a reproduzir estas práticas ou propor outras inovadoras. O importante é arriscar-se. Não temer ousar. A palavra-chave do século XXI é INOVAR.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: UNESCO, 2003.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2005.

ALMEIDA, M. E. B. de. **Educação, projetos, tecnologia e conhecimento**. São Paulo: PROEM, 2002.

ARAGÃO, António. **Poesia Experimental 1**, 1964.

BARCELLOS, Renata da Silva de. **Barcellos e Viana**. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

BARCELLOS, Renata da Silva de. **Tchello d'Barros: olhos de lince. Poesia Visual em perspectiva.** Rio de Janeiro: Personal, 2020.

BARCELLOS, Renata da Silva de. **Ensino de Língua Portuguesa e outros textos**. Rio de Janeiro: CIFEFIL (disponível em: http://www.filologia.org.br).

BARCELLOS, Renata da Silva de. Retextualização de poemas visuais. **Experiências didáticas** [livro

BISOL, C. A. Ciberespaço: terceiro elemento na relação ensinante/aprendente. In: VALENTINI, C. B.; SOARES, E. M. S. **Aprendizagem em ambientes virtuais** [recurso eletrônico]: compartilhando ideias e construindo cenários – Dados eletrônicos. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: SEF, 1998.

BUSARELLO, Raul Inácio. **Aprendizagem para tecnologias e práticas em Inovação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2015.

CALVINO, I. A combinatória e a arte da narrativa. In: LUCCIONI, G. et al. **A atualidade do mito**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CALVINO, I. CALVINO, Ítalo. "Definições de territórios: o fantástico". **Assunto Encerrado: Discursos sobre Literatura e Sociedade**. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, v. 24, n. 9. São Paulo, 1972.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In:_____. V**ários escritos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. Literatura como sistema. In:_. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**, 1750-1880. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 25-27.

CHAVES, E. O. C. **Tecnologia na educação, ensino a distância e aprendizagem mediada pela tecnologia: conceituação básica.** Disponível em:

<http://www.chaves.com.br/textself/edtech/ead.htm>.

CASTELLS, M. **A era da informação:** economia, sociedade e cultura. 10. ed., rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra. 3 v. (v.1), 2007.

COLL, C.; MONEREO, C. **Psicologia da educação virtual:** aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COLL, C.; MAURI, T.; ORNUBIA, J. A incorporação das tecnologias da informação e da comunicação na educação: do projeto técnico-pedagógico às práticas de uso. In: COLL, C. & MONEREO, C. **Psicologia da educação virtual:** aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CRISTIANINI, Adriana Cristina & DIAS, Eliana (org.). **Propostas Didáticas Para O Ensino De Língua Portuguesa: Contribuições Do Profletras.** Sp: Appris, 2023.

DELORS, Jacques. **Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DIONISIO, Ângela P. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro. Lucerna, 2002.

DIONISIO, Ângela P; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). **O livro didático de português: múltiplos olhares.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DIZARD JR., Wilson. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação.**

Trad.: Antonio Queiroga e Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Fairchild, Thomas Massao. **Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa** I/ Thomas Massao Fairchild. – Belém: Edit Aedi, 2014. v.12. Textos didáticos do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – Modalidade a Distância.

FÁVERO, Leonor L.; KOCH, Ingedore G. V. **Linguística textual: introdução**. São Paulo: Cortez, 1983.

FÁVERO, Leonor L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo. Ática. 1997.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática.** Trad.: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FERREIRA, Lucelena & SANGENIS, Anabelle Lovois C. C.. **Didática e prática de ensino de língua portuguesa e literatura: desafios para o século XXI.** RJ: Lamparina, 2023.

GERALDI, João W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 004.
GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIRAFFA L.M.M. **Uma odisséia no ciberespaço: o software educacional dos tutoriais aos mundos virtuais**. *RBIE*, v.01, p. 20-30, 2009.

INDEZEICHAK, Silmara Terezinha. **O professor de língua portuguesa e o ensino mediado pela tecnologia**. Produção didático-pedagógica PDE/UEPG. Programa de Desenvolvimento Educacional – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2007, p. 1-29. Disponível em: KENSKI, V. M. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 3. ed. Campinas: Papirus, 2007.

INDEZEICHAK, Silmara Terezinha; ELIAS, Vanda (Orgs.). **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo. Contexto. 2006.

INDEZEICHAK, Silmara Terezinha. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo. Contexto. 2009.

LALUEZA, J. L.; CRESPO, I.; CAMPS, S. **As tecnologias da informação e da comunicação e os processos de desenvolvimento e socialização.** In: COLL, C. & MONEREO, C. **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LEMOS, A. **Cibercultura e mobilidade: a era da conexão**. Razón y Palabra, ano 9, n. 41out./nov.2004. Disponível em: http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n41/alemos. html.

LOPES, Monclar Guimarães & ROSÁRIO, Ivo da Costa da (org.). **Ensino de Língua Portuguesa No Século XXI: Pesquisa, Teoria E Prática**. São Paulo: Pontes, 2022

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Loyola, 1999.

LUDKE, M.; ANDRE, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MACHADO, E. de C.; SÁ FILHO, C. S. **O computador como agente transformador da educação e o papel do objeto de aprendizagem**. São Paulo: 2003.

MANTOVANI, A. M. ; BACKES, L. ; SANTOS, B. S. **Formação Do Educador No Contexto Da Cibercultura: Possibilidades Pedagógicas Em Metaversos** (Mundos Digitais Virtuais Em 3 Dimensões MDV3D**. Contrapontos** (UNIVALI) (Cessou em 2008. Cont. ISSN 1984-7114 Contrapontos (Online), v. 12, p. 77-86, 2012.

MANTOVANI, A. M. **Reflexões acerca das Teorias Contemporâneas da Educação.** Programa de Pós graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2012.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONÍSIO, A. P. et al**. Gêneros textuais & ensino.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: Moran, José Manuel. (Org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2000. MORAES,

M. C. **Subsídios para fundamentação do Programa Nacional de Informática na Educação**. Secretaria de Educação à Distância. Ministério de Educação e Cultura, jan.1997.

MATURANA, H. **Transformación en la Convivência.** Santiago: Dólmen Ediciones, 1999.

MATURANA, H; REZEPKA, S. N. **Formação e capacitação humana.** Petrópolis: Vozes, 2008.

MOISÉS, Leila Perrone. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

MORAES, M. C. **Subsídios para fundamentação do Programa Nacional de Informática na Educação.** Secretaria de Educação à Distância. Ministério de Educação e Cultura, jan.1997.

MORAES, M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2002.

MORAES, M; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2002.

PCN – **Parâmetros curriculares nacionais, ensino médio, bases Legais**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília, 1999.

NODIER, Charles. **Contes fantastiques**. Tomes 1 et 2. Apresentação de Michel Laclos. Paris: Jean-Jacques Pauvert, 1957.

ORNUBIA, J.; COLOMINA, R.; ENGEL, A. **Os ambientes virtuais de aprendizagem baseados na representação visual do conhecimento.** COLL, C. & MONEREO, C. **Psicologia da educação virtual:** aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre:Artmed, 2010.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. Uma (Re)definição das Competências do Professor de LE. In: Ortiz Alvarez (org.), **Ecos do profissional de línguas: competências e teorias**, Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PAES, José Paulo. "As dimensões do fantástico". **Gregos & Baianos: Ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PEREIRA. Marli Hermenegilda & PALOMANES, Roza (org.). **Desafios para a prática de leitura e escrita: projetos de letramento para o ensino fundamental.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PERRENOUD, P. **10 novas competências para ensinar.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita.** Rio de Janeiro. Lucerna. 2004.

PINO, Michelle Melina Gleica Del & PEREIRA, Nicolau. **Práticas Pedagógicas: Língua Escrita E Surdez.** São Paulo, 2016. Disponível em: https://nasenjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1471-3802.12229

ROSSI, João Carlos (org.). **Reflexão acerca do ensino de língua portuguesa em formação continuada: um viés colaborativo.** Campo Grande: Editora Inovar, 2019.

SANCHO, J. M. De tecnologias da informação e comunicação a recursos educativos. In:

_____. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
_____. (Org.). **Para uma tecnologia educacional.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Edmea; ALVES, Lynn (Orgs.). **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais.** Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

SANTOS, Marcos Pereira dos & ALVES, Celso Roberto Borges (org.). **A educação na contemporaneidade** [livro eletrônico]: **desafios pedagógicos e tecnológicos.** Campina Grande: Editora Amplla, 2022. disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/701681/2/AEducacaonaContemporaneidad e.pdf).

SARAIVA, Juracy Assman; MÜGGE, Ernani; et al. **Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

SECCHIN, Antonio Carlos. **Percursos da poesia brasileira: Do século XVIII ao século XXI.** Rio de Janeiro: Autêntica, 2018.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação Sociolinguística, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143- 160, dez. 2002.
SOUZA, R. A. de. **Teoria da literatura.** 9. ed. São Paulo: Ática, 2004.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar.** In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: Infância e Práticas Educativas. Arq Mudi. 2007. Disponível em:

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação: professor na atualidade**. São Paulo: Érica, 1998.

TEDESCO, J. C. **Educar na sociedade do conhecimento.** Trad.: Elaine Cristina Rinaldi, Jaqueline Emanuela Christensen, Maria Alice Moreira Silva. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

VALENTE, J. A. **O computador na sociedade do conhecimento.** Campinas: Unicamp/NIED, 1999.

VALENTE, J. A. **O papel do computador no processo ensino-aprendizagem**. Boletim do Salto para o Futuro. Série Pedagogia de Projetos e integração de mídias, TV-ESCOLA-SEED-MEC, 2003. Disponível em: . ZILBERMAN, **Regina. Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 52-62.

RAMOS, M.N. **Possibilidades e desafios do currículo integrado.** São Paulo: Cortez, 2005. p. 106-127.

REZENDE, Mariana Vidotti de. **O conceito de letramento digital e suas implicações pedagógicas.** Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2016. dISPONÍVEL EM: https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16716

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Relatos Historiográficos

A Praça Brasil e seu lugar na Gestão Educacional de Volta Redonda

Wilson César T. Pinto[34]
Paulo Yutaka Toyoshima Girata[35]

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo mostrar a contribuição do campo das Artes Visuais para o 'uso' do espaço público como recurso educacional, de modo a superar o mero lazer, os eventos efêmeros e o fluxo de pedestres. Reivindica-se a Praça Brasil, na cidade de Volta Redonda (RJ), como 'praça-escola', por meio do consumo cognitivo e contínuo de seu espaço e de seus objetos artísticos residentes. Com o intuito de ampliar conhecimentos e aproximar seus habitantes da trajetória histórica da cidade, pretende-se valorizar o patrimônio público, a prática do pertencimento coletivo, a disseminação de novos saberes, renovação e compromisso sociais.

Palavras-chave: Artes Visuais; Gestão Educacional; Monumento; Praça Brasil; Volta Redonda.

INTRODUÇÃO

Inseridas em meio ao vaivém das cidades, em suas complexidades e representações, pessoas se relacionam umas com as outras tanto quanto com os espaços pelos quais transitam e nos quais habitam. Essa condição social, por vezes reconhecida mas não percebida, se dá com maior profundidade e se prolonga com mais intensidade quando indivíduos se posicionam como agentes transformadores desses mesmos espaços — repletos de entrelaçamentos e articulações materializadas em estruturas edificadas e necessidades imediatas de sobrevivência —, desde que estimulados a ampliar o olhar cotidiano, percebendo e consumindo-os cognitivamente para então deslocá-los do uso funcional, do decorativo, em direção ao simbólico, ao identitário e a sua salvaguarda. Mais do que transitar

[34] Licenciado em Artes Visuais pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Autor correspondente: cesarwilsonpinto@gmail.com
[35] Acadêmico de Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário Internacional Uninter

e habitar, há de se pertencer, e esse entendimento se revela com amplitude de significados através de percursos educacionais que desacelere e coordene os movimentos individuais, passando de um 'estado mecânico adaptativo' para uma aproximação coletiva e consciente com a cidade.

Um importante instrumento para essa aproximação encontra-se no campo das Artes Visuais. Basta um olhar atento e não ocioso em direção aos objetos artísticos que ocupam e/ou residem nos espaços públicos para proporcionar descobertas e reflexões plurais a respeito da história daquele lugar, de seus habitantes e identidades. A Arte Pública é vetor educacional que contribui — como um valioso auxílio para a gestão das cidades e seus patrimônios — com a prática do entendimento e pertencimento coletivos, de modo que escolas, professores e alunos atuem como agentes transformadores e, portanto, disseminadores da prática da coexistência, de novos saberes, renovação e compromisso sociais.

Dentre os espaços públicos para o exercício do consumo cognitivo, *a praça* — tradicionalmente um lugar de experiência social — é capaz de ofertar diferentes possibilidades de ensino e aprendizagem que ultrapassam o mero lazer e o fluxo de pedestres, configurando-se como 'praça-escola', desde que haja um encontro entre objetos artísticos, arte-educadores e projetos pedagógicos. Essa tríade pode ser inserida temporariamente (em eventos culturais e comemorativos, obras decorativas, exposições itinerantes e instalações) ou através do acesso direto e permanente àquele que já reside ali, como fazem os *monumentos históricos*. É exatamente sobre este último que se debruça nossa reflexão.

Após alguns alicerces históricos da cidade junto com Calife (2000), apresentaremos o escrito em três momentos: primeiro, *o espaço percebido*, com Fabris (2000) e Cartaxo (2009), no qual se discute a Praça Brasil como lugar de relações e representações simbólicas para consumo cognitivo. Aborda-se essa primeira seção com aportes de Fernandes (2001), Cirino e Paula (2019), IPPU-VR (2021) e Dewey (2010); segundo, *o espaço mediado*, com Chiovatto (2022), Correa e Becker (2017), momento para reivindicá-lo como 'praça-escola' entre atos do arte-educador quanto a prática da mediação e o exercício do "olhar" objetos artísticos; e por fim *o espaço consumido*, com Marchette (2016), Canclini (1995), Hernández (2007) e Zagonel (2013), para questões de educação patrimonial, o valor cognitivo do espaço e uma atividade pedagógica como instrumento de apoio para a gestão educacional do referido município.

METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica e documental, de natureza investigativa e qualitativa, com observação e leitura visual *in loco* do objeto de estudo.

RESULTADOS

Volta Redonda (RJ) tem origem ainda no século XIX. Segundo Calife (2000), o lugarejo passou por grandes transformações nos anos de 1940, em tempos de industrialização, com a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), expoente na fabricação de aço. Em meio aos meandros da política, Getúlio Vargas fez da cidade-empresa um modelo de sincronia para o progresso. Seguindo o projeto nacionalista de superar a

economia agrícola, "em maio de 1948 a linha de produção começou a operar em sua totalidade. A Cidade Operária, pouco a pouco, ia se tornando habitada" (CALIFE, 2000, p. 56). Nascia ali o novo trabalhador brasileiro, o cidadão-operário do futuro: o metalúrgico. Tempos depois a cidade prospera e se emancipa durante os anos 1950, motivo para um marco em praça pública sob a égide de seu patriarca. "A obra foi iniciada em [...] 1954, sob a coordenação de Hildegardo Leão Velloso, escultor responsável [...]. O monumento foi inaugurado em [...] 1957 com a presença do presidente Juscelino Kubitschek [...]" (FERNANDES, 2001, pp-82-84). O *monumento escultórico em homenagem a Getúlio Vargas e aos trabalhadores da CSN*, como atesta a história, acabou sendo póstumo. Fato esse que ampliou sua dimensão simbólica, elevando a representação daquele espaço para a cidade, para o povo, assim como registro histórico de um período do país.

O espaço percebido

Aquele que consome a Praça Brasil, hoje, fará um exercício um tanto solitário. Observar as pessoas que a atravessam sem se dar conta da história sendo representada ali, motiva-se o pensamento de que o que é parte do cotidiano nem sempre adquire significado maior do que o de existir. Com população em torno de 274.925 habitantes, de acordo com o IBGE, em 2021, é desconfortante contemplar a *estatuária* de *H. Leão Velloso* (1899-1966) com a devida atenção, pois para quem passa, talvez, se está diante de algo sem 'valor', que ocupa 'espaço' ou de que se trata apenas de *estátuas* antigas. Mas e o que se oculta ali? Quem sabe, alguém se pergunte isso antes de acelerar um pouco mais em direção a algum compromisso imediato e necessário.

Centros urbanos são assim, aglomerados de imediatismos que se reproduzem ininterruptamente. As cidades consomem seus habitantes e estes inibem o consumo consciente do lugar que habitam, apenas existindo e ocupando 'espaços'. Fabris (2000, p. 9) diz tratar-se de uma "[...] complexa rede de articulações culturais, que transformam a mente do ser humano, reorganizam as noções de tempo e de espaço, configuram a imagem de uma entidade viva, sujeita ao desgaste, à transformação, à destruição". Arremessados em ciclos viciosos e sequestros de subjetividades, há de se ter instrumentos tangíveis para coordenar essas articulações, ressignificando relações, objetos e lugares. Se é no espaço público que essa "entidade viva" se configura e, portanto, se manifesta, cabe aos gestores educacionais fazerem dele, ou permitirem fazê-lo, lugar de reflexão e consumo cognitivo. É pensar o espaço no próprio espaço, e não apenas seu uso funcional, utilitário. Cartaxo (2009, p. 15) pauta que

> [...] se no período moderno a cidade foi pensada na sua dimensão de função, hoje ela se inscreve numa dimensão de existência, em que as artes visuais têm participação ativa nesta nova condição. A arte que existe nos espaços públicos não se constitui como produto (não lida com as questões de compra ou venda), mas como objeto de consumo, contudo, de algo já consumido, uma vez que já faz parte do organismo da cidade. [...] A

> arte nos espaços públicos é, simultaneamente, meio de reflexão e lugar.

A autora aponta para uma "nova condição" da cidade ao pensar a vida urbana "numa dimensão de existência", porém, entende-se o objeto deste estudo como lugar de pertencimento. Supera-se o existir, pois a gama de significados do espaço ao qual pertence é ampla. Fernandes (2001, p. 65) coloca que "[...] se monumentos dão sentido simbólico à cidade, [...] são eles, portanto, referências no espaço e no tempo. São [...] documentos construídos historicamente". A condição dos que o atravessam sem se dar conta dessa construção é campo fértil para que o ensino das Artes Visuais modifique o 'estado mecânico adaptativo' praticado ali. O *monumento* da Praça Brasil a eleva além do uso funcional, por possuir características identitárias cuja "[...] representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior" (FERNANDES, 2001, p. 69). Considera-se "mundo" aqui como o entorno da *praça*, a realidade urbana que a circunscreve, seus entrelaçamentos, seus códigos, seus habitantes. É o "mundo" que a orbita e do qual é parte. A sua atuação simbólica e as relações em seu "interior" são representadas pelos elementos que a constituem, como descreve Cirino e Paula (2019, p. 4), sendo um

> [...] obelisco, erguido no centro de um espelho d'água, [...] 4 placas com ilustrações gravadas [...], e próximo ao topo uma inscrição " Ao presidente Getúlio Vargas esta homenagem". Ao redor do espelho d'água foram posicionadas as bases em quatro pontos, onde as estátuas foram instaladas sendo uma em homenagem ao trabalhador operário, outra a Getúlio Vargas e mais duas esculturas de mulheres representando a indústria e a agricultura.

Reserva-se o olhar para o protagonismo de duas delas: o bronze de *Getúlio Vargas* e do *Metalúrgico*. Estar diante deles, nos quais ocultam-se significados em sua existência, já denota um convite para a decodificação e interpretação, uma oportunidade de aproximar-se, ampliando a relação que se instala num espaço agora percebido. Essa aproximação desloca o olhar para o passado e de volta ao presente, quando praticado intencionalmente. E como "lugar de contemplação", não deverá ser um mero prazer momentâneo. Dewey (2010, p. 443) aponta para "[...] uma contemplação que não é uma forma desperta e intensificada de atenção ao material da percepção, apresentado pelos sentidos, é um olhar ocioso". É preciso sair da posição de espectador passivo e se colocar como 'leitor-observador'. Para tal, é necessário fomentar pedagogicamente a intencionalidade desse encontro, pois trata-se de um processo cumulativo, contínuo, em movimento. Entretanto, sujeito a desvios, o que demanda mediação.

O espaço mediado

Caminhar coletivamente ao longo de um espaço artístico sugere entrelaçamentos, pensamentos e intervenções daqueles que participam do percurso. Ali tem-se a oportunidade do atravessamento de diferentes olhares, cuja postura compartilhada em meio a uma experiência social conduz a uma experiência estética. Não basta divulgar o espaço tampouco seus objetos artísticos, não basta fazê-los produto de publicidade ou se limitar a dar informações turísticas a respeito, mas deve-se, sim, apropriar-se dele para fins educacionais além de um "evento objetivo". Do contrário, a permanência do 'existir' se instala, sem 'movimento' constante. Fato este que deverá ser pauta frequente para uma gestão educacional atuante.

'Movimentar' um objeto artístico é percebê-lo, é decodificar, é interpretar. Esse é o lugar da mediação, desacelerar e coordenar movimentos, estabelecendo relações de aproximação. Passar da experiência social comum para a experiência estética acontece nessa interação, o afetar e o ser afetado, sem imediatismos, num processo contínuo, cumulativo e, portanto, superando a materialidade do próprio objeto artístico. É o professor mediador que desloca o ato reducionista de reconhecer algo para o de percebê-lo, é ele "[...] o responsável por auxiliar nos processos de significação dos conteúdos" (CHIOVATTO, 2022, p. 3).

Esses processos emergem do "olhar" um objeto de arte, e isso não quer dizer, e longe disso, de que há leituras certas ou erradas, que se encerram ao passar de uma para outra, de um artista a outro, como num roteiro acabado ou uma receita pronta. Deve-se, sim, distanciar-se do meramente instrutivo e informativo, pois conforme aponta Chiovatto (2022, p. 2), um dos

> [...] aspectos essenciais do objeto de arte é ser interpretativo; por outro lado, um aspecto essencial do ser humano é ser interpretador. A interpretação de um objeto [...] depende do ponto de vista do observador, das relações por ele traçadas junto ao que já conhece ou imagina, às suas memórias, expectativas, enfim... A interpretação é pessoal, portanto é impossível ao professor de artes abarcar todas as interpretações possíveis de um objeto.

A leitura do arte-educador, que diz muito a respeito de sua trajetória e repertório que antecedem a própria prática profissional, é atravessada pelo lugar de vivência. 'Ser da cidade', sentir sua pulsação cotidiana, caminhar pelas luzes e sombras urbanas permite a ele distanciar-se do 'ser turístico', o que faz da mediação um reencontro constante. Sua fala motiva a aproximação afetiva e efetiva com o objeto tanto quanto com os educandos, que por sua vez o fazem de volta. Não basta domínio de conteúdo. O movimento começa pelo mediador, através do qual "[...] a transmissão dessas informações - que participam do processo de educar - não pode ser feita de maneira automática, sem envolvimento. Isso seria reduzir o professor a um emissor de informações, que não age e nem reage a elas" (CHIOVATTO, 2022, p. 8). Chiovatto (2022, p. 8) conclui que "para que a educação aconteça, é necessário que as informações e conhecimentos façam sentido tanto para quem os transmite quanto para quem os recebe".

A *estatuária* de *Hildegardo Leão Velloso* carrega potencial para se 'movimentar' ao ser consumida cognitivamente. Reagir conduz a questionamentos, e por sua vez para análises e

investigações. Na representação de *Getúlio*, por exemplo, sugere-se ao leitor-observador direcionar o olhar para a mão direita da *estátua*, que remete 'aparentemente' ao ato de fumar. Porém, não há evidência alguma de cigarro ou charuto ali, e era sabido que o mesmo tinha o hábito de fazê-lo com a mão esquerda. O que levou o artista a representá-lo assim? Na *estátua* do *Metalúrgico*, o braço esquerdo erguido na altura dos olhos, como quem deseja afastar a luz, destaca-se com veemência. Mas, a viseira levantada na altura da testa condiz com o propósito primário de proteção? O que se revela naquele gestual? E mais, o que motivou a localização geográfica das *estátuas* no *monumento*? São análises que contribuem para o "olhar", e exercitá-lo, segundo Correa e Becker (2017, pp. 250-260)

> [...] se torna cada vez mais importante para o entendimento de uma imagem, pois esta abriga inúmeras possibilidades de significados que nem sempre aparecem à mostra, muitos estão ocultos, é preciso procurá-los para desvendá-los, é preciso pensar.

Pensar a Praça Brasil e seus objetos artísticos como campo de mediação é sublinhar que "[...] ver é imediato, olhar é mediado. A imediaticidade do ver torna-o um evento objetivo" (CORREA; BECKER, 2017, pp. 250-260 apud TIBURI, 2004, p. 8), portanto, reivindicá-la como 'praça-escola' é primar pela continuidade, colocando sua *estatuária* em 'movimento' através de projetos pedagógicos que alimentem tal consumo.

O espaço consumido

De acordo com o Caderno do Patrimônio Histórico de Volta Redonda (2021, pp. 34-35), as "obras, estátuas e construções existentes na Praça Brasil" encontram-se tombadas e classificadas como patrimônio "cultural-paisagístico" do município. Essa condição ratifica a necessidade do encontro munícipes-patrimônio através de uma educação patrimonial consumida no próprio espaço, pois trata-se de "[...] um processo de aprendizagem que se realiza mediante a utilização dos bens culturais, [...] como recursos educacionais" (MARCHETTE, 2016, p. 88). Marchette (2016, p. 88) sinaliza que o processo possibilita

> [...] aproximar a sociedade do patrimônio cultural que a representa simbolicamente, promovendo a ampliação do entendimento da história passada e presente. Esse processo de aprendizagem pode ocorrer nas estruturas formais e informais de ensino [...]. Na vida comunitária, a educação patrimonial é um elemento estratégico da atuação política, da constituição da memória e [...] dos saberes tradicionais.

Uma gestão educacional que 'use' o espaço urbano como recurso educacional sistematizado, o "[...] consumo poderá ser um lugar de valor cognitivo, útil para pensar e agir significativa e renovadoramente na vida social" (CANCLINI, 1995, p. 68), desde que se tenha "[...] propostas intelectuais em termos das práticas culturais relacionadas ao olhar e às maneiras culturais de olhar [...] as representações de nosso tempo e levam-nos a repensar as narrativas do passado" (HERNÁNDEZ, 2007, p. 22). O campo das Artes Visuais alimenta e conduz o "valor cognitivo" e "práticas culturais" em abordagens de ensino na presença do objeto artístico, do arte-educador e ações pedagógicas. Zagonel et al. (2013, p. 222) enfatiza que tal campo é permeado "[...] por saberes de cunho filosófico, estético, histórico, sociológico, semiótico, gestáltico, iconográfico, antropológico, etnográfico, entre outros, [...]. A escola é um dos principais espaços para se construir esses saberes", e o espaço público é seu lugar de renovação e democratização social.

A Praça Brasil é esse lugar, uma mediadora de significados que faz convite diário para passear pela história da cidade, pela história de seus personagens, pela história do país, pela história da *escultura*, pela poética do *escultor*. Na condição de 'praça-escola', uma 'volta pedagógica' pelo Patrimônio Histórico poderá reunir ali todos esses saberes.

Primeiramente, deve-se perceber que há um percurso no *monumento* a Getúlio Vargas. Ao longo do espelho d'água que circunscreve o *obelisco*[1], embora as *estátuas* se apresentem individualmente e cada qual em uma direção, existe uma linha narrativa que as conecta. Propõe-se assim dividi-lo em quatro movimentos[2]: partindo da representação alegórica da *agricultura* (origens da cidade), percorre-se em sentido anti-horário um intervalo em direção a *estátua* figurativa de *Getúlio* (o ideal nacionalista); dali segue-se por um segundo intervalo até a representação alegórica da *indústria* (o progresso); outro intervalo para se colocar diante da estátua do *Metalúrgico*[4] (o novo operário); e no quarto movimento, após mais um intervalo, conclui-se a 'volta' retornando ao ponto de partida.

Cada 'movimento' elenca um conjunto de saberes necessários para que o consumo se prolongue ao longo do percurso, conduzindo o participante ao movimento seguinte. Sob a coordenação do arte-educador, pode-se reunir ali um professor especialista que dinamize e contribua didaticamente em cada um dos intervalos. Para o primeiro, por exemplo, um pesquisador da história da região no período do café; um segundo historiador que se debruça sobre a Era Vargas; no terceiro um professor de geografia para falar do projeto de urbanização da cidade; e, no quarto, um professor de sociologia para falar das mudanças na relação capital-trabalho. Como se vê, configura-se assim uma atividade pedagógica atravessada pela coletividade e interdisciplinaridade. Zagonel et al. (2013, p. 271) encerra o percurso ao dizer que "[...] podemos fazer uso de métodos com etapas, procedimentos preestabelecidos e ou abordagens com base na teoria, mas com ajustes pessoais, conectados à realidade vivida e dentro de uma perspectiva flexível". Para cada nível escolar adota-se uma abordagem.

Assim a leitura do *monumento* adquire um arcabouço de conhecimentos que amplia o olhar e que, talvez, não atingisse tantas possibilidades se não houvesse um processo de ensino sistematizado. Como exposto anteriormente, é pensar o espaço no próprio espaço e não apenas fazer 'uso' de sua 'vocação utilitária'. É ir além do existir. A experiência estética com as *estátuas* supera a materialidade, como na construção de argumentos quanto às suas respectivas localizações geográficas e possíveis interpretações referentes aos seus gestuais: enquanto *Getúlio* — imerso em pensamentos, introspectivo e saudosamente contemplativo —, direciona o olhar pela *Rua 14,* levando-nos ao antigo *Escritório Central da CSN*; o

Metalúrgico habita e pertence ao presente, conduzindo nosso olhar ao futuro, em meio ao vaivém cotidiano da cidade.

Figura: Praça Brasil e o monumento escultórico

Figura 01

Figura 02

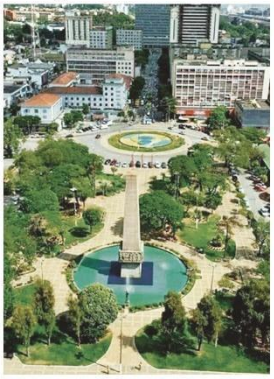


Figura 03

Figura 04

Figura 05

Figura 06

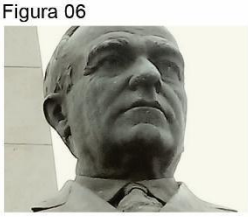


Figura 07

Figura 01: Obelisco e painéis em baixo-relevo. [2]Figura 02: Planta da Praça Brasil no Bairro Vila Santa Cecília, na qual identifica-se o espelho d'água e a localização das quatro estátuas. [3]Figura 03: Estátua de Getúlio Vargas, de frente para a área de maior visibilidade da praça. [4]Figura 04: Metalúrgico, à leste, de frente para a rua Quarenta e Três, rua com grande fluxo de veículos. Figuras 05-07: Recortes que auxiliam na leitura das estátuas, na identificação destas e nas sínteses interpretativas.
Fonte: 01-02. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Volta Redonda (IPPU-VR).

Fonte: 03-07. Próprio autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este escrito almeja contribuir para que escolas, professores, educandos e a comunidade local exercite um processo contínuo e cumulativo de aproximação e pertencimento com sua cidade, tendo a Praça Brasil, em Volta Redonda (RJ), como protagonista, podendo ser substituída por tantos outros espaços com história e formação de identidade mediadas por objetos artísticos residentes. É bom salientar que a Praça Brasil também permite aos agentes sociais a oportunidade de aproximarmos do artista e da *linguagem escultórica brasileira* da primeira metade do século XX (transição do tradicional para o moderno). Trata-se de um vetor educacional para um período histórico que vai do início da industrialização brasileira e seu ideal nacionalista nos anos 1940 ao crepúsculo de Getúlio Vargas no final da década de 1950. A arte é reveladora e ainda há muitas reflexões a respeito desse patrimônio cultural, assim como a de colocar luz sobre o próprio escultor, um sintoma de sua época. Que continuemos a revelá-lo.

Ao estabelecer uma relação de proximidade entre pessoas, objetos e lugares, possibilidades de consumo são ampliadas, pois o pertencimento é mais significativo quando inseridos em espaço público mediado por processos de ordenação do olhar. O *monumento* é presença constituinte daquele espaço, o que permite reflexões e ressignificações que reverberam na vida social. Há permanências, mas muitas transformações.

Cabe ao campo das Artes Visuais, na figura do arte-educador, contribuir para um movimento cumulativo da experiência social comum para a experiência estética, de modo a reeducar, auxiliar, orientar, aprimorar e ampliar a capacidade de percepção de educandos e da própria comunidade local como um todo. É pensar o espaço no próprio espaço. Espera-se que aquele que consumir a Praça Brasil hoje, e amanhã, não o faça e não continue fazendo dele um exercício tão solitário.

REFERÊNCIAS

CALIFE, M. N. da S. **A relação capital-trabalho na gênese da CSN**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Severino Sombra. Vassouras, 2000. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000254.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995. 268p.

CARTAXO, Z. **Arte nos espaços públicos:** a cidade como realidade. PPGAC-UNIRIO. Vol. 01, janeiro-junho de 2009. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/431/380>. Acesso em: 08 dez. 2021.

CHIOVATTO, M. **O Professor Mediador.** Pinacoteca de São Paulo: museu para todos + Educação. Disponível em: <http://museu.pinacoteca.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2017/01/MILA_CHIOVATTO_o_professor_mediador.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CIRINO, C.; PAULA, J. de. **Praça Brasil, obras e estátuas.** Volta Redonda: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Volta Redonda (IPPU-VR), 2019.

CORREA, M. E. de O; BECKER, R. **A Leitura de Imagens como Processo de Desenvolvimento da Criatividade.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 2, Vol. 13. pp 250-260, janeiro de 2017.

DEWEY, J. **Arte como experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010. Coleção Todas as Artes.

FABRIS, A. **Fragmentos urbanos:** representações culturais. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

FERNANDES, M. **Volta Redonda:** imaginários, memórias e identidades. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual:** proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE VOLTA REDONDA (IPPU-VR). Disponível em: <http://www2.voltaredonda.rj.gov.br/ippu/>. Acesso em: 28 nov. 2021.

_____. **Caderno do Patrimônio Histórico de Volta Redonda.** Disponível em: < http://www.ippuvr.com.br/nuvem/publicacoes/caderno_patrimonio.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MARCHETTE, T. D. **Educação patrimonial e políticas públicas de preservação no Brasil.** Curitiba: Intersaberes, 2016.

TIBURI, M. Aprender a pensar é descobrir o olhar. **Disponível em: <https://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69332>. Acesso em: 20 ago. 2021.**

ZAGONEL, B. (Org.). **Metodologia do ensino de arte.** Curitiba: Intersaberes, 2013.

As origens de Resende e de seu fundador Simão da Cunha Gago

Julio Cesar Fidelis Soares[36]

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo esclarecer de forma preliminar um pouco da história do fundador da Cidade de Resende, antigo arraial e curato de N. S. do Campo Alegre da Paraíba Nova, Simão da Cunha Gago, homem de linhagem dos desbravadores dos sertões, os Cunha Gago se colocam no processo de povoamento do Brasil já a partir do século XIV mais precisamente no ano 1531 quando ao primeiro Cunha Gago vem junto do Martim Affonso de Souza fundar o povoamento de São Vicente no litoral Paulista. Assim reforço que o presente estudo é introdutório e há de se fazer mais pesquisa sobretudo em fontes primárias, sobretudo em acervos como do Arquivo Histórico de Taubaté que guarda um conjunto de documentos que pode nos esclarecer mais pontos dessa nossa história do Brasil Colonial.

Ascendência de Simão da Cunha Gago

Segundo estudos genealógicos a família Cunha Gago tem ascendência em Henrique da Cunha, amigo do almirante português Martim Affonso de Sousa, que com ele passou a
S. Vicente em 1531 com sua mulher Filippa Gago. Ele pertencia à ilustre casa dos Cunhas, os quais procedem pela linha reta masculina de el-rei Dom Fruella II, rei de Leão - Astúrias e Galiza no ano de 923. Sua mulher Fillippa Gago era parenta próxima do 1.º capitão-mor governador-loco tenente do donatário da capitania de S. Vicente - Antonio de Oliveira, cavalheiro fidalgo da casa de el-rei Dom João III.

Nesta linhagem temos Antônio da Cunha Gago, tronco de importante família onde abundam bandeirantes e exploradores dos sertões de Minas Gerais e da descoberta do ouro.

Antonio da Cunha Gago, *o Gambeta*, era paulista, casou em São Paulo de Piratininga em 1630 com Marta de Miranda, filha de Miguel de Almeida e Miranda, de Cascais, e Maria

[36] Mestre em História Social, Economista, Professor de História Econômica, Formação Econômica do Brasil de Desenvolvimento Econômico e Social – Faculdades Dom Bosco – AEDB Resende/RJ. Autor correspondente

do Prado. Segundo descritos por Silva Leme tiveram 11 filhos, no volume V de sua «*Genealogia Paulistana*», entre os quais destacamos ***Simão da Cunha Gago***, casado com Catarina Portes del Rei (?-1687 morta em Taubaté, testada), irmã de Ana Portes, sua cunhada. Tiveram quatro filhos, entre eles eles João Portes del Rei, o qual casou em 1687 com Isabel da Fonseca (?-1708, morta em Mogi das Cruzes, já então casada por segunda vez com Antonio de Pontes Sutil, da família dos Godois). Tiveram cinco filhos. Em outro registro temos o seguinte : Sargento-mor Simão da Cunha Gago casado em Mogi das Cruzes em 1713 com Anna Pimenta de Abreu, irmã de Julianna Pimenta filha de Antonio Pimenta de Abreu e de Angela Paes , casada com Manoel da Cunha Gago, que faleceu em 1752 em Mogi das Cruzes era tio de Simão da Cunha Gago em razão do primeiro casamento de seu avô Henrique da Cunha Gago (o velho) nascido perto de Santos em 1560, foi morador em S. Paulo de Piratininga onde faleceu em 1624, tendo sido casado 3 vezes: a primeira com Izabel Fernandes falecida em 1599, filha do capitão Salvador Pires e de sua segunda mulher Mecia Fernandes (Mecia-ussú)[37]; pela segunda vez foi casado com Catharina de Unhatte, f.ª de Luiz de Unhatte e de Maria Antunes, parente de Diogo de Unhatte, escrivão da ouvidoria e fazenda da capitania de S. Vicente e fundador de Paranaguá; casou-se pela terceira vez com Maria de Piña, viúva de João de Almeida, f.ª de Braz de Piña. Sem geração desta terceira mulher.

Assim a saga dos desbravadores inicia-se segundo Paranhos a tradição de que na região da Mantiqueira teria passado, em 1596, o bandeirante João Pereira de Souza Botafogo, sem, no entanto, ficar bem estabelecida a sua rota. Outros que se aventuraram, ainda no século XVII, foram Jerônimo da Veiga, em 1643; Sebastião Machado Fernandes Camacho, entre 1645 e 1648, em busca das minas de prata e o próprio Fernão Dias Paes, em 1674. Todos seguiram o Rio Paraíba, atravessaram a Mantiqueira pela garganta do Embaú e se internaram no chamado "caminho geral do sertão"[38].

Ainda segundo Paranhos é a partir da Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, que partiram as primeiras bandeiras em direção às chamadas "minas de cataguás". Passando pela região de Guaipacaré (atual Lorena), transpunham a Mantiqueira e alcançavam o atual território mineiro. Desta forma, exatamente 36 das mais antigas cidades de Minas Gerais foram fundadas por paulistas, entre elas, Baependi, Aiuruoca e Campanha.

Com referência a Aiuruoca temos que em 1694, por carta de Bento Pereira de Sousa Coutinho a D. João de Lencastre, então governador-geral do Brasil, está referenciada uma passagem de paulistas pelo Rio Grande, que tem suas cabeceiras próximas à Serra de Aiuruoca. No Códice Costa Matoso está anotado que Aiuruoca quer dizer "casa de papagaios, aludindo a um penhasco redondo e elevado aos ares sobre um dos mais altos

[37] LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana V. 2.º pág 123

[38] Paranhos,Paulo. Prineiros Núcleos Populacionais no Sul de Minas Gerais www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao07/materia03/texto03.pdf -2/7/2007 10:14

montes daquele lugar, em que os papagaios faziam morada naquele tempo em que os gentios habitavam aqueles lugares"[39].

O local foi descoberto entre 1705 e 1706, por João de Siqueira Afonso, bandeirante de Taubaté que, segundo informações constantes do mesmo Códice, teria se internado pelo "sertão que então era a parte do sul da estrada que vai para São Paulo, três dias de jornada afastado para aquela parte de São João del-Rei, nas cabeceiras do rio Grande".[40] Este bandeirante teria achado ouro, anteriormente, em 1704, na região de Guarapiranga (atual Piranga).

De acordo com o que consta da Instituição de Igrejas no Bispado de Mariana, do Cônego Trindade, a freguesia de Aiuruoca foi criada por ato episcopal de 1718, o que, em cotejo com outras informações constantes da Diocese de Campanha, afastam a possibilidade de a freguesia ter sido fundada somente em 1744 por Simão da Cunha Gago, também descobridor de ouro na região.

Aiuruoca era, segundo apontado no Códice, uma famosa freguesia, "com duas capelas suas filiais, assistidas de grande concurso de moradores e assistentes mineiros, com disposições de duráveis minas, por assim o prometerem as constituições de suas continuadas serras e ribeirões com faisqueiras de ouro".[41]

Simão da Cunha Gago, sargento-mor, nascido em São Paulo de Piratininga[42], casou- se em Mogi das Cruzes com Anna Pimenta de Abreu e foi responsável pela primeira e mais antiga passagem da Mantiqueira para alcançar o Rio Paraíba do Sul, saindo de Aiuruoca e atravessando a atual garganta do Registro, nas Agulhas Negras, passando por terras de Itamonte.

Do Desbravamento e ocupação da região do Campo Alegre da Paraíba Nova por Simão da Cunha Gago

Nos princípios do século XVII, João Siqueira Afonso, bandeirante de Taubaté transpôs a Serra da Mantiqueira e ganhou as terras mineiras em busca de ouro. Em 1702 descobre as Minas do Sumidouro, e continuando sua caminhada descobre as Minas de Guarapiranga em 1704 (cidade de Piranga). Seguindo o Rio Grande vai dar na Serra dos Papagaios (1706) fundando o arraial de Aiuruoca[43]. Aiuruoca é uma alusão a um penhasco redondo e elevado aos ares, sobre um dos altos montes daquele lugar, em que

[39] Códice Costa Matoso. Coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas da América que fez o Doutor Caetano da Costa Matoso sendo Ouvidor –Geral das de Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749& vários papéis.Belo Horizonte : Fundação João Pinheiro.1999,p.183.

[40] Id.,p.183.

[41] Ibid, p.184

[42] É importante saber que estudos da genealogia Paulista nos mostra que Simão da Cunha Gago nasceu em Mogi das Cruzes, antiga Vila de Sant'Anna de Mogy Mirim, importante ponto de parada para os exploradores dos Sertões em ir e vir a São Paulo de Piratininga.

[43] Etimologia: casa de papagaio

os papagaios faziam moradas. Em 1717 a coroa concede a Dom Brás Baltazar da Silveira uma sesmaria, e nela iniciou-se as atividades agropecuárias.

Em 1726, a boa qualidade das terras e a previsível exaustão das catas e garimpos, levaram Manoel de Sá, também, a obter da Coroa Portuguesa uma sesmaria de meia-légua.

A região do Vale do Médio Paraíba é notada a partir da presença Garcia Rodrigues Paes Leme, um dos primeiros bandeirantes a se fixar aqui região, por volta de 1715, quando obteve de D. João V a doação da terra. Terras essas habitadas pelos índios Puris.

Em 1744 Simão da Cunha Gago, bandeirante paulista, conseguiu do Governador Luís de Mascarenhas, licença para formar uma expedição que abriu caminhos pela mata virgem, chegando numa planície rodeada de montes, local que batizou de Campo Alegre da Paraíba Nova. A escolha do local deveu-se a fortes motivos de ordem econômica e geográfica, que influenciariam o desenvolvimento da região. Zona de amplo horizonte, num local bem servido de água pelos afluentes do Paraíba, colocada estrategicamente a meio caminho das rotas que se cruzavam em demanda do Rio, São Paulo e Minas Gerais, no período de extração aurífera.

O povoado que aos poucos se formou ficou conhecido como Campo Alegre da Paraíba Nova, transformando-se três anos depois em Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova. Em 29 de setembro de 1801 passou a ser município alterando, inclusive seu nome para Resende em homenagem ao Conde de Resende. Sua titulação para cidade ocorreu em 1848 já devido a sua grande importância econômica dentro do Vale do Médio Paraíba equidistante dos principais centros econômicos do país Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Nestes campos encontramos o velho caminho dos Bandeirantes, que deu origem a cidades e vilas como Baependi, Bocaina de Minas e Aiuruoca. É de Aiuruoca que segundo narra Monsenhor Pizzaro de Araújo[44] que, o Coronel Simão da Cunha Gago mudou sua residência de São Paulo de Piratininga para o sítio da Lagoa de Ayruoca, na província de Minas Gerais. Aí se ajustou com outros povoadores do sertão de sua vizinhança, para pesquisar ouro e diamantes, descendo em 1744 a Mantiqueira, logo avistando uma campina extensa e aprazível ali estabeleceram seus domicílios, tendo em sua companhia o Padre Filipe Teixeira Pinto. Em 12 de maio de 1747 obtiveram provisão para o uso de altar portátil, sob o amparo de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre. E por Alvará Régio de 2 de janeiro de 1757 a Capela curada foi elevada a Matriz, com párocos próprios, tendo assim predicado de freguesia. O Vice-rei de então, Conde de Resende Dom José Luiz de Castro, expediu uma provisão ao Ouvidor José Albano Fragoso, para que lhe desse imediata execução, indo ao distrito de Campo Alegre em companhia do guarda-mor Geral Fernando Dias Paes Leme da Câmara, e ali fundasse uma vila. E assim o Ouvidor fez

[44] Pizarro, José de Sousa Azevedo. Memórias Históricas da Província do Rio de Janeiro , 1820.Taunay dá a chegada de Cunha Gago e expedição ao Campo Alegre por volta de 1740 oriundo de Aiuruoca – Hist.do café no Brasil,vol.II,p.141.

cumprir a ordem do Vice-rei, no dia 29 de setembro de 1801, fazendo eleger vereadores, juízes e tabeliães, almotacés e escrivães, estabeleceu os limites do território da Vila, e estando presente a nobreza e o povo deu-se por criada e instalada a Vila de Resende.[45]

Simão Cunha Gago é o primeiro a ver a bacia terciária de Resende, encaixada no vale arqueano do rio, a qual, por seus peculiares fatores geológicos apresenta um solo menos fértil para o adensamento florestal, desdobrando cerrados ou longos campos descobertos; origem do nome do arraial edificado pelo coronel Cunha Gago. Arraial este que é responsável pela abertura de um novo caminho das Minas Gerais para o Rio de Janeiro, logo proibido por ordem régia.[46]

Vimos então que desde a sua fundação como Arraial de Nossa Senhora do Campo Alegre da Paraíba Nova nos idos de 1744, Resende teve e tem papel preponderante na história da região do Vale do Paraíba uma vez que sempre esteve a partir de sua fundação nas rotas de abastecimento e apoio das caravanas que se deslocavam no seu ir e vir da costa aos sertões fazendo-se de extrema importância estratégica dentro da logística não só do período bandeirista dos séculos XVII e XVIII quando das empreitadas sertão adentro em busca de índios e sobretudo na procura de mananciais auríferos da Minas Gerais. Por fim dizemos que tudo se encaixa na saga do desbravamento dos sertões na procura de uma passagem através dos contrafortes da Mantiqueira, onde nessa dinâmica vemos a importância dos desbravadores como Simão da Cunha Gago para sociedade que temos hoje.

Referências

Bopp, Itamar. Casamentos na Matriz de Resende. Instituto Genealógico Brasileiro, 1971.

_____. Notas Genealógicas. São Paulo, Gráfica Sangirardi [S. D.]1987.

Leme, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, C. Gagos (Volume V - Pág. 03 a 213) http://www.geocities.com/lscamargo/gp/genpaulistana.htm2/7/2007 11:28

Maia, João de Azevedo Carneiro. do Descobrimento do Campo Alegre À Criação da Vila de Resende. [S.Ed] , 1886.

_____. Notícias Históricas e Estatísticas do Município de Resende desde A sua fundação . Rio de Janeiro, 1891 [Monografia] .

[45] Pizzaro e Araújo, Jose de Sousa Azevedo: Memórias Históricas do Rio de Janeiro. Rio,1820.

[46] "A ordem de 9 de abril de 1745 proibiu de usar-se do caminho que , das minas se Aiuruoca abriram Antonio Gonçalves de Carvalho e outros sócios para o Rio de Janeiro e costas do mar." Pizzaro : Memórias Históricas do Rio de Janeiro. Rio,1820. Maneira encontrada pelo governo colonial para coibir o desvio e o contrabando do ouro das Minas Gerais.p.38

Pizarro, José de Sousa Azevedo. Memórias Históricas da Província do Rio de Janeiro , 1820.

Paranhos,Paulo. Prineiros Núcleos Populacionais no Sul de Minas Gerais www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao07/materia03/texto03.pdf -2/7/2007 10:14

Rosa, Claudionor; org., Dilma Ferreira Miranda, Eny Marinho Mattos, Lourdes Maria Almeida, Rosa Maria Rodrigues Muniz Costa – Paróquia de N. Senhora da Conceição: uma história de fé. RTN Editora Patronato. 2005 Resende-RJ

Saint- Hilaire, Auguste de. Viagem À Província de São Paulo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.

_____ .Viagem Pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1978. (Início Do Século XIX).

_____ 1822. Segunda Viagem do Rio de Janeiro A Minas Gerais e a São Paulo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp

Sodré, Alfredo. Resende, Os Cem Anos da Cidade. [S.Ed]

Whately,Maria Celina, O Café em Resende no Século XIX, Ed.José Olympio, Rj, 1987.

_____, Resende, A Cultura Pioneira do Café no Vale do Paraíba, Niterói-RJ :Ed Gráfica La Salle , 2003.

_____, & Maria Cristina F.M. Godoy –ARDHIS –Academia Resendense de História.Resende, Crônicas dos Duzentos Anos, Resende-RJ :Ed Gráfica La Salle 2001.

Arquitetura da libido: a fragilidade feminina nas senzalas Cafeeiras.

Adelci Silva dos Santo[47]

A atividade açucareira estabelecida no continente americano moveu, via Atlântico, um intenso contingente de africanos escravizados para o novo mundo, sobretudo para o Caribe e para o Brasil, e que, nestes dois expoentes econômicos, tivemos modelos diferentes de acomodações para os trabalhadores cativos. Segundo as observações de Marquese (2005), nas lavouras do Caribe, sobretudo no Haiti, por exemplo, as habitações dos negros eram formadas por conjuntos de barracões de madeira geometricamente dispostos e ligeiramente elevados do chão, concentrados todos em um espaço bem delimitado, demostrando claramente a interferência, ou mais precisamente, a determinação senhorial em especificar onde e como queria concentrados os seus trabalhadores. O modelo caribenho não cogitava qualquer ideia de autonomia escrava, enquanto o do Brasil açucareiro colonial, e da virada do século XVIII para o século XIX, preferiu deixar germinar no imaginário dos negros cativos a ilusão de que geriam alguma coisa.

Ainda utilizando os estudos de MARQUESE (2005), percebe-se que no Brasil colonial, estabeleceu-se certo caos no que se refere à disposição das senzalas, demonstrando claramente a opção dos donos de engenho em não interferir na autonomia escrava de escolher o local para a construção de suas habitações, muitas delas seguindo os antigos modelos africanos, a máxima intervenção senhorial baseava-se apenas em determinar, aleatoriamente, um espaço próximo ao engenho e deixar o resto por conta de seus escravos. Dessa forma, podemos imaginar que existisse a possibilidade de que, espontânea e naturalmente, se estabelecesse uma divisão entre africanos e crioulos, exceto talvez naqueles casos em que as famílias nucleares estivem já estabelecidas.

Este último modelo de moradia escrava, por seu turno, parece permitir uma maior autonomia dos cativos, seja em sua mobilidade, seja, inclusive em suas relações afetivas; uma vez que, relativamente livres do controle senhorial, teoricamente poderiam escolher seus parceiros e consumar suas uniões afetivas. Essa possibilidade nos faz imaginar que, ao contrário do que Freire afirma, as incursões libidinosas dos senhores sobre suas escravas não deveriam ocorrer com tanta intensidade e frequência. Na verdade, se percebermos assim a construção das senzalas, começamos a imaginar que talvez seja difícil estabelecer, como regra, essa civilização da qual Gilberto Freyre fala, na qual a libido parecia transpirar natural

47 Doutor em História, Nucleas – UERJ, Universidade Ibirapuera. Autor correspondente:

e abundantemente do povo brasileiro. Nos parece, então, que os engenhos não são um reino de Príapo.

O advento do café, sobretudo a partir da segunda década de século XIX, e a migração do eixo econômico das montanhas mineiras para a calha do Rio Paraíba do Sul à partir da província do Rio de Janeiro, e do sul de Minas Gerais, inaugurou uma nova forma de se organizar a escravaria, criando uma estrutura de senzalas que ainda não havia sido vista nas regiões produtoras agrícolas ou auríferas e que não se assemelha nem aos barracões do Caribe e muito menos à dispersão de mocambos do Nordeste açucareiro. As senzalas em quadra.

Essa nova modalidade de construção, tipicamente do Sudeste cafeeiro, possibilita um maior contato e um quase soberano controle sobre os trabalhadores cativos das fazendas. Não eram poucas as senzalas que, além de trancadas por fora, porta a porta, possuíam ainda um portão que fechava todo o quadro arquitetônico, no qual estava contida a senzala, geralmente com o terreiro de café ao centro e, fechando um dos lados, contínuo às acomodações dos pretos, as oficinas e paióis, enquanto a Casa de Vivenda senhorial pairava soberana em um plano mais elevado, colocando, no campo ideal, os escravos aos pés da família que era senhora de suas vidas e destinos.

Em Vassouras, o proeminente fazendeiro, militar e político Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, Barão de Paty do Alferes, em um manual de sua autoria "Memórias sobra a fundação de uma fazenda na Província do Rio de Janeiro", de meados do século XIX, traz instruções bastante precisas sobre a construção das senzalas bem como suas dimensões e o número aconselhável de negros por cubículo, tanto no caso de casados como de solteiros. Dessa maneira, estendendo-se diretamente à frente da casa grande, que via de regra ficava situada num nível mais elevado, a senzala estava panopticamente sob o olhar e controle do proprietário. De seu alpendre ou varanda, observava a chamada matinal, a formação para o café, a distribuição das tarefas e a partida para o trabalho; da mesma forma que ao cair da noite, novamente poderia observar a mesma rotina de recolhimento, bem como poderia avaliar o desempenho de seus feitores e capatazes no trato com os escravos da fazenda, ou qualquer outro detalhe que lhe parecesse digno de intervenção ou de alguma providência em particular que se fizesse necessária.

Ficaria, teoricamente, muito mais fácil para os senhores repararem neste ou naquele escravo em particular, fracos, desatentos, adoentados, feridos, maltrapilhos; mas também às mulheres cujas formas mais agradassem a seu olhar ou cujo corpo mais despertasse sua libido. Se na obra de Freire a atmosfera do engenho aflora sexualidade qual manancial, mesmo estando tão dispersas as acomodações dos escravos pela propriedade, somos levados a imaginar que no modelo cafeeiro do Sudeste, onde o controle senhorial seria potencialmente maior, esta invasão da sexualidade por parte dos senhores seria também consideravelmente maior.

Exageros freirianos à parte, obviamente é impossível descartar o assédio impositivo dos senhores sobre suas escravas, e isso independe do período histórico ou da região brasileira onde as relações escravistas tenham se estabelecido. Imaginar a libertinagem descontrolada dos engenhos é exercício tão ingênuo quanto acreditar que os escravos conseguiriam manter longe do controle senhorial suas próprias escolhas afetivas, e mesmo a construção de suas relações familiares, a despeito de todas as dificuldades que o desequilíbrio de gênero já impunha a esta faceta da vivência cativa. Nem mesmo o fato de o matrimônio constituir-se um dos mais valiosos sacramentos da Igreja, os casamentos escravos eram, com certe frequência violados por senhores, caso a esposa deste ou daquele cativo despertasse seu desejo.

Em Jacareí, no Vale do Paraíba Paulista, por exemplo, em 1872, um caso nos chama atenção pela coragem e determinação de um escravo. Serafim, para defender sua esposa Romana, dos ataques libidinosos de seu próprio senhor, interpõe-se resignadamente contra mais um dos avanços de seu proprietário contra a sua mulher e mãe de seus filhos. Ora, o costume e a legislação brasileira sempre favoreceram a prática do abuso sexual sobre as escravas, e por vezes, até mesmo o adultério, considerando-os como um direito congênito dos homens livres, assim sendo, se os fazendeiros pouco se importavam em manter a santidade de seu próprio sacramento, por que haveriam de respeitar a de seus escravos?

O senhor de Serafim e Romana, mesmo casado e chefe de família, nenhuma consideração ou respeito tinha pela família constituída deste seu escravo, casado, pai de dois filhos e, portanto, exemplo de família nuclear que toda a sociedade branca tinha como modelo e que a sagrada Igreja recomendava e esperava. Sempre ardente de desejos por Romana, este senhor promete buscar e matar Serafim após ter fugido da casa deste seu proprietário. Quer matá-lo, não por se tratar de um escravo fujão, até porque, nunca havia se evadido antes, mas sim porque, ao fugir, levou consigo aquela que o fazendeiro desejava mais do que a sua própria esposa; aliás é ela que, sem poder controlar os instintos de seu marido, aconselha a fuga ao escravo, juntamente com sua mulher e filhos. Amancebar-se com Romana, mesmo contra a vontade desta escrava, tornou-se o objetivo de vida deste fazendeiro. A fuga, no entanto, não traz segurança a essa família de escravos, pois seu proprietário já havia prometido que, quanto a Serafim, "haveria de matar, porque precisa da crioula Romana para sua manceba".

Duplamente ameaçado, por estar fugido e marcado para morrer, Serafim busca o amparo da justiça. Em defesa de seu caso, ninguém menos que o negro e proeminente advogado Luiz da Gama, que leva o caso da família cativa diretamente ao Presidente da Província de São Paulo. A força deste caso reside no fato de que, contrariando uma crença corrente de que os escravos não tinham por hábito organizarem-se em família estáveis, devido à sua natural libertinagem, prova justamente o contrário, a luta de um escravo para manter a integridade da família construída na vivência cativa. Serafim arrasta aos tribunais o

fazendeiro sequioso de prazeres adúlteros, já que este quer abusar de sua esposa, na esperança de que a lei dos homens livres possa salvaguardar a santidade de seu matrimônio.

Se sabemos que as relações senhoriais da sociedade extrapolavam os projetos políticos e se espraiavam por todas as esferas e vivências escravocratas do Brasil imperial, as relações sociais que se estabeleceram nas senzalas vale-paraibanas não foram diferentes; também se capilarizaram por todos os meandros possíveis, desde a resistência velada ou violenta, ao abuso senhorial legitimado, passando por tantas variantes que, por fim, formam um cenário tão rico quanto surpreendente. Em 1862, é um crime passional que nos revela uma das facetas destas variadas relações. Vicente, escravo de quarenta e poucos anos, africano de nação, é o réu de um crime de homicídio. Com um machado, desfere um golpe fatal contra Carolina ao flagrá-la, no galinheiro, nos braços de um dos companheiros de senzala, também africano, escravo na mesma fazenda do senhor Manoel Ferreira Goulart. Carolina tinha apenas dezessete anos, mas seu futuro, ao menos nos planos de Vicente, seu tio, já estava traçado, seria ele mesmo o futuro esposo; faltou, no entanto, combinar com a jovem. Parece que este horizonte não passava pelos olhos da menina que, sem que seu tio soubesse, já havia virado mulher.

Ao rejeitar as propostas e planos de Vicente, a jovem afirmava para si, para ele, e para todos os demais a sua autonomia em escolher seu futuro consorte; mesmo que ainda não fosse definitivo, ela preferiu outro negro da senzala em detrimento de seu parente africano. Era uma afirmação de que seu corpo e seu desejo pertenciam a si mesma, embora sob o manto da escravidão. Ser cativo é não pertencer nem mesmo a si próprio, oferecer-se a alguém de sua própria escolha não deixa de ser, no plano ideológico, uma negativa a este estatuto da escravidão. E, para Vicente, era muito mais grave, porquanto, em suas próprias palavras, ele afirmara que sempre tivera pela jovem "muita amizade" e que a criara com todo esmero após a morte da mãe da menina porque "pretendia casar-se com ela". Rejeitar esta proposta foi, para ele, uma grande demonstração de traição. Traição vingada, traição punida ao fio do machado que, da clavícula ao externo, em único golpe põe fim à decepção sofrida por Vicente, mas também rouba do amante de Carolina o objeto de sua libido.

Vicente matara a mulher com quem sonhara se casar, sua própria sobrinha. Talvez esta reação do africano traído se justificasse justamente pela tradição do matrimônio africano, embora aqui, o peso do cativeiro possa ter emprestado cores muito mais fortes a este quadro.

Carolina havia traído Vicente. E o traíra não apenas no aspecto passional, mas o traíra em seus sonhos e planos de constituir uma família de raiz africana. Dentro de um cenário onde a disponibilidade de mulheres solteiras era rara, Vicente talvez já estivesse contente por ter na jovem a certeza de seu casamento, afinal, o que seria melhor do que ter na própria parentela a possibilidade de escolher uma parceira? Parece, no entanto, que no seio da senzala a fama da menina não era condizente com a imagem que seu tio nutria dela, muitos dos depoentes são unânimes em afirmar que ela não era a flor de castidade que Vicente venerava, e isso ficou patente no dia do crime.

O documento incompleto não nos permite conhecer a punição à qual Vicente fora condenado, embora tenhamos a certeza de sua condenação, se não pelo homicídio de uma mulher, posto que outros o fizeram e não foram punidos, mas, certa e principalmente, por ter causado a seu senhor um dano material bastante significativo ao riscar de seu patrimônio uma peça tão valiosa. Carolina morrera não por desobediência ou fuga, não por se deitar com um qualquer da senzala. Isso parece que pouco interessava a seu senhor. A menina morrera por ter exercido um poder arbitrário dentro do contexto escravista, e a escolha feita por esta jovem negra tivera tempo breve, mas uma grande carga simbólica. Escolher a quem se entregar; escolher a quem rejeitar; escolher, enfim.

Este poder arbitrário que algumas mulheres, como Carolina, insistiram em exercer, nunca foi, como vimos no caso anterior, uma garantia de êxito. Raramente eram. Em 1848, nas ruas de Vassouras, outro caso violento é a prova de que as mulheres escravas pouco podiam gerir sobre seus destinos, e que as escolhas erradas poderiam ser ainda mais cruentas que a vida sob o teto da senzala. João Corrêa de Figueiredo possuía entre seus escravos uma negra de Nação, a qual empregava pelas ruas da Vila de Vassouras como escrava de ganho, vendendo seus queijos de porta a porta, portanto, João não era homem de patrimônio abastado, e aquela escrava, sem dúvida, era um de seus bens mais valiosos. Ora, é sabido da relativa autonomia que as negras de ganho possuíam se comparadas aos escravos de eito ou domésticas. Livre trânsito pelas ruas da cidade no exercício de seu trabalho, poder conversar com este ou aquele era certamente um privilégio longe do alcance da maioria da massa cativa.

A africana Joanna era uma dessas mulheres, e, assim como Carolina, escolheu para si a proximidade de um homem, desta vez, livre e branco, talvez na esperança de que ele viesse a contribuir com ela para facilitar-lhe a alforria. Sendo português, branco, solteiro e com renda própria, Manoel Moreira, poderia, quem sabe, trazer Joanna para viver com ele, comprar-lhe a alforria e torná-la sua esposa. Não que ela tivesse assistido isso na vida de outras escravas de forma recorrente e cotidiana, mas, também, nada impossível de acontecer, e é nessa crença que Joanna se agarra. Esperanças vãs. A negra fizera uma péssima escolha. Manoel não era o exemplo de homem bem-sucedido, e muito menos o tipo de homem que passa ao largo das explosões irracionais. Ao contrário, beberrão e agressivo, Manoel Moreira era do tipo possessivo e passional. Cismado com a possibilidade de que sua consorte pudesse estar doando seus dotes a mais alguém além dele, decide ajustar as contas e mostrar a Joanna que, se na fazenda ela tinha um dono, nas ruas de Vassouras ela tinha um senhor.

Movido a cachaça e munido de um canivete de picar fumo, Manoel discute com a escrava Joanna, agride-a até a quase inconsciência, arranca-lhe as roupas e por fim com seu canivete, rasga a indefesa mulher, do ânus até a vagina e, ainda não satisfeito, enterra fundo no ferimento, várias pedras-lipe causando na pobre vítima dano maior que o próprio corte. É clara a motivação sexual do crime, o alvo do ébrio português não é outro senão a sexualidade da africana. É isso que a prende a ele, é isso que, dela, pertence a ele, e, como sua propriedade, deve servir apenas para seu deleite, ou então não deve servir para nada mais

e nem a mais ninguém. É esse símbolo da sexualidade que Manoel tenta arrancar ou calcinar. Levado a julgamento, o português confessa o crime praticado com ajuda de dois poderosos cúmplices, o álcool e o ciúme.

Sobrevivendo ao ataque, a escrava passa por um exame de corpo de delito a fim de aferir a gravidade dos ferimentos e, mais que isso, avaliar os prejuízos causados pelos atos passionais de Manoel. Os médicos foram enfáticos em afirmar que, apesar da severidade dos ferimentos, não haveria incapacidade para o trabalho desde que esta repousasse por alguns dias, parecer um tanto contraditório, diante de outras consequências apontadas neste mesmo exame médico. As pedras-lipe e o canivete sujo do parceiro ciumento causaram dano maior do que queimaduras na mucosa da genitália da negra. Uma infecção lhe atingira o útero e os ovários tornando-os imprestáveis. O sonhado caminho para a alforria, que talvez tenha sido buscado ao aproximar-se de um homem branco, lhe fora destruído, assim como lhe fora destruída as esperanças de ser mãe. O canivete de Manoel cortara mais do que a vagina de Joanna, decepando-lhe mesmo a maternidade. Sua essência enquanto mulher. Apesar da bestialidade do crime, e dos requintes de crueldade presentes na cena, parece, enfim, que a justiça foi feita dentro do que se poderia esperar para a sociedade escravista do século XIX. O ébrio português fora condenado a seis meses e meio de prisão. Fosse a vítima uma "moça família" e a história teria sido diferente, mas Joanna era apenas mais uma africana, escrava de rua. O que esperar?

São casos como que ressaltam a necessidade de se estudar a questão feminina na vigência do escravismo, pois é notório que o que ocorreu com estas mulheres era a regra, não apenas pelo desfecho que acompanhamos aqui, mas principalmente pelo que se pode notar do ideário coletivo, refletido tanto nas ações cotidianas como nas artimanhas jurídicas; pelas redes de sociabilidade que os algozes possuíam e que lhes permitiam zombar de seus próprios atos, certos que estavam de sua impunidade. A sociedade oitocentista era ideologicamente branca, tradicionalmente machista, juridicamente elitista e, portanto, subir alguns degraus era tarefa árdua para quem vivia nas senzalas, e que somente podia ser realizada na combinação de alguns elementos, como a visão de possibilidades e ações no sentido de aproveitá-las, e a necessidade senhorial de, por fortalecimento de domínio ou alívio da alma e consciência, conceder benefícios. Benefícios que maiores serão quanto maior for o seu sentimento de culpa e a necessidade de projetar seu domínio

Mas isso, é assunto pra outro texto.

REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINE, Camilla. Africanos no Cativeiro e a Construção de Identidades no Além-Mar: Vale do Paraíba, século XIX. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas, 2002. P8.

CASTRO, Flavia Lages de. História do Direito: geral e do Brasil. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris. 2009.

GRAHAN, Sandra Lauderdale: Ser Mina no Rio de Janeiro do Século XIX. Revista Afro-Ásia, n. 45. Salvador: 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912012000100002

SALLES, Ricardo. O Vale Era o Escravo: Vassouras, Século XIX – Senhores e escravos. p275. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008.

MARQUESE, Rafael Bivar. Moradia escrava na era do tráfico ilegal de escravos: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c.1830 – 1860. São Paulo: USP. 2005.

SLENES Robert. Senhores e Subalternos no Oeste Paulista in NOVAES, Fernando. ALENCASTRO, Luiz Felipe de. História da Vida Privada: império, a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Cia das Letras. 1997. P 261.

SLENES, Robert W. Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Brasil, sudeste, século XIX. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

WERNECK. Francisco Peixoto de Lacerda. Memória sobre a fundação de uma fazenda na Província do Rio de Janeiro. Sua administração e época em que se devem fazer as plantações, suas colheitas, etc, etc. Rio de Janeiro: Tipografia universal de Laemmert. 1847.

FONTES PRIMÁRIAS

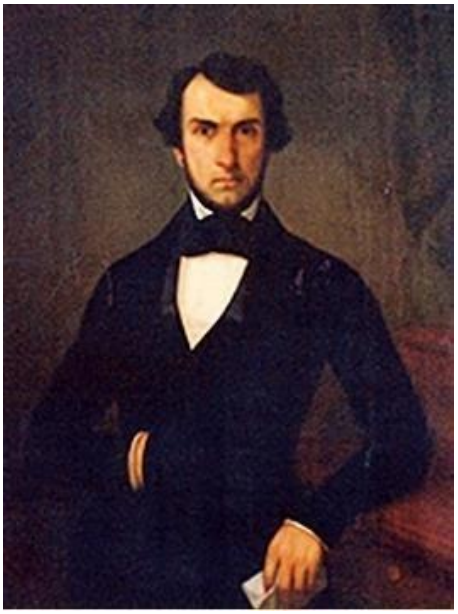
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DE VASSOURAS. Homicídio. 1862. Vicente Escravo - réu. Carolina, escrava, vítima. Grupo Criminal. Documento n. 23

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DE VASSOURAS. Ofensas Físicas. 1848. Manoel Moreira, réu. Joanna, de Nação, escrava, vítima.

O rapto da condessinha: um drama familiar e diplomático no Império

Aloysio Clemente Breves [48]

Em 18 de julho de 1857 casava-se em São Cristóvão, Rio de Janeiro, Rita Maria de Souza Breves com o Conde Alessandro Fé d'Ostiani, encarregado de negócios do reino da Sardenha na Corte do Rio de Janeiro. Ela, filha do "rei do café", o poderoso comendador Joaquim José de Souza Breves e Dona Maria Isabel de Moraes Breves. Rita era sobrinha e neta dos barões do Piraí, porque a baronesa Cecília Breves era irmã de seu pai.



omendador Joaquim José de Souza Breves. Coleção IHGB-RJ.

Maria Isabel de Moraes Breves. Coleção IHGB-RJ.

O diplomata italiano a conheceu quando visitou a vila de São João do Príncipe na serra fluminense. Após o casamento foram residir na Corte e logo depois viajaram para Bréscia, Itália, onde permaneceram durante algum tempo no palácio dos Fé d'Ostiani.

[48] Autor Correspondente: soubreves@yahoo.com.br

Seu estado de saúde se agravou, passando a ter perturbações mentais, logo após o nascimento de sua única filha.

Em 1862 o casal chega ao Rio de Janeiro e na viagem, Rita teve um acesso de loucura, quebrando louças e cristais no vapor. Nunca mais recuperou a razão. Viveu seus derradeiros dias enclausurada num quarto com grades na fazenda de São Joaquim da Grama, falecendo em 9 de março de 1866 aos 30 anos.

As relações da Ordem de Malta com o Império do Brasil se iniciaram com a nomeação do Conde Alessandro Fé d'Ostiani para representar o reino da Sardenha no Rio de Janeiro. Nascido em Bréscia, em 1825, era filho do Conde Giulio (1794-1871) e da condessa Paola Fenaroli (1800-1867).

Desempenhou com brilho a missão de secretário da legação até 1853 e soube granjear a simpatia da sociedade brasileira. Promoveu a admissão de grande número de brasileiros para a Ordem de Malta, titulando-os como Cavaleiros. Sua mulher Rita Maria foi a primeira brasileira a ingressar na soberana milícia da Ordem de Malta.

Condessinha Paulina Maria de Souza Breves, de Fè d'Ostiani e Montholon Semonville

Promovido a Primeiro Secretário em 3 de agosto de 1854, retornou ao Brasil permanecendo até 1857.

Em dezembro de 1869 foi designado em missão especial para a China e Japão. No Japão o conde Alessandro mandou erigir uma capela católica próximo à embaixada. Como resultado desse esforço diplomático, houve uma maior aproximação dos governos italiano e japonês, em 1871, uma missão diplomática partiu do porto de Yokohama em um navio americano em 23 de dezembro de 1871, passando por diversos

países e quando finalmente chegou à Itália foi acompanhada por Fé d'Ostiani. O ministro japonês Iwakura Tomomi foi um dos representantes da Restauração Meiji, uma verdadeira revolução cultural em muitos aspectos, deflagrada em 1866 por um grupo de samurais de Satsuma e Choshu, que resultou na restauração do poder imperial e libertou o Japão de um longo período de isolamento. Muitos políticos e estudiosos japoneses foram enviados para estudar o sistema ocidental e as tecnologias na Europa e América do Norte, e em contrapartida, os ocidentais foram convidados ao Japão para ajudar a desenvolver novas indústrias, como por exemplo, a produção de cerveja, a fabricação de produtos lácteos e a primeira ferrovia do Japão.

O ministro Iwakura em visita a Itália afirmou:

> *"Até agora, visitando os museus de vários países, vimos somente cópias. Nos sentimos muito animados e estamos plenamente conscientes da importância de finalmente ver os originais aqui. A Itália é o lugar onde a arte nasceu e todos os tipos de pintura e escultura existentes [...] Quer se trate de um busto ou um fragmento de uma estátua feita há dois mil anos, tudo é considerado valioso."*

O conde de Fé d'Ostiani por sua integração e excelente relacionamento com o governo japonês, foi um dos principais responsáveis pelo intercâmbio de artistas italianos com a Academia de Belas Artes recém inaugurada no Japão. O escultor Vincenzo Ragusa, o pintor Antonio Fontanesi, e o arquiteto Giovanni Vincenzo Cappelletti, foram convidados pelo governo japonês como professores. Nas artes gráficas foi convidado o gravador Edward Genovese Chiossone, para executar trabalhos para o Tesouro na arte de poligrafia e impressão de notas de banco, selos e retratos da política imperial.

Conde Alessandro Fè dOstiani

Coleção do autor.

Condessa Rita Maria de Souza Breves

Coleção do autor.

Da missão ao Oriente, Fé d'Ostiani trouxe preciosa coleção de arte japonesa que se encontra na Pinacoteca Tosio Martinengo, Brescia, composta de desenhos e gravuras, e pinturas japonesas e chinesas em papel de seda.

Em 1878 condecorou com a grã-cruz da Ordem de Malta a imperatriz que passou a usar a insígnia nas grandes festas, produzindo um grande efeito na corte brasileira.

Quatro anos depois, o Conde de Fé d'Ostiani pretendeu levar a filha Maria Paulina para residir consigo na Itália. Houve forte oposição do Comendador Breves e de sua mulher Maria Isabel. Adoravam a neta e não iriam permitir que fosse para a Europa. Escravos da confiança dos Breves, raptaram a menina em São Cristóvão onde estava sob a guarda do Conde e a levaram para a fazenda da Grama.
Desolado, o Conde entrou com um pedido ao Governo Imperial que intimou os avós a devolver a menina. Diante de nova recusa diante da reclamação diplomática, o Governo Imperial mobilizou uma Companhia de soldados sob o comando do Chefe de Polícia Dr. Pindaíba de Mattos, apreender onde estivesse a condessa. Os jornais da época noticiavam o caso como "um drama familiar" e imbróglio diplomático.
Mas na serra fluminense, quem reinava absoluto era Joaquim Breves. Podia ir da serra ao mar passando somente por suas terras. Ele e seus parentes possuíam quase 10.000

escravos, verdadeiro exército. Somente na Grama, sua residência oficial, moravam mais de 2 mil pessoas.

Fazenda de São Joaquim da Grama. Rio Claro, RJ.

A Companhia bateu em retirada diante de considerável número de negros, que atenderam o chamado do "rei do café". Para não ser localizada, a menina era transferida de uma fazenda para outra, despistando a ação da Polícia. Sempre acompanhada da escrava Lisão, sua ama, a pequena Paulina mudava de uma fazenda para outra. Numa dessas escapadas a pequena condessa foi vestida com um manto de Nossa Senhora e colocada num altar de uma das fazendas. Os soldados que faziam a busca não desconfiaram do santo sorridente que estava no pedestal.

Baselisa era o nome de batismo da escrava Lisão. Fazia parte do grupo de mucamas de confiança dos senhores. Após a morte de seus patrões ficou na Grama até os cem anos.

O reconhecimento dos senhores à dedicação pessoal da babá-escrava foi colocado numa lápide do cemitério dos escravos da fazenda: "Serva fiel e dedicada."

Interpelado pelo Governo Imperial Joaquim Breves, justificou-se dizendo que não sabia o paradeiro da neta. Como Pedro II não tolerava as práticas escravagistas de Joaquim Breves, travou-se uma queda de braço envolvendo o governo imperial, um potentado do café e um representante do rei da Itália.

Após muitas tentativas de achar a pequena condessa, o conde italiano desiste do pedido e parte de volta para a Itália, deixando sua filha aos cuidados dos avós.

Aos dezoito anos, Paulina Breves de Fé d'Ostiani reencontra o pai. O diplomata veio ao Brasil como ministro residente do Reino da Itália, permanecendo dois anos.

Após a morte do "rei do café", avô materno de Paulina, a "condessinha" como era chamada, viaja com o pai para viver na Itália.

Casou-se com Charles Jean Tristan de Montholon-Sémonville, conde de Montholon, embaixador da França na Suíça, nascido em 1º. de abril de 1843 e falecido em Berna, Suíça em 1º. de setembro de 1899. Filho do general e Montholon, excecutor testamentário de Napoleão I.
Residindo nos palácios da França e Itália, a Condessa de Montholon-Semonville e de Fé d'Ostiani nunca perdeu o contato com o Brasil. Era visitada por primas e tias.

Palácio de Fè d'Ostiani. Brescia, Itália.

Maurice Ternaux-Compans, diplomata francês, quando visitou a fazenda da Grama em maio de 1876, refere-se à Senhorita Paulina: "...como essas senhoritas falavam o francês com bastante fluência, não tardamos a conversar como velhos conhecidos. Uma delas, a senhoria Paulina de Fé, é filha do Ministro da Itália no Japão, que se casara com a filha mais velha da Senhora Breves".

O projeto da casa-grande da fazenda de Santo Antônio da Olaria em São João Marcos, foi de Fé d'Ostiani. Talvez seja a explicação da recusa de Dona Maria Isabel Breves, mulher do Comendador Breves, em lá residir. Diziam que ela não iria morar numa casa feita pelo genro que pretendeu lhe tirar a neta.

O casarão magnífico era cópia do Pallazzo de Fé d'Ostiani em Brescia, Itália, com piso e arcos em mármore italiano e enorme quantidade de janelas. Ainda hoje, quando baixam as águas da represa da Light podemos ver no sítio histórico de São João Marcos, Rio Claro, RJ, o piso, a rosácea e um portal que teima em ficar de pé.

O palácio Simoni-Fé d'Ostiani em Brescia, Itália, que foi residência do Conde Alessandro, com sua morte passou para sua única filha a condessa Paulina Montholon Fé d'Ostiani que deixou por herança para a Congregação de Caridade de Bienno onde funciona a Escola Maternal Suore Sacramentine.

O Limbo Historiográfico Sul Fluminense: críticas e novas abordagens para uma história de sujeitos com raça, classe e etnia

(*The South Fluminense Historiographical Limbo: criticisms and new approaches to a history of subjects with race, class and ethnicity*)

Thompson Clímaco[49]

Resumo

O presente artigo tem como intuito discutir o limbo historiográfico no Sul Fluminense acerca da população não-branca nos mundos do trabalho, com ênfase para o processo pós-abolição da escravatura na região. São discutidas as ausências de não-brancos, principalmente da população negra, nas produções historiográficas já estabelecidas sobre na localidade. Ademais, são apresentadas novas abordagens inscritas na história social que desafiam o limbo no que tange a raça, classe e etnia no pós-abolição, mundos do trabalho rural e fabril, sem deixar de abordar a questão indígena na região.

Palavras chave: Sul Fluminense**;** limbo historiográfico; raça; classe; etnia.

Abstract

This article aims to discuss the historiographical limbo in Sul Fluminense about the non-white population in the worlds of work, with an emphasis on the post-abolition process of slavery in the region. It discusses the absence of non-whites, especially the black population, in the historiographical productions already established about the region. In addition, new approaches within social history are presented that challenge the limbo regarding race, class and ethnicity since post-abolition, the worlds of rural and factory work, without neglecting the indigenous question in the region.

Key words: South Fluminense; historiographical limbo; race; class; ethnicity.

Introdução

[49] Doutorando em História pelo Programa de Pós Graduação em História (PPHR) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES. Pesquisador do LEHMT-UFRJ. Autor correspondente: thompsonclimaco@gmail.com

A região Sul Fluminense, segundo a historiografia da escravidão, obteve grande destaque na produção cafeeira nacional no século XIX e um dos principais motivos desse sucesso foi a grande concentração de mão de obra escravizada negra[50]. A cidade de Barra Mansa está inserida nesta realidade como todas as outras cidades do Vale do Paraíba Fluminense[51]. Porém, boa parte das produções historiográficas sobre o município se concentram nas questões políticas, sociais e econômicas de dois processos históricos (i) o período escravista no século XIX e (ii) na consolidação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) nos anos 1940 em Volta Redonda (à época 8º distrito de Barra Mansa).

Assim, as experiências da população negra barramansense no pós-abolição acabaram concentradas nas análises que indicavam o declínio econômico e populacional do município na Primeira República[52]. Este foco não foi uma exclusividade de Barra Mansa. Há um limbo historiográfico nas produções acerca do pós-1888 no Sul Fluminense. O que é bastante curioso dado os grandes debates historiográficos acerca do Vale do Paraíba Fluminense no século XIX, focalizados nos fenômenos econômicos e sociais relacionados à produção de café, elite cafeeira e escravização. Existem algumas exceções como os trabalhos de Hebe Mattos e Ana Lugão Rios que buscam dar ênfase às trajetórias de famílias negras após o fim da escravidão na região, com destaque para a produção em conjunto das historiadoras Memórias do Cativeiro[53] .

Já as produções a respeito da década de 1930 em Barra Mansa, seguem tendências mais tradicionais relacionadas às questões políticas durante a *Era Vargas*, potentados locais e famílias tradicionais da região. A História Social do Trabalho, campo em que este trabalho se inscreve, concentrou suas discussões nos vários aspectos relacionados à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), construída em 1941, no distrito de Volta Redonda, que pertencia à Barra Mansa. Os historiadores do trabalho deram ênfase ao processo de

---

[50] SALLES, Ricardo. **E o Vale era o escravo**: vassouras, século XIX: senhores e escravos no coração do Império Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

[51] Cidades que compõem o Vale Fluminense: Volta Redonda; Barra Mansa; Barra do Piraí Resende; Engenheiro Paulo de Frontin; Itatiaia; Paraíba do Sul; Piraí; Quatis; Rio Claro; Valença.

[52] ALVES, Thompson Clímaco; BISPO NETO, Antonio Ramos. **Ferreiros, escravos operários e metalúrgicos**: trabalhadores negros e a metalurgia na cidade do Rio de Janeiro e na microrregião Sul Fluminense (Século XIX e XX). CANTAREIRA (UFF), v. 1, p. 12-33, 2021.

[53] RIOS, Ana Lugão; Mattos Hebe. **Memórias do Cativeiro**: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

industrialização e à formação da classe operária na cidade, com pouca ou nenhuma vinculação com a questão racial.

Posteriormente, passou-se a discutir mais detidamente os mundos do trabalho em Volta Redonda após a emancipação do município em 1954, acentuando debates em torno da classe operária local, mas com pouco ou nenhum destaque às questões raciais [54]. Somente nos trabalhos mais recentes que versam sobre a CSN há uma relação entre raça e classe, fora isso não possuem articulações entre raça e mundos do trabalho, muito menos com o pós-abolição nas produções historiográficas locais[55]. O mesmo vale para outras áreas de conhecimento como a sociologia e a antropologia. Boa parte dos estudos dessas áreas sobre o Vale Fluminense analisam a privatização da CSN e a desindustrialização da região, sem debates aprofundados sobre dinâmicas raciais ou étnicas.

Desta forma, este artigo tem como intuito analisar as perspectivas historiográficas sobre pós-abolição, raça e classe trabalhadora entre 1888 e 1940 de algumas obras de memorialistas e historiadores já consolidados no Vale do Paraíba, bem como realizar provocações e reflexões historiográficas ao apresentar prismas da história social nas análises dos processos históricos do Sul Fluminense.

Este esforço é de suma importância, pois as relações entre raça e classe de 1888 e por toda a Primeira República, no Vale do Paraíba, acabam sendo ofuscadas em diferentes campos historiográficos e outras áreas das ciências humanas. Nas produções sobre o Pós-abolição, aparecem nas conclusões dos trabalhos como um tema a ser mais estudado[56]. No campo historiográfico em que este trabalho se inscreve, (quando) aparecem, com muito pouco destaque somente a partir da década de 1940 em trabalhos que têm como objeto a CSN. Sendo assim, a primeira seção deste texto mobiliza algumas das principais produções sobre o Sul Fluminense, sua importância e suas lacunas no que tange a raça, classe e outros marcadores sociais, com ênfase para os trabalhos historiográficos. Já o segundo tópico do

[54] SILVA, Leonardo Ângelo. **Companhia Siderúrgica**: a construção do discurso de classe trabalhadora como máscara para o racismo estrutural? (1946-1987). *Revista Perspectiva Histórica*, Salvador, v.9, n.14, p.83-108, 2019.
[55] ALVES, Thompson Clímaco. **Entre lavouras e fábricas**: trabalhadores e industrialização no município de Barra Mansa (1920-1930). Rio de Janeiro, 2021. Monografia (Graduação em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. p.74
[56] VER NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. **Trajetória de duas famílias nos pós abolição** (Nova Iguaçu, século XX). In: Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 6., 2013, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. p. 1-18; MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. "**O que fará essa gente quando for decretada a completa emancipação dos escravos?"** — serviço doméstico e escravidão nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba. Almanack, Guarulhos, n. 12, p. 65-87, 2016.

artigo destaca novas abordagens e perspectivas inscritas na história social que desafiam o limbo historiográfico local.

O Vale dos ciclos econômicos e quase sem sujeitos

Como mencionado, nas produções historiográficas do Sul Fluminense do Pós-abolição e História Social do Trabalho há pouco destaque sobre os anos 1920 e demasiado enfoque na CSN, a partir da década de 1940. Especificamente, sobre o município de Barra Mansa, no campo da História Social do Trabalho e outras áreas da História, não foram encontradas produções acadêmicas que tenham como tema a industrialização, raça e classe e ou relações raciais no mundo do trabalho da cidade nas décadas de 1920 e 1930. Já sobre a década de 1940 há trabalhos com estas perspectivas, porém voltados apenas para a Siderúrgica Nacional.

Análises parciais sobre industrialização só foram encontradas na tese de doutorado em história política de André Luiz Faria Couto[57], nas introduções dos trabalhos integrados à História Social do Trabalho, como o livro de Edgard Domingos Aparecida Tonolli Bedê: *Formação da classe operária em Volta Redonda* e o livro de Sérgio Martins Pereira, *Sindicalismo e Privatização*: o caso da Companhia Siderúrgica Nacional. A respeito das discussões de raça e classe, há o livro de Oliver Dinius[58] e a tese de Leonardo Ângelo da Silva[59] ambas com ênfase na CSN e Volta Redonda.

Entre os anos 1970 e o início dos anos 2000 (dentro dos limites desta pesquisa) foram contabilizadas mais de 10 monografias de historiadores da região que seguem um padrão estrutural onde a história local é dividida entre ciclos econômicos, meios de produções que vão do café à pecuária e da pecuária para o processo de industrialização, sem um debate mínimo sobre escravização, trabalhadores livres e muito menos a composição racial dos mesmo após a abolição. Algumas dessas mais notórias e conhecidas localmente que outras, como os trabalhos de Alkindar Cândido da Costa e Roberto Guião de Souza Lima.

---

[57] COUTO, André Luiz Faria. **Do império à república**: a vida política no município de Barra Mansa. Rio de Janeiro: FGV, 2016. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, 2016.
[58] DINIUS, Oliver. **Work in Brazil's Steel City:** A History of Industrial Relations in Volta Redonda, 1941–1968. PhD, dissertation in History, Harvard University, 2004.
[59] SILVA, Leonardo Ângelo**. Volta Redonda em Preto e Branco**: Trabalho, desenvolvimentismo e Relações Raciais. 2019. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Destaca-se o livro de Lima *Volta Redonda do Café e do Leite*: *140 anos de história*, bem mais recente do que o de Costa, por organizar todo o livro em ciclos econômicos. Todavia, é importante destacar que a obra de 2004 apresenta Volta Redonda com 140 anos, na década de 1960 Athayde defendeu 220 anos da cidade, seguindo a lógica de desvencilhar da cidade como distrito de Barra Mansa. De forma bastante breve, essa confusão sobre a idade da cidade também está relacionada à tentativa de desvincular fatores que influenciam diretamente nas noções de raça e classe nas duas localidades, como veremos melhor adiante.

Para além do recorte temporal, a monografia de Lima contém poucas notas explicativas e ou citações no corpo do texto, apenas são evidenciadas algumas referências gerais no fim o livro. O trabalho é dividido em 4 ciclos: (i) o século XVIII marcado pela presença de "aventureiros" que não permanecem na região, sem qualquer citação aos indígenas. (ii) o ciclo do Café entre 1820-1890 destacado como base para economia e independência do país, mas sem qualquer debate ou citação a respeito da mão de obra escravizada. (iii) o ciclo da pecuária leiteira (1900-1940) marcado pelo declínio das fazendas fluminenses, melhoramento urbano, mas longe da prosperidade do café, segundo Roberto Lima[60]. O quarto e último ciclo no texto é o industrial iniciado em 1941 aos dias atuais que se limitava ao ano de produção da monografia, 2004.

Nesta linha, não há nenhum impacto dos trabalhadores rurais seja no oitocentos ou no século XX até porque as narrativas dos fatos mencionam as fazendas de café sem citar Barra Mansa a mão de obra escravizada não entra nos debates. A premissa é a mesma em relação ao trabalho livre no século XX as fazendas entram e saem de um declínio econômico sem qualquer menção aos trabalhadores livres das mesmas. Para mais, outro ponto central a construção argumentativa, na maioria das vezes, é constituída como se no início do século XX a CSN já fosse a solução econômica da região, o mundo rural e as especificidades da primeira república são ofuscadas frente a inauguração da Siderúrgica Nacional no Estado Novo.

O historiador Dalmir Monteiro Corrêa em seu livro *O Vale do Paraíba Fluminense: aspectos da formação social e econômica*, escrito nos anos 1980, busca realizar uma síntese da história do Sul Fluminense. Porém, boa parte da obra focaliza na produção cafeeira da região

[60] LIMA, Roberto Guião de Souza. **Volta Redonda do café e do leite**: 140 anos de história. Volta Redonda-RJ, Nogueira Artes Gráficas, 2004.

com referências e notas explicativas. Ao analisar a "sociedade do café sul fluminense", Corrêa enfatiza o protagonismo da mão de obra escravizada, bem como o crescimento do tráfico na região. Diferente das produções anteriores, Monteiro Corrêa salienta a grande divisão local entre homens livres e escravizados, onde muitas vezes a parcela de cativos foi maior que de munícipes livres, mas o autor não adentra nessas relações, apenas destaca o pequeno núcleo de classe média da região composto por médicos, professores, advogados e juízes com o intuito de desvencilhar a ideia de só existir fazendeiros e escravizados no Vale Fluminense[61]. Bastante influenciado por Stanley Stein, Octavio Ianni, Celso Furtado e Caio Prado Júnior, Dalmir Corrêa focaliza nos aspectos econômicos no século XIX com o intuito de situar o Sul Fluminense oitocentista na história nacional e sua relação com o mercado capitalista global[62], aqui outro importante diferença em relação aos memorialistas.

Quanto ao pós-abolição, Corrêa não difere das principais teses de sua época, para ele a decadência do Sul do Estado tinha dois principais motivos, primeiro o esgotamento do solo e a grande concorrência do café paulista, o segundo motivo estava na abolição do trabalho escravo e somados esses fatores explicariam a falência dos fazendeiros locais. Outrossim, Dalmir Corrêa reitera que este declínio resulta no êxodo de trabalhadores rurais "um deslocamento do elemento negro dentro das novas condições sociais criadas pela abolição"[63]. Nesta linha, claramente influenciado por Florestan Fernandes, o historiador Sul Fluminense afirma que a Primeira República na região é marcada por estagnação seguida de decadência econômica. Para manter os ex-cativos foi necessário oferecer "salários relativamente altos e afrouxar as normas de trabalho"[64] o historiador prossegue o debate e denota que:

> Cabe tão somente lembrar que reduzido desenvolvimento mental da população submetida à escravidão provocará a segregação parcial desta após a abolição, retardando sua assimilação e entorpecendo o desenvolvimento econômico do país. Por toda a primeira metade do século XX, a grande massa dos descendentes da antiga população escrava continuará vivendo dentro do seu limitado sistema de

[61] CORRÊA, Dalmir Monteiro. **O Vale do Paraíba Fluminense** - Aspectos da formação Social e Econômica. Rio de Janeiro. Gráfica e Editora Jornal de Hoje Ltda, 1980. p.49.
[62] Ibid. p.54.
[63] Ibid. p.57.
[64] Ibid. p.55

> 'necessidades', cabendo-lhes um papel puramente passivo nas transformações econômicas do país[65].

Mediante essas colocações fica evidente a forte influência da sociologia paulista na produção de Dalmir M. Corrêa. Para ele, os ex-escravizados e seus descendentes estavam inertes social e economicamente no Vale Fluminense, na mesma perspectiva em que Fernandes interpretou o negro pós-emancipação em São Paulo e com o forte adendo do "reduzido desenvolvimento mental" que inferioriza a população negra escravizada e seus descendentes. Nas considerações finais do livro, Corrêa reforça a influência de Fernandes, pois de acordo com ele o trabalhador negro e a mucama não foram integrados na sociedade brasileira, não tinham preparo prévio para a liberdade e foram entregues à própria sorte após deixarem as fazendas do Sul Fluminense no período republicano[66]. Ainda que municiado de referências e fontes, a análise genérica de Corrêa manteve a interpretação de Florestan Fernandes do negro em estado de *anomia*, sem capacidade de lidar com a liberdade por sua redução intelectual. Ademais, tal como nas obras memorialísticas, o negro em sua argumentação só teria se movimentado para deixar a região e em nada teria contribuído para a retomada de crescimento do Vale.

Além disso, o autor alega um afrouxamento das normas de trabalho para manter os ex-cativos e seus descendentes nas fazendas locais[67]. Esta é uma análise técnica de 1980 e corresponde a alguns debates de sua época, mesmo que seja o livro de síntese reproduz a ausência de ação do negro região Sul Fluminense. Desta forma, é pertinente perceber como outras pesquisas, principalmente as inscritas na história social do trabalho mobilizaram os trabalhadores negros e mundos do trabalho em geral, após o trabalho de Dalmir Corrêa. Dado as modificações nos debates historiográficos no decorrer dos anos 1980 devido as novas questões postas pelos movimentos sociais no Brasil, com destaque para o Movimento Negro Unificado (MNU)[68]. As mudanças políticas do país e o crescimento dos programas de

---

[65] Ibid. p.58
[66] CORRÊA, Dalmir Monteiro. op.cit. p.61.
[67] Ibid.
[68] Fundado em 18 de junho de 1978 com representantes de vários grupos se reuniram, em resposta à discriminação racial sofrida por quatro garotos do time infantil de voleibol do Clube de Regatas Tietê e a prisão, tortura e morte de Robison Silveira da Luz, trabalhador, pai de família, acusado de roubar frutas numa feira, sendo torturado no 44 Distrito Policial de Guaianases, vindo a falecer em conseqüência às torturas. O MNU o primeiro movimento social no processo de abertura a partir fim dos anos 1970 e foi umas das principais instituições na luta contra o racismo desde então. Para mais, Ver: PEREIRA, Amílcar Araújo. **"O Mundo Negro"**: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995), 2010. Tese (Doutorado)

pós-graduação das ciências humanas, especificamente nos estudos de história trouxeram avanços teóricos e metodológicos. No campo dos estudos da história social, por exemplo, a influência da obra de E.P Thompson *Formação da classe operária inglesa* (traduzida no país em 1987) influenciou e promoveu novos paradigmas, conceitos e métodos.

De forma concisa, não há análise dos processos históricos na maioria das produções memorialísticas acerca de Volta Redonda. Uma vez que o município está sempre isolado dos acontecimentos nacionais, sequer é demonstrado sua relação com a cidade a qual fazia parte antes da emancipação, a população só aprecia como cifras e a ação pertencia aos políticos. A economia dita os marcos históricos, sem a presença de trabalhadores (homens e mulheres, negros e brancos), ou seja, um apanhando de dados que reforçaram na região uma noção de história sem pessoas, de um progresso sem trabalhadores (escravizados e livres), de uma cultura influenciada pelas grandes famílias senhoriais, sem indígenas em sua origem que se limitou aos aventureiros da corte portuguesa.

Ainda que tenham seu protagonismo e pioneirismo em dar ênfase ao Sul Fluminense, os trabalhos memorialísticos pouco contribuíram para discutir a classe trabalhadora e a população negra local, principalmente no limbo historiográfico entre a abolição e a constituição da CSN e privilegiaram o protagonismo dos potentados cafeeiros, leiteiros e seus descendentes. Logo, a manutenção da hegemonia da branquitude senhorial na microrregião.

As dissertações de mestrado em arquitetura e urbanismo de Aloísio Lélis e Andréa Auad Moreira seguem as análises seguem os métodos da área, denotam muito mais as modificações dos modos de produção e alterações urbanísticas do que a classe trabalhadora como agente neste processo. Na obra de Lélis, investiga-se a industrialização da cidade que para ele ocorre a partir da década de 1930. Lélis afirma que a industrialização é incentivada no município por conta da sua posição geográfica e acrescenta, apenas a importância da ferrovia central do Brasil, que interligava a região Sul Fluminense e a Capital Federal, Rio de Janeiro[69]. Segundo ele, apesar da chegada de indústrias, a cidade ainda apresentava moldes

– Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

[69] LELÍS, Aloísio. **O papel da ferrovia na configuração do território de Barra Mansa – RJ. 2009**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. p. 7.

ruralistas, e a ocupação acelerada dos trabalhadores fez aumentar a demanda por moradias na cidade[70].

A dissertação de Moreira, denota o impacto da industrialização de Barra Mansa na política, mídia local e na Capital Federal. De acordo com a mestra em Arquitetura, a inserção das primeiras indústrias no município causou um aumento expressivo da população e da atividade comercial[71]. Além disso, afirmou a ideologia de modernidade que se estabelecia na cidade. O advento da industrialização e o crescimento a ela atribuído, rende a Barra Mansa o epíteto de Pittsburgh Fluminense[72]. A autora nota que "havia que se suplantar a sua identidade ligada à atividade agrária, que, no caso dos municípios fluminenses, associava-se à ideia de atraso"[73].

Especificamente nas produções historiográficas inscritas na história social do trabalho, destaca-se o trabalho de Edgard Bedê. O historiador ressalta, assim como Lélis, que o principal motivo para industrialização de Barra Mansa nos anos 1930 foi sua localização geográfica, próxima de São Paulo e Minas Gerais. Por este motivo a cidade teria recebido grande atenção da atuação modernizadora do Estado brasileiro nos anos 1930 objetivando desenvolver o mercado interno e industrializar o país[74].

Ainda conforme Bedê, é nesse período em que Barra Mansa recebe suas principais indústrias: Moinho Fluminense (1932), Metalúrgica Barbará (1937), Siderúrgica Barra Mansa (1937) e a Companhia de Alimentos Nestlé (1937). O historiador também destaca que, na década de 1930, só existiam 17 indústrias do ramo siderúrgico no Brasil, e Barra Mansa era a única cidade que concentrava duas indústrias do ramo e deixa claro:

> para o projeto industrialista do Governo Vargas na década de 1930, principalmente a partir de 1937 no Estado Novo, não eram apenas as particularidades geográficas que tornavam Barra Mansa atrativa para o mercado, mas também os baixos salários oferecidos no

[70] Ibid. p.8
[71] MOREIRA, Andréa Auad**. Barra Mansa, Imagens e identidades urbanas**. 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002. p.34.
[72] O apelido utilizado originalmente na obra de Moreira é "Manchester Fluminense", mas ao adentrarmos nas pesquisas dos periódicos da época e os escritos de memorialistas coetâneos ao processo de industrialização, o epíteto referente a Barra Mansa era Pittsburgh Fluminense e não Manchester, dado que este era o apelido de São Gonçalo no mesmo período. Ver: ARAÚJO, Victor Leonardo; MELO, Hildete Pereira. O processo de esvaziamento industrial em São Gonçalo no século XX: auge e declínio da "Manchester Fluminense". Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, n. 4, mai. 2014.
[73] MOREIRA, Andréa Auad. op. cit. p.35
[74] BEDÊ, Edgard Domingos Aparecida Tonolli. **Formação da classe operária em Volta Redonda**. Volta redonda: Nova gráfica e editora, 2010. p.18.

> município e o afastamento político da força de trabalho das regiões centrais da capital federal[75].

Ademais, Tonolli Bedê chama a atenção para outros dois pontos importantes a respeito do processo de industrialização em Barra Mansa: i) os baixos salários, que segundo ele, eram 40% mais baixos em comparação aos salários da capital; ii) o afastamento político da força de trabalho das organizações sindicais da Capital Federal[76]. Estes fatos, segundo o autor de *Formação da Classe Operária em Volta Redonda*, diminuíam a possibilidade de organização e reivindicação dos trabalhadores por melhores salários e condições de serviço[77]. O jornal *Voz operária* destacava no fim dos anos 1930 o "salário de fome" pago pela Siderúrgica Barra Mansa, além das péssimas condições de trabalho, desde a falta de equipamentos de segurança até a ausência de banheiros dentro da fábrica[78] .

A obra de Edgard Bedê tem como objetivo perscrutar os elementos constitutivos do operariado volta-redondense, por isso Barra Mansa só é mobilizada na introdução. Mas a cor dos trabalhadores e trabalhadoras sequer é levada em consideração (seja Barra Mansa ou de Volta Redonda), apesar de Bedê destacar a chegada de trabalhadores do Nordeste e Minas Gerais[79].

Em consonância com o exposto aqui, não foram encontrados muitos trabalhos inscritos na história social do trabalho sobre o pós-emancipação, raça e racismo. É notória a influência da história social em alguns dos vários trabalhos sobre escravização no Sul Fluminense como os trabalhos de André Rocha Carneiro sobre o tema em Barra Mansa no período do café voltada para indígenas, africanos e seus descendentes que protagonizaram a produção em massa do "ouro negro" no Sul Fluminense[80]. O fato é que poucas pesquisas adentraram em questões sobre raça e/ou classe até o início dos anos 2000 como os trabalhos de Edgard Tonolli Bedê[81] . Antes disso, há muitas produções focados na história da CSN e

---

[75] Ibid. p.20
[76] Ibid.
[77] BEDÊ, Edgard Domingos Aparecida Tonolli op. cit. p. 25
[78] Voz operária. **Salário de Fome em Barra Mansa** – Rio de Janeiro, 07 jun. 1949.
[79] BEDÊ, Edgard Domingos Aparecida Tonolli. op. cit. p.53.
[80] CARNEIRO, André Rocha. **Ouro negro**: café e escravos na formação da classe senhorial em um município do Vale do Paraíba Fluminense –Barra Mansa no século XIX. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.
[81] BEDÊ, Edgard Domingos Aparecida Tonolli op. cit.

nos anos 1990 em diante o foco são nas greves ocorridas em Volta Redonda entre 1970 e 1980.

Tonolli Bedê não só excluí a cor dos atores que compõem o movimento operário, como também retira deste processo os trabalhadores e mundos do trabalho anteriores ao seu recorte inicial, 1941, data da inauguração da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Mesmo que seu trabalho contenha métodos e debates inovadores em relação a historiografia local até então — principalmente o escopo documental apresentado e as contribuições teóricas gramscianas para pensar Volta Redonda — Bedê destoa da noção de classe enquanto processo histórico, um prisma caro em E.P. Thompson[82], justamente por não considerar ou compreender que os trabalhadores rurais, majoritariamente negros e seus descendentes na região compõem a classe trabalhadora presente na constituição da CSN.

Esta ausência de preocupação e enfoque nos trabalhadores rurais e de outras áreas para além da fábrica no trabalho de Bedê, está vinculada à uma perspectiva da própria história social do trabalho que por muito tempo mobilizou e compreendeu classe quase que exclusivamente no espaço fabril. O segundo ponto está vinculado à ausência do pós-emancipação nos trabalhos historiográficos e memorialísticos anteriores à obra do mesmo, dado que esse período da história local não esteve no cerne das discussões sociais, econômicas e raramente nos debates sobre política e como vimos até aqui, não ultrapassou interpretações rasas de declínio econômico e migração dos negros para campos de trabalhos mais prósperos. Ou seja, há nesse aspecto a reprodução do *limbo historiográfico* acerca da população negra, pós-emancipação e seus descendentes resultou na desconsideração destes para o sentido de classe operária na região, tornou-se convencional desassociar qualquer relação do Vale cafeeiro oitocentista com os processos históricos do século XX.

Dessa maneira, até a obra de Bedê, a historiografia fluminense detinha o *paradigma da ausência* do negro (bem como as ciências sociais, economia e antropologia) apontado pelo historiador Álvaro Nascimento como uma característica recorrente em pesquisas relacionadas aos mundos do trabalho, assim como o racismo, como já destacado na introdução. Visto que as teses, dissertações e livros de história da microrregião, incluindo os inscritos na história social e história do trabalho, consideram a constituição da classe operária

[82] THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. v.1, v.2 e v.3.

local a partir de 1941 com a chegada da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) ou somente após a emancipação do distrito de Volta Redonda em 1954. Mesmo diante de inovações na historiografia, a amplitude dos debates dos movimentos negros sobre raça e racismo, estas pautas permaneceram distantes dos trabalhos de história do Sul Fluminense, seguindo o "clichê" da aparição do negro, na história local, somente na escravidão.

Ainda que a CSN desde a sua fundação, bem como sua sede, tenham sido consideradas, à época, símbolo da "modernidade e maturidade do Brasil"[83] e tenha de fato suas especificidades na dinâmica do trabalho, aumento populacional, migração para a região Sul Fluminense. Esta desvinculação dos mundos do trabalho de Barra Mansa e Volta Redonda a partir de 1941, resulta em distorções interpretativas a respeito da classe trabalhadora local, pois remete a uma ideia que, diferente de todo o Vale Fluminense, Volta Redonda não continha trabalhadores rurais e de outros setores, muito menos descendentes de escravizados.

Logo, mobilizar discussões a respeito da classe operária em Volta Redonda seja na década de 1940 ou 1950 sem considerar as experiências produzidas anteriormente no município do qual o distrito fazia parte (Barra Mansa), mais uma vez, rompe com a perspectiva thompsoniana de *classe* enquanto fenômeno histórico como iremos demonstrar no decorrer dos capítulos. Já o livro de Sérgio Martins Pereira, Sindicalismo e *Privatização: o caso da Companhia Siderúrgica Nacional*, apresenta algumas informações sobre Barra Mansa no período aqui pesquisado, mas, como o livro de Tonolli Bedê, somente na introdução devido ao recorte temporal da pesquisa do autor. Pereira aborda elementos sobre Barra Mansa na década de 1930 que são muito importantes para esta pesquisa, uma vez que o sociólogo mobiliza a transição do modelo rural para o urbano-industrial em Barra Mansa e a representação simbólica do "Novo Trabalhador"[84] , que se dá principalmente a partir do Estado Novo, com a chegada das grandes indústrias, como demonstrado por Tonolli Bedê.

O autor de *Sindicalismo e Privatização*: o caso da Companhia Siderúrgica Nacional destaca o papel da "família operária" dentro do processo de industrialização e modernização da cidade, dado que os trabalhadores e suas famílias adquiriam casas com saneamento básico

[83] VER GOMES, Ângela Maria de ê. **A invenção do trabalhismo**. 3. Ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.220.
[84] PEREIRA, Sérgio Martins. op. cit. p. 42.

e próximas às regiões centrais, sendo gratos à indústria e menos propício a reivindicações[85]. Esses são os únicos pontos trazidos pelo sociólogo a respeito de Barra Mansa.

Todavia, a tese de doutorado do historiador André Luís Faria Couto, *Do Império à República: a vida política no município de Barra Mansa*[86], pertencente ao campo da História Política, aborda o período compreendido entre as duas últimas décadas do Império (1870 a 1889) e o final da primeira república, em 1930. Por meio da tese de Faria é possível identificar as transformações sociais, espaciais e do mundo do trabalho barramansense na década de 1920 que não são mencionadas nas obras de Bedê e Pereira.

O historiador expõe a importância da chegada da energia elétrica em Barra Mansa, fato que possibilitou a chegada de pequenas indústrias de lacticínios e Indústrias têxteis no município de Barra Mansa[87]. Ele aponta, ainda, um aumento populacional na cidade após a chegada da energia elétrica e de pequenas indústrias. Embora o enfoque da tese de Faria Couto seja nas ações e no protagonismo político das elites barramansenses, ele afirma ser a partir da década de 1920 que Barra Mansa se desenvolve industrialmente[88]. Enfatiza que, ao mesmo tempo, a pecuária leiteira se consolida como principal atividade econômica do município[89]. A tese de Couto prioriza os debates e processos políticos e como as pesquisas inscritas na história social, não adentra nos debates confluentes entre classe trabalhadora, raça e relações raciais (nem nas relações políticas locais).

O limbo em cheque: novas perspectivas da história social no Sul Fluminense

Nesse sentido, a obra historiador Leonardo Ângelo da Silva, inscrita na história social do trabalho e bem mais recente que todos os trabalhos discutidos até aqui, denota preocupações acerca de raça e classe no município de Volta Redonda. Da Silva tem como ponto de partida os anos 1940 e destaca que os estudos sobre classe trabalhadora e Volta Redonda deixaram a questão racial em segundo plano, mesmo quando a temática é

[85] Ibidem. p. 43.
[86] COUTO, André Luiz Faria. op. cit.
[87] COUTO, André Luiz Faria. op. cit. p.232
[88] Ibid. 237
[89] COUTO, André Luiz Faria. op. cit.

abordada[90]. A tese intitulada *Volta Redonda em preto e branco: trabalho, desenvolvimentismo e relações raciais*, publicada praticamente dez anos após o livro de Edgard Bedê, tem como intuito demonstrar as relações raciais da fundação da CSN durante o nacional desenvolvimentismo até os anos 1980. Da Silva denota que a "classe trabalhadora de Volta Redonda tem cor" e expõe os conflitos, as organizações e experiência negra na cidade do aço, sem deixar de discutir classe trabalhadora, o que não é visto no trabalho de Bedê e muito pouco explorado na historiografia sul fluminense até então[91].

O trabalho de Da Silva é inovador no sentido metodológico, por mobilizar imagens e periódicos da CSN para comprovar a presença e ação negra no período, mas sua argumentação pouco dialoga com classe trabalhadora negra nativa da região e focaliza sua atenção na mão de obra migrante, tampouco mobiliza as possibilidades de continuidades e rupturas acerca das relações raciais antes da CSN. Isto não retira o mérito do trabalho que está preocupado em salientar racismo e as distinções em termos de classe entre negros e brancos a partir da CSN durante o nacional-desenvolvimentismo. Porém, a lacuna em relação aos mundos do trabalho, relações raciais e racismo presentes antes de 1941, permaneceu em aberto.

A perspectiva teórica e metodológica de Da Silva, assim como deste trabalho, coaduna-se com as análises de Álvaro Nascimento e outros no tocante à necessidade de incorporar a cor e raça nas pesquisas inseridas na história social do trabalho. Pois, como afirma Nascimento, o trabalho no Brasil tem em sua base a população negra desde o século XIX[92]. Barra Mansa não foge desta constatação, tanto pelas famílias negras remanescentes no pós-abolição, quanto pelas famílias negras migrantes que chegam na cidade durante o processo de industrialização entre os anos 1920 e 1930.

É pertinente destacar quem são esses trabalhadores rurais e urbanos sem o mínimo de segurança, recursos sanitários e baixa remuneração, como apontam o periódico *Voz operária* e o historiador Edgard Bedê na região. Assim como é de suma importância ressaltar que a industrialização na cidade e seus impactos para os/as trabalhadores/as é um processo

[90] SILVA, Leonardo Ângelo. **Volta Redonda em Preto e Branco**: Trabalho, desenvolvimentismo e Relações Raciais. 2019. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019ª. p.17.
[91] Ibid.
[92] NASCIMENTO, Álvaro Pereira. op.cit. p.607-626

social, político e econômico marcado pela raça e as distinções de classe causadas por ela muito antes da década de 1930.

Por mais que o trabalho de Da Silva represente um avanço numa região que pouco articulou *raça* e *classe*, assim como manteve o negro ausente das análises e debates historiográficos ao longo da segunda metade do século XX e início do século XXI, o limbo entre 1889 a 1930 esteve mantido até recentemente, aqui tentaremos aproximar as arestas do imediato pós-abolição até o fim dos anos 1920, com o intuito de contribuir para esse vácuo historiográfico, que necessitará de muitas outras contribuições para suprir a análise de processos históricos repletos de conflitos, contradições, rupturas e continuidades nos mundos do trabalho, na economia, na política e em todas as complexas dimensões daquela sociedade.

A crítica de E.P Thompson em relação a historiografia inglesa devido à ausência de fatos históricos e dimensões sociais nas análises sobre a classe trabalhadora local, guardadas as diferenças de contexto, abordagens e métodos, são válidas para os todos trabalhos mencionados até aqui, visto que, de acordo com E.P Thompson:

> Classe é uma formação social e cultural (frequentemente adquirindo expressão institucional) que não pode ser definida abstrata ou isoladamente, mas apenas em termos de relação com outras classes; e, em última análise, a definição só pode ser feita através do tempo, isto é, ação e reação, mudança e conflito. Quando falamos de uma classe, estamos pensando em um corpo de pessoas, definido sem grande precisão, compartilhando as mesmas categorias de interesses, experiências sociais, tradição e sistema de valores, que tem disposição para se comportar como classe, para definir, a si próprio em suas ações e em sua consciência em relação a outros grupos de pessoas, em termos classistas. Mas classe, mesmo, não é coisa, é um acontecimento[93].

Nesse sentido, a mesma premissa vale para o sentido de raça na virada do século, uma vez que esta noção é base para pensarmos a respeito do Brasil republicano, como essas relações são postas pós-1888, como os trabalhadores rurais descendentes de cativos se entendiam tanto nos mundos do trabalho como negros em Barra Mansa e região. A partir disso, por meio de quais moldes, pensamentos e paradigmas o meio urbano passa a ser

[93] THOMPSON, Edward P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. NEGRO, Antônio Luigi; SILVA, Sérgio (Org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p.169.

constituído, são questões muito pouco feitas e discutidas em relação ao Sul do Estado do Rio de Janeiro.

Para além da identificação da heterogeneidade dos trabalhadores/as, também é importante demarcar as distinções raciais nos mundos do trabalho em Barra Mansa, nesse período de crescimento econômico e habitacional e de modificações políticas em âmbito nacional anteriores ao golpe de Getúlio Vargas. Para isso, como aponta Nascimento, é necessário estreitar os diálogos com as pesquisas a respeito do pós-emancipação inserindo bibliografias que abordam escravidão, raça e racismo tanto quanto o cotidiano e luta dos trabalhadores[94].

Os estudos a respeito do pós-abolição no Sul Fluminense, como os de Carlos Eduardo Coutinho[95], Hebe Mattos[96], Ana Rios[97]e outros, deixam claro a importância do trabalho rural para a região, como Faria Couto a respeito da pertinência da pecuária leiteira para Barra Mansa[98]. Mas esses debates pouco adentram nos efeitos concretos da ideologia do branqueamento a partir de 1889, ao destacarem a luta por cidadania pouco articulam a exploração e hierarquias dos mundos do trabalho Sul Fluminense, nas pesquisas sobre cidadania, família o trabalho sempre é um fator tangencial como se não tivesse influência direta em todos esses outros fatores postos em análise.

Esta é a primeira lacuna entre raça e classe trabalhadora barramansense que pretendemos perscrutar, uma vez que a maioria dos trabalhadores rurais, da citada tida como a maior produtora de leite do país, eram não-brancos. Ao restringir a perspectiva de análise ao mundo fabril e urbano ou apenas a luta por cidadania, grande parte das vivências, anseios e lutas de trabalhadores não brancos ou racializados no campo, são deixadas de lado.

Consoante com Antônio Luigi Negro, as pesquisas mais tradicionais da história social do trabalho mantiveram classe social como uma categoria estruturada e estiveram mais preocupadas em pensar nas formações da classe somente a partir das fábricas[99]. Nesta linha,

---

[94] NASCIMENTO, Álvaro Pereira. op.cit. p.620

[95] DA COSTA, Carlos Eduardo Coutinho. **Migrações negras no pós-abolição do sudeste cafeeiro (1888-1940)**. Topoi, Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 101-126, 2015.

[96] MATTOS, Hebe. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no Sudeste escravista (Brasil, século XIX) - 3ed.rev. - Campinas, SP: Editora da Unicamp,2013

[97] RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. **Memórias do cativeiro**: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

[98] COUTO, André Luiz Faria. op. cit.

[99] NEGRO, Luigi Antônio. **Imperfeita ou refeita?** O debate sobre o fazer-se da classe trabalhadora inglesa. Revista brasileira de História, São Paulo, v. 16, n. 31-32, p. 40-61, 1996.

o trabalho rural não é levado em consideração, os fazendeiros não são vistos como capitalistas, o trabalho no campo é interpretado de maneira arcaica e desta forma, os métodos de organização e exploração presentes nas lavouras, com um número elevado de trabalhadores não são tidos como parte desta classe[100]. As críticas de Negro se aplicam aos trabalhos sobre Barra Mansa que desconsideram os rearranjos das experiências dos trabalhadores rurais entre o pós-abolição e o período de industrialização.

Além disso, nenhum destes trabalhos mencionados até aqui, até mesmo os que denotam as questões raciais somente na CSN, articulam as experiências, memórias e possíveis permanências do mundo do trabalho escravista do século XIX nesta nova configuração de trabalho estabelecida no Vale do Paraíba Fluminense entre 1888 e 1929.

Pois, como já ressaltado, os municípios locais não estavam isolados e como veremos melhor adiante, havia uma circulação de colonos e suas famílias entre estas cidades. Além disso, é de suma importância ampliar o debate da migração e do pós-emancipação para além de um debate econômico, onde as produções se concentram — e pouco se associam as noções de classe e raça entre 1889 e 1920 — como se o Vale tivesse modificado seus ciclos econômicos sem pessoas, ou com pessoas sem cor e sem qualquer outra identidade de classe, gênero, etnia, etc. As mudanças econômicas perpassam por pessoas com cor, perspectivas, contradições e são processos que não ocorrem do dia para a noite.

São aspectos e lacunas como estas abordadas acima que abordo em minha dissertação *Colonos "jecas" e padeiros rebeldes: raça e classe trabalhadora no pós-abolição em Barra Mansa (1888-1929)*[101]. Ao analisar minuciosamente a classe trabalhadora barramansense entre o 13 de maio de 1888 até os anos finais da Primeira República a dissertação em questão buscou aproximar as arestas do limbo historiográfico Sul Fluminense. A partir disso, apresenta novas questões sociais, raciais econômicas para a região, mas seu intuito não era dar conta de todas essas lacunas e sim apresentar novos atores, contextos, experiências, conflito e solidariedade entre 1888 e 1929 que foram poucos considerados no tocante a raça e classe.

A pesquisa demonstra que a migração destas famílias rurais como uma resposta à desigualdade racial e de classe, sem condições de trabalho e cidadania. Deixar o local de

[100] GOMES, Flávio dos Santos; NEGRO; Antônio Luigi. **Além de senzalas e fábricas**: uma história social do trabalho. Tempo Social: revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 217-240, 2006.
[101] ALVES, Thompson Clímaco. **Colonos "jecas" e padeiros rebeldes: raça e classe trabalhadora no pós-abolição em Barra Mansa (1888-1929)**. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

trabalho e ou o local de nascimento não foi mero acaso e sim uma tentativa de sobrevivência dos mesmos e não pode ser desconsiderada, essa foi uma das preocupações que tivemos o intuito de ressaltar. As movimentações dos homens do campo influenciaram diretamente à reconfiguração do ruralismo, calcado nas relações paternalistas e baseados no escravismo, que ao buscar alternativas preferiu excluir esses trabalhadores rurais que sustentaram o trabalho no campo, por meio da eugenia rural e branqueamento difundido no slogan de "progresso" como fabril, urbano e branco.

Assim, seja na migração ou na permanência mediante o campesinato itinerante, os trabalhadores rurais influenciaram na vida política, econômica e social de Barra Mansa. Em conformidade com à máxima de Marcelo Badaró Mattos mencionada na introdução "numa sociedade como a brasileira, marcada por quase quatro séculos de escravidão, não seria possível pensar o surgimento de uma classe trabalhadora assalariada consciente de si sem levar em conta as lutas de classe desenrolaram entre os trabalhadores escravizados e seus senhores"[102]. Mattos salienta que a partir das análises de trajetórias de lideranças do movimento operário, também no Rio de Janeiro (Incluindo trabalhadores de padaria), ocorreu um compartilhamento de experiências de trabalho e vida em algumas cidades brasileiras com forte presença da escravidão, ao longo do século XIX. Estas trajetórias e seus cruzamentos entre trabalhadores escravizados e livres demonstram formas de organização e de luta, gerando valores e expectativas comuns[103].

Algo similar com o que fora apresentado na conjuntura de Barra Mansa, os anseios por cidadania resultaram em ações rurais e urbanas. Logo, não é possível deixar de analisar possíveis relações da experiência de libertos e seus descendentes presente nas lutas dos operários do comércio.

Ainda que haja lacunas acerca das relações com o movimento operário em outras cidades do Sul Fluminense, assim como ausência da cor foi possível identificar que ao longo da Primeira República, em Barra Mansa, houve mobilização e capacidade de organização dos trabalhadores do comércio (principalmente dos padeiros) em busca de cidadania e equidade com outras categorias dentro e fora da cidade. As constantes requisições dos trabalhadores deste setor fazem parte da experiência do mundo do trabalho barramansense, bem como a

[102] MATTOS, Marcelo Badaró. Trajetória entre fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro. Revista Mundos do Trabalho, vol.1, n. 1, p. 51-64. janeiro-junho 2009. p.55.
[103]Ibid. p 51.

migração dos trabalhadores rurais em busca de melhores condições de vida e trabalho[104] e precisam ser levadas em consideração nas análises acerca da classe trabalhadora local e não só as greves e mundo do trabalho fabril que visavam aumento de salário. Afinal, os operários fabris também vivenciaram essas reivindicações e conquistas dos proletários do setor comercial e das comunidades rurais ao tirar a fábrica de adubos de seus arredores.

Nessa linha, pesquisa de Maria Fernanda Rodrigues acerca do pós-abolição em Resende também tem contribuições importantes e inovadoras para a região que precisam ser lidas e discutidas. A historiadora denota, sob novas perspectivas, os processos econômicos e sociais de Resende pós-1888 para além da perspectiva da estagnação econômica. Para Fernandes, houve medidas de recuperação econômica na região para os produtores de café e pecuaristas. Ademais, tais medidas foram a saída encontrada pelo Estado para inserir novas culturas e acelerar as transformações diante da crise do setor cafeeiro:

> Portanto, podemos observar que no próprio cenário de pós-Abolição, de crise da economia cafeeira e outros problemas enfrentados nas regiões fluminenses, encontramos ideias de soluções para tais questões, ora como sugestões de indivíduos capazes de vislumbrar na diversificação da agricultura a solução, ora naqueles que investiram tudo que possuíam na pecuária. O fato é que durante a Primeira República, no estado do Rio de Janeiro, a política estadual visava recuperar o mais rápido possível a desvantagem que a monocultura concedeu à economia fluminense. Assim, apontamos algumas as medidas aplicadas para a valorização da policultura no estado, muitas destas em resposta aos anseios daqueles que já vinham ensaiando a substituição dos cafezais[105].

Outro ponto bastante importante ressaltado por Fernandes e abordado ao longo deste texto é a permanência do café na produtividade fluminense, como bem reforça a historiadora, não é uma substituição imediata como descreveram os memorialistas e algumas obras mais consolidadas na história como apresentado na introdução. Para mais o trabalho de Rodrigues faz uma pesquisa minuciosa, sobre as mudanças econômicas de Resende que vale o estudo comparativo para a região ao analisarmos outras cidades.

---

[104] ALVES, Thompson Clímaco. **Colonos "jecas" e padeiros rebeldes: raça e classe trabalhadora no pós-abolição em Barra Mansa (1888-1929)**. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

[105] RODRIGUES, Maria Fernanda de Oliveira Coutinho. **A pecuária leiteira no pós-abolição- As transformações econômicas em Resende-RJ (1888-1940**) in ABREU, Marta; PEREIRA, Matheus Serva (orgs.) Caminhos da liberdade: histórias da abolição e do pós-abolição no Brasil. – Niterói: PPGHistória- UFF, 2011 p.377.

Nesse ínterim de novas contribuições, também estão as pesquisas do historiador Felipe de Melo Alvarenga que mobiliza importantes considerações sobre a influência indígena no Vale Fluminense. Alvarenga, analisa os conflitos agrários e étnicos relacionados aos indígenas na região ente os séculos XVIII e XIX, o historiador apresenta uma perspectiva importante da presença indígena muito pouco abordada na região tal como a especificidade da população negra pós-1888. Para ele é importante pluralizar o debate sobre propriedade e direito a terra na região antes e durante a chegada do plantio de café na localidade:

> [...] sempre quando falamos de consolidação da propriedade cafeeira, é necessário ter em mente o processo de expropriação de outra propriedade – a indígena – que existiu naquela Serra fluminense. Ao conferirmos visibilidade a este Vale do Paraíba indígena que existiu antes do Vale do Paraíba cafeeiro, reconhecemos que "o índio não virou pó de café" e que a resistência destes povos indígenas merece ser recontada e revisitada pela historiografia, que focaliza o seu olhar para o desenvolvimento econômico ímpar conquistado por esta região opulenta do Vale do Paraíba nos tempos áureos do café no Império do Brasil[106].

Os trabalhos expostos nessa seção são apenas algumas amostragens de novas abordagens historiográficas sobre o Sul Fluminense que privilegiam pessoas e grupos pouco abordados nos trabalhos acadêmicos da região[107]. Que evidenciam, homens e mulheres não brancos como protagonistas numa região marcada pelo trabalho escravo como apontado ao longo do texto. Devido às limitações do artigo não seria possível apontar uma gama maior de trabalhos, mas os que foram apresentados no tópico são importantes para uma reflexão e abrangência dos processos históricos da região em análise.

Considerações Finais

Mediante o exposto, o presente artigo buscou discutir o limbo historiográfico no que tange aos mundos do trabalho e a população não branca do Vale do paraíba fluminense, com ênfase

[106] DE MELO ALVARENGA, Felipe. **Por um Vale do Paraíba Indígena:** conflitos étnicos e a transformação da propriedade dos índios em Valença (1780-1835). REVISTA DE HISTÓRIA , v. 181, p. 1-45, 2022.

[107] Ainda que não aborde o pós-abolição especificamente o artigo de Alvarenga foi mobilizado para questionarmos e repensarmos a presença indígena no Vale Fluminense nos sécs. XVIII, XIX e até mesmo no pós-emancipação.

na população negra pós-1888. Foram feitas análises e críticas apenas das produções historiográficas com destaque para os trabalhos sobre a cidade de Barra Mansa e como a população negra é pouco (ou sequer) é mobilizada e o mesmo vale para os indígenas. Destacou-se como as produções sobre a região priorizaram os debates políticos e ou focalizaram nos ciclos econômicos sem pessoas. Obras que ressaltam os modos de produção, mas sem mobilizar quem produz. Ou seja, fala-se Vale do Café, mas não do Vale de indígenas, seus escravizados e seus descendentes, bem como fala-se cidades industriais ou cidade do aço sem destacar os operários.

Portanto, espera-se que este texto possa contribuir para a reflexão de um Vale do Café escravista, posteriormente de trabalhadores rurais e de operários. Não há processo histórico sem pessoas, e nesse sentido foram apresentadas algumas das novas produções acerca da região que não deixam de articular, raça, classe, etnia e economia em suas análises. Espera-se também que esses trabalhos (entre outros) inspirem novas pesquisas e perspectivas sobre o Sul Fluminense para que possamos superar trabalhos memorialísticos enrijecidos em números e dados sem grande contextualização. O mesmo vale para trabalhos historiográficos que deixaram de considerar homens e mulheres que fizeram parte da história Sul Fluminense, tal como sua cor e origem, mesmo fora da Câmara de Vereadores e ou Prefeituras. O preenchimento do *Limbo Historiográfico* Sul Fluminense, tal como todos paradigmas presentes na História enquanto ciência, é um processo coletivo.

Referências bibliográficas

ALVES, Thompson Clímaco. **Colonos "jecas" e padeiros rebeldes: raça e classe trabalhadora no pós-abolição em Barra Mansa (1888-1929)**. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

ALVES, Thompson Clímaco. **Entre lavouras e fábricas**: trabalhadores e industrialização no município de Barra Mansa (1920-1930). Rio de Janeiro, 2021. Monografia (Graduação em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

ALVES, Thompson Clímaco; BISPO NETO, Antonio Ramos. **Ferreiros, escravos operários e metalúrgicos**: trabalhadores negros e a metalurgia na cidade do Rio de Janeiro e na microrregião Sul Fluminense (Século XIX e XX). CANTAREIRA (UFF), v. 1, p. 12-33, 2021.

CORRÊA, Dalmir Monteiro. **O Vale do Paraíba Fluminense** - Aspectos da formação Social e Econômica. Rio de Janeiro. Gráfica e Editora Jornal de Hoje Ltda, 1980.

COUTO, André Luiz Faria. **Do império à república**: a vida política no município de Barra Mansa. Rio de Janeiro: FGV, 2016. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, 2016.

DA COSTA, Carlos Eduardo Coutinho. **Migrações negras no pós-abolição do sudeste cafeeiro (1888-1940)**. Topoi, Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 101-126, 2015.

DE MELO ALVARENGA, Felipe. **Por um Vale do Paraíba Indígena:** conflitos étnicos e a transformação da propriedade dos índios em Valença (1780-1835). REVISTA DE HISTÓRIA , v. 181, p. 1-45, 2022.

DINIUS, Oliver. Work **in Brazil's Steel City**: A History of Industrial Relations in Volta Redonda, 1941–1968. PhD, dissertation in History, Harvard University, 2004.

GOMES, Ângela Maria de ê. **A invenção do trabalhismo**. 3. Ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. CARNEIRO, André Rocha. **Ouro negro**: café e escravos na formação da classe senhorial em um município do Vale do Paraíba Fluminense –Barra Mansa no século XIX. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

GOMES, Flávio dos Santos; NEGRO; Antônio Luigi. **Além de senzalas e fábricas**: uma história social do trabalho. Tempo Social: revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 217-240, 2006.

LELÍS, Aloísio. **O papel da ferrovia na configuração do território de Barra Mansa – RJ. 2009**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

LIMA, Roberto Guião de Souza. **Volta Redonda do café e do leite**: 140 anos de história. Volta Redonda-RJ, Nogueira Artes Gráficas, 2004.

MATTOS, Hebe. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no Sudeste escravista (Brasil, século XIX) - 3ed.rev. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. MOREIRA, Andréa Auad**. Barra Mansa, Imagens e identidades urbanas**. 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. **Trajetória de duas famílias nos pós abolição** (Nova Iguaçu, século XX). In: Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 6., 2013, Florianópolis.

NEGRO, Luigi Antônio. **Imperfeita ou refeita?** O debate sobre o fazer-se da classe trabalhadora inglesa. Revista brasileira de História, São Paulo, v. 16, n. 31-32, p. 40-61, 1996.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **"O Mundo Negro"**: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995), 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.
RIOS, Ana Lugão; Mattos Hebe. **Memórias do Cativeiro**: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RODRIGUES, Maria Fernanda de Oliveira Coutinho. **A pecuária leiteira no pós-abolição- As transformações econômicas em Resende-RJ (1888-1940**) in ABREU, Marta; PEREIRA, Matheus Serva (orgs.) Caminhos da liberdade: histórias da abolição e do pós-abolição no Brasil. – Niterói: PPGHistória- UFF, 2011.
SALLES, Ricardo. **E o Vale era o escravo**: vassouras, século XIX: senhores e escravos no coração do Império Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SILVA, Leonardo Ângelo**. Volta Redonda em Preto e Branco**: Trabalho, desenvolvimentismo e Relações Raciais. 2019. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, Leonardo Ângelo. **Companhia Siderúrgica**: a construção do discurso de classe trabalhadora como máscara para o racismo estrutural? (1946-1987). *Revista Perspectiva Histórica*, Salvador, v.9, n.14, p.83-108, 2019.

THOMPSON, Edward P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. NEGRO, Antônio Luigi; SILVA, Sérgio (Org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

Uma publicação da Academia Volta-redondense de Letras

www.avl.org.br